

*J. de Vasconcellos
Coimbra*

A LITERATURA E A RELIÇÃO

12605

DOS

ÁRIAS NA ÍNDIA

POR

G. de VASCONCELLOS ABREU

Lente de Língua e Literatura sanscritica
no Curso Superior de Letras,
Officier d'Académie, Bacharel em Matemática pela Universidade
de Coimbra, do Instituto de Coimbra,
da Société Asiatique.
Membro honorário e correspondente de outras
Sociedades científicas e Academias.



PARIS

P. 12605. P.

WILLARD, AILLAUD E C^{os}.

RUA DE SAINT-ANDRÉ-DES-ARTS, 47.

16 P.

1885



INCORPORAÇÃO

H G.

37916

À MEMÓRIA
DE
VICTOR MADAÍL DE ABREU
MEU PAI

(1811-1868)

He was a Man
SHAKESPEARE.



PARTE PRIMEIRA.

INTRODUÇÃO

LOGAR DA LITERATURA ÁRICA DA ÍNDIA NA HISTÓRIA
DA CIVILIZAÇÃO DO MUNDO
E SUA INFLUÊNCIA NO CRITÉRIO SOCIOLOGICO
MODERNO.

Bien qu'aujourd'hui déchu (le sanscrit) à juste titre du rang que lui avaient assigné nos premiers maîtres, il n'en garde pas moins une importance capitale en matière d'analyse morphologique.

ALFRED DETENS. — *Ess. s. l'orig. des exposants casuels en sanscrit.* 1883. p. 1.

In the history of the world the Veda fills a gap which no literary work in any other language could fill.

MAX MÜLLER — *A Hist. of ancient sa:skrit Literature.* 1859, p. 63



PREFÁCIO

Êste livrinho, e os que se lhe seguirem para realisação da obra « A literatura e a religião dos Árias na Índia », tem por fim dar conhecimento, a quem não é orientalista, da história dos estudos samseríticos, e do estado actual deles, — da ligação histórica dos povos áricos (ao menos pela linguaagem) da Índia com os da antiguidade clássica no sentido mais lato, e mesmo com os povos modernos da Europa, — da literatura, religião e outras manifestações de evolução social dos Árias na Índia, — da influência sobre eles exercida por outros povos (conjéneres principalmente), e da influência que eles exerceram sobre os povos aos quais por qualquer via chegou notícia ou elemento da civilização hindu.

Não tem aparato científico a obra agora encetada. Mas, lente como é de sâmscrito (língua e literatura samserítica clássica e védica), o autor não se tem furtado a sacrificios indis-

pensáveis a quem timbra em manter a dignidade de professor num instituto sem dotação para livros, e num país cujas bibliotecas públicas, mal dotadas, não lhe podem prestar o auxílio carecido, por se dispender a dotação na compra de outros livros mais procurados.

O presente volume reúne parte das lições feitas para rejência da 2.^a cadeira do Curso Superior de Letras em Lisboa, no ano de 1882-1883, e modificadas no ano seguinte, 1883-1884. O autor dá conta do estado da ciência e apresenta alguns modos de ver novos, e até por vezes seus. Os mestres na ciência verão por certo quanto ele lhes deve. Ao público, para cuja leitura destina o livro, carece o autor, porém, de dizer que teve sempre à mão as principais obras sôbre os seguintes assuntos :

História da antiguidade oriental; — História da Índia; — História da literatura samscritica; — História religiosa da Índia; — Filologia indiana; — Jeografia da Índia; — Crítica védica; — Memórias sobre assuntos especiais da Índia; — Glotologia árica; — Lexicografia árica;

Cujos autores são :

Albrecht Weber; — Anundoram; — Barth; — Benfey; — Bergaigne; — Bopp; — Böhlingk; — Burgess; — Burnell; — Burnouf (Eujénio); — Childers; — Colebrooke; — Cunningham; —

Curtius; — Darmesteler; — Delbrück; — Elliot; — Estrabão; — Fergusson; — Fick; — Foucaux; — Goldstücker; — Grassmann; — C. de Harlez; — Hang; — Heródoto; — Hodgson; — Hunter; — John Muir; — F. Justi; — Lassen; — Ludwig; — Max Müller; — Me. Crindle; — Molesworth; — Monier Williams; — Plínio; — Quinto Cúrcio; — Rawlinson (G. e H.); — Regnier; — Roth; — Sayce; — Sénart; — Spiegel; — Vivien de Saint-Martin; — Whitney; — Wilson; — Zimmer.

Carece ainda de dizer que possui os principais textos sanscíticos publicados na Europa, parte dos da «Bibliotheca Indica» e «Bombay Sanskrit Series»; os textos em pâli publicados por Fausböll; alguns dos principais periódicos de sociedades cultoras dos estudos orientais.

Finalmente deve dizer que para êste volume em especial tirou subsídio das seguintes obras mais :

A. E. Gough « The Philosophy of the Upanishads and ancient Metaphysics », London, 1882. — *A. De Gubernatis* « Gli Scritti del Padre Marco Della Tomba », Firenze, 1878. — *A. H. Sayce* « Lectures upon the Assyrian Language and Syllabary », London, 1877. — *Barthélemy Saint-Hilaire* « Premier mémoire sur le Sânkhya ». — *E. Grébaud* « Hymne à Ammon Ra » Paris, 1874. — *F. Lenormant* « Histoire ancienne de l'Orient jusqu'aux guerres médiques », (vol. I), Paris, 1881. — *H. Kiepert* « Lehrbuch der Alten

Geographie », Berlin, 1878. — *H. Oldenberg* (trad. ingl. de W. Hoey), « Buddha: His Life, his Doctrine, his Order », London, 1882. — *Joseph Edkins* « Chinese Buddhism: A volume of Sketches, historical, descriptive, and critical », London 1881. — *K. Penka* « Origines Ariacae: Linguistisch-ethnologische Untersuchungen zur ältesten Geschichte der arischer Völker und Sprachen », Wien, 1883. — *Lange* (trad. Pommerol) « Histoire du Matérialisme », Paris, 1877-79. — *Oscar Peschel* « Völkerkunde », Leipzig, 1876. — *Otto Schrader* « Sprachvergleichung und Urgeschichte: Linguistisch-historische Beiträge zur Erforschung des indogermanischen Altertums », Iena, 1883. — *Le Page Rénouf* « Lectures on the Origin and Growth of Religion as illustrated by the Religion of ancient Egypt », London 1880. — *Paul Pierret* « Le Livre des Morts des anciens Egyptiens », Paris, 1882. — *Paul Régnaud* « Matériaux pour servir à l'Histoire de la Philosophie dans l'Inde », Paris, 1876-78. — *P. Guéysse et E. Lefébvre* « Le Papyrus funéraire de Soutimès..... », Paris, 1877. — *Rājendralāla Mitra* « Notices of Sanskrit MSS. », vol. III. part II, n.º IX, Calcutta, 1875. — *Rhys Davids* « Buddhism (non-Christian Religious syst.) », London, 1878; « Indian Buddhism (H. Lect.) » London, 1881; « Buddhist Birth Stories... », London, 1880. — *Théodule Devéria* « Catalogue des Manuscrits égyptiens... du Musée du Louvre », Paris 1874. — *Victor Ancessi* « Job et l'Égypte... », Paris, 1877. — *Zeller* (trad. Alleyne) « A History of Greek Philosophy », London, 1881.

Depois de haver enviado o manuscrito do presente volume à casa editora, o autor saiu de Lisboa aonde só regressou em outubro. Nesta cidade veio encontrar duas valiosas publicações, que haviam sido recebidas em sua casa, e que elle deve à generosa amizade com que o penhoram Monsenhor C. de Harlez, o distinto cranista e sinólogo, lente na Universidade de Lovaina, e o senhor R. N. Cust, o douto e estinadíssimo secretário honorário da Real Sociedade Asiática da Gran Bretanha e Irlanda. São as duas publicações : o n.º 3 do tomo III do « Muséon » revista internacional dirigida por Monsenhor C. de Harlez, e um folheto « On the Origin of the Indian Alphabet » escrito pelo senhor Roberto Cust.

O número do « Muséon » surpreendeu o autor d'êste volume porque nele viu um artigo do senhor Geiger « A civilização dos Árias » i. e. Indo-Eránios, que é a demonstração cabal do que neste volume se lê acêrea da séde comum dos Árias asiáticos.

O sr. Geiger continua a sua preciosa investigação em o número de outubro recebido ha poucos dias.

E fóra de dúvida para quem escreve estas páginas que o senhor Geiger deixou demonstrado quo os Árias asiáticos viveram em comum na rejião a oeste do Indo, do norte ao sul do Hinducôs; que o seu território alcançava desde o Sir-Dariá até os desertos do Beluchistão; que mais tarde os Eránios do Avesta se estenderam pelo Corassan até a Média, e que os Hindus, chegaram ao Panjab depois de atravessarem para léste os montes de Solaiman. Depois de assentar estas conclusões no tocante à área jeográfica, reforça-as o senhor Geiger demonstrando quo o clima e os produtos da séde árica na Ásia, tanto quanto é possível deduzi-los das expressões comuns ao sânscrito e ao zenda, são o mesmo clima e os mesmos produtos do Hinducôs.

O folheto do senhor Cust é um magnifico resumo do (*é hoje a fórmula*) estado da questão acêrca da orijem do alfabeto indiano.

No Congresso dos Orientalistas, em Leide, em setembro de 1883, discutiu-se êste problema. Ficou todavia sem solução (1). O senhor

(1) A páj. 104-124 das « Actes du sixième Congrès international des Orientalistes, tenu en 1883, à Leide. Première partie: Compte-rendu des Séances. » Leide, 1884.

Cust historia e resume as opiniões e emite a sua. Os leitores estimariam por certo encontrar aqui o trabalho do senhor Cust trasladado a portugnês; sentimos que não caiba os limites dum apêndice.

Na sessão anual que a 27 de junho de 1884 celebrou a *Société Asiatique*, o senhor Darmesteter commemorava o passamento de tres membros dêste corpo científico : *Lenormant*, *Defrémercy*, *Sanguinetti*. Na sessão de 10 de Outubro, o senhor Barbier de Meynard, vice-presidente, communicava à Sociedade em nome do presidente o illustre Regnier já então muito doente, a morte de *Estanislau Guyard*, e pranteava o desastroso acontecimento do dia 16 de setembro que roubara a ele o seu discipulo, o seu amigo, e a nós todos o consócio estimadissimo, zeloso, cujo talento e cuja grande alma estiveram sempre ao serviço da nossa Sociedade, de Paris, e dos amigos e até simples conhecidos que tiveram a honra e a ventura de lhe apertar a mão.

Dez dias depois daquela última sessão, a 20 de outubro, finava-se *Adolfo Regnier* no palácio de Fontainebleau.

Comemora-os aqui, por obrigação de historiador e por dever de respeito e recordação pessoal, quem teve a fortuna de tratar com Lenormant e Guyard, e de sentir-se possuído de merecida veneração ao ver Regnier.



ortografia dêste volume é a adoptada pelo sindicato da « Bibliotheca » de que elle faz parte. Parecerá a muitos dos leitores extravagante por estranha. O sindicato espera ver em breve desaparecer a estranheza, porque os imparciaes hão de estimar que tivesse havido quem se abalançasse a realizar o *désideratum* de todos os que escrevem em língua portuguesa : banir a etimologjia pedante, sem cair em contradições destituídas de senso, sem querer impor a ninguém pronúncia exclusiva e contrária ao provincialismo de cada um, e manter a ortografia dentro de limites rigorosamente históricos e científicos.

Nesta mesma « Bibliotheca » terá o público, em breve, o « Vocabulário ortográfico » e no prefácio dessa obra verá as razões principais que levaram à reforma adoptada.

De nada mais portanto se adverte aqui o leitor no tocante a ortografia dos vocábulos portuguezes. É mister, porém, ponderar que na representação de vocábulos de línguas orientais aportuguesados agora, ou sem foros ainda na língua portugueza, obedecemos a sistema rigoroso mas desconhecido e que vamos submeter à crítica autorizada. Os vocábulos em sâmscrito vão transcritos em conformidade com o sistema já usado pelo autor no seu «Manual para o estudo do saõskrito classico», Lisboa, Imprensa Nacional, 1881.

Na transcrição científica usámos as *capitais menores* ou *versaletes*, e tanto para transcrever vocábulos samscriticos como gregos, latinos, ou de outra qualquer língua.

Para aportuguesar os nomes próprios, os étnicos e os títulos de obras, de povos estranhos, procedemos seguros e não ao sabor de predilecções particulares.

Até agora os vocábulos latinos eram trazidos para o idioma portugûês, por mera alteração, nem sempre coerente, das suas desi-

nências, ou ainda de um ou outro símbolo não usado nas *ortografias portuguesas*; e os vocábulos gregos eram, primeiramente latinizados, e submetidos depois ao mesmo processo. Os vocábulos estranhos de outras línguas, mormente orientais, com incontestáveis foros de cidade entre nós, foram aportuguesados pelos nossos classicos e quasi exclusivamente conforme o ouvido lhes aconselhava. Outros ha que modernamente entraram na *circulação* ou trazidos por jente indouta e sem critério ou por modernos escritores (alguns contemporâneos). Apresentam-se estes (os únicos discutíveis; aquelles devemos bani-los sem discussão) com tantas máscaras quantas são aquellas com que, mais bem ou mais mal disfarçados, eles se encontram nos inensos bazares das literaturas franceza, inglesa, e ainda alemã (coada todavia quasi sempre por capilos de aquém-Reno). É mercadoria avariada, cujo valor muitas vezes só podemos conhecer pela marca de fábrica. Ex.: *dseh* = *j*, logo proveniência alemã; *u* = *â*, logo proveniência inglesa; *ou* = *u*, logo proveniência franceza.

É necesario sustar a tempo tão extraordinária anarquia; nisto lidamos.

Com respeito aos nomes latinos e gregos romanizados, regulámo-nos em tudo e por tudo seguindo os preceitos assoutados para a ortografia que adoptámos de todos os vocábulos portuguezes. São ainda esses preceitos os que nos guiaram na romanização dos demais nomes ou dições várias de outros idiomas. Tais vocábulos são sempre romanizados, tendo-se em consideração a fórma que receberiam em latim e deduzindo-se desta a portuguesa.

Assim para os vocábulos do sâmscrito mantivemos os princípios de *transliteração* assoutados a páginas 174-175 do nosso « Manual para o estudo do sânskrito classico ». Entendemos, porém, que devíamos ampliar esses princípios : julgámos conveniente *transliterar* a sibilante dental dura, quando entre duas vogais, no interior do vocábulo, por *c*, *ç* ; fica por esta transliteração um símbolo simplez, com um som único em todo o país. Em harmonia com a nova ortografia conservámos os *hh* iniciais e os mediais que representam a própria aspiração, mas banimos os que representam aspiração de outra consoante.

A acentuação dos nomes samscricos romanizados fica em conformidade com a pro-

sódia latina, e suas modificações evolutivas no portuguez. Dêste modo, é a quantidade da última e sobretudo a da penúltima sílaba a que determina qual seja a sílaba tónica no vocábulo samserítico romanizado : *Quando a última sílaba é longa, em sâmscrito, o acento recai nela, e é marcado se o vocábulo termina em A(s), E(s), O(s), subentendido se termina em outra qualquer letra. — Quando a penúltima sílaba é longa, sendo breve a última, o acento recai naquela, e é subentendido se o vocábulo termina em A(s), E(s), O(s), marcado em qualquer outro caso. — Se o vocábulo tem as duas últimas sílabas breves, o seu resultante romanizado recebe o acento na antepenúltima, sendo em tal caso inalteravelmente indicada a acentuação na escrita.*

Sempre que soubermos de vocábulo já apor-
tuguesado pelos nossos cronistas da Ásia,
empregámo-lo tal qual, ainda quando contra-
riasse algum dos preceitos expostos. É óbvia
a razão : essas palavras são já portuguesas ;
e é mesmo justo (e a tal nos obrigamos) que
muitos dos nomes (e será fácil acontecer com
os étnicos), agora usados com uma fôrma por
nós deduzida segundo a doutrina exposta,
hajam de, em publicações posteriores, rece-

ber outra fôrma diverjente, se ellos houverem já figurado em escritor portuguez com autoridade sôbre o assunto, investidos nessa fôrma para nós desconhecida ao presente.

Procedendo, como fica dito, o autor não quis tirar ao seu livro o carácter popular. Mas porque mira a que o seu livro seja popular em um só dos dois sentidos que bem definiu Sheldon Amos (*in Science of Law*, 5.^a ed. p. IX-X), carece da transcrição científica e da transliteração rigorosa.

Com effeito um livro ou o ensinamento oral é popular num de dois sentidos : Se o autor ou orador tem o intuito de cativar polo estilo ameno e claro, em que expõe os resultados adquiridos pelo estudo a quem não pode fazê-lo sério e verdadeiro, e sabe de antemão que o leitor fecha o livro depois de lido, ou o ouvinte sai depois de ouvir a lição, com a curiosidade satisfeita e no cérebro com vagas noções e fogos fâtuos sem luz que elucide nom calor que retempere ; — é *popular* se consegue o seu fim. Se o autor ou orador tem em vista doutrinar sem o enfado penoso e desa-

lentante da linguagem enredada de termos técnicos, sem estilo árido e pesado; e por isso desvenda as verdades científicas, aclarando as concepções dos sábios, aos olhos de quem não é especialista; — é *popular* se consegue abrir a novos tirões campos e horizontes mais remotos cuja existência ignoravam e onde podem exercer a actividade do seu espírito.

O *desideratum* do autor d'este livro é que a sua obra seja popular neste último sentido.

Lisboa, 20 de novembro de 1884.

G. DE VASCONCELLOS ABREU.

ÍNDICE E SUMÁRIO DOS §§.

CAP. I. — Glótica e Étnica.

§ 1.º Integração política e raças turánicas :
N.º 1. Faculdade que o homem tem de alargar seu *habitat*. — N.º 2. O centro de converjência primária. — N.º 3. Área da translocação étnica. — N.º 4. Primeiras tendências para integração política. Fixação de caracteres. — N.º 5. Estremança de raças. Primeiras unidades étnicas: Camita, Semita, Elamita; o tipo negro-mongoloide. — N.º 6. Extensão jeográfica do tipo negro-mongoloide. Contacto com os povos constituídos em centro étnico na Europa a norte e léste do Danúbio. Fôrça constitutiva dos centros integrados. — N.º 7. As raças nómadas : Turánios ou raças turánicas, os Dácios da Índia. Páj. 1.

§ 2.º O princípio de classificação étnica :
N.º 1. A autoctonia dos povos. — N.º 2. O que é etnologia e como estuda os povos. — N.º 3. A base mais segura para a classificação étnica. O que é classificação glotolójica dos povos. —

N.º 4. Falta de documentos para esta classificação. Línguas mortas. — N.º 5. Línguas literárias na antiguidade, sua importância na classificação. De quais possuímos inscrições para documento. Páj. 10

§ 3.º A classificação das línguas e a classificação glotológica dos povos : N.º 1. Os tres estádios de evolução glotológica, ou melhor, os tres estados correspondentes às tres maneiras ou métodos de expressão frásica. Em que consiste cada um destes métodos. — N.º 2. Grau psicológico da compreensão do relatividade e subordinação, próprio a cada um doles. — N.º 3. Área ocupada pelas jentes de linguagem remática. — N.º 4. Área ocupada pelas jentes de linguagem aglutinativa. — N.º 5. Área ocupada pelas jentes de linguagem flexiva : família camítica, família semítica, família árica ou indo-céltica. — N.º 6. Os povos deanteiros da civilização. Páj. 15

§ 4.º Êxodo do centro de converjência primária pelos povos de línguas flexivas : N.º 1. Relação glotológica das famílias camítica e semítica. — N.º 2. Foram dois os dialectos camíticos. Os quatro ramos principais da família semítica. — N.º 3. Relação glotológica das

famílias camítica, semítica e árica. Antiguidade das civilizações dos povos destas famílias. — N.º 4. Os grupos da família árica ou indo-céltica; ramos em que se subdividem os grupos; quais os povos que pertencem a esses ramos. — N.º 5. Migrações dos Indo-Celtas na Europa e na Ásia; principais vias da translocação. — N.º 6. O centro da constituição étnica dos proto-Árias. Unidade do ramo árico asiático; logar da sua constituição; caminho seguido até a separação. — N.º 7. Direcção em que se partiram os Eránios. Direcção em que se partiram os Árias-Hindus. O insulamento dos Hindus; a expansão dos Eránios. — N.º 8. O que deve entender-se por Árias-Hindus, Hindus, e Índios. Páj. 20

§ 5.º Caracteres antropológicos e áreas geográficas dos povos de linguaagem flexiva, na antiguidade: N.º 1. Raça branca, raça caucásica, povos mediterrâneos. — N.º 2. Caracteres jerais antropológicos do tipo caucásico; emquanto a: índice cefálico, prognatismo, proeminência malar, cabelo, barba, olhos, nariz, beiços. — N.º 3. Diferenças físicas do tipo caucásico, e regiões em que se encontram: ao norte o tipo loiro, ao centro o tipo trigueiro;

ao sul o tipo baço ou de pelo fula. — N.º 4. Variação dos limites jeográficos destas rejiões. Insuficiência do critério glotolójico. — N.º 5. Impossibilidade de se determinar *habitat* exclusivo e raça irreductível. Como se chegou a determinar o centro de converjência primordial das mais antigas civilizações ; irradiação destas. Páj. 30

§6.º Árias e Anárias : N.º 1. O Ejipto, a Mesopotámia e a Índia, desenvolveram a sua civilização em terreno de aluvião. — N.º 2. Condições orográficas da rejião entre o Iudo e o Ganjes. — N.º 3. O terreno de aluvião ou planície do norte da Índia ; o Decão ou península indiana própriamente dita. Os Árias ou nobres ; os Anárias ou ignóbeis. O Ária-varta, morada dos Árias, ou Hindustão, país dos Hindus. — N.º 4. Relação jeolójica da Índia com o continente asiático. O teatro das invasões áricas na Índia, e das lutas dos Árias-Hindus com os indíjenas e entre eles próprios, é o receptáculo do transbordamento étnico dos planaltos do continente. — N.º 5. As portas da Índia na orla continental. — N.º 6. As populações primitivas da planície do norte da Índia : negritos, raças amarelas, proto-Drávidas. Como

os descreve e denomina o Ramáiana. Os Uralo-Altaicos, os Drávidas. Modificação do tipo árico. Páj. 37

CAP. II. — Períodos da Literatura Samscritica. —
Conservação e antiguidade desta Literatura.

§ 1.º Arcaísmo do samscrito e preponderância desta língua na literatura indiana : N.º 1. Entrada dos Árias no vale do Indo e no Saptasíndu ou Panjab; origem destes nomes jeográficos. — N.º 2. O deserto de Tar obriga os Árias-Hindus a seguirem o curso do Ganjes. As tribus independentes ou principados do Saptasíndu. — N.º 3. O Mádía-dexa, país central, e o Brahmárxi-dexa, país dos BráhmanesRixis, dos Vates brahmánicos. Fronteiras limítrofes do Mádía-dexa; do Brahmárxi-dexa. O Cúru-cxetra. Os cabos de tribu das terras a noroeste. Os habitantes de Prachí ou Prasioi. — N.º 4. Quem eram. Como falam deles os livros brahmánicos. — N.º 5. Os dois centros principais de civilização árica na Índia. Os cabos de tribu e chefes de família nestes dois centros, em Hastinápura e em Aiodiá. — N.º 6. A cada um destes centros correspondem um falar árico. Motivo da diferenciação dos dois dialectos áricos da Índia, e do

arcaísmo da redacção escrita. — N.º 7. A civilização do noroeste estende-se para oriente. Diferenciação crescente entre os dialectos vernáculos e o arcaico esotérico. Comêço da análise gramatical e da exegese. — N.º 7. Existência de uma língua esotérica, árica, na Índia, ao tempo da invasão de Alexandre. Esta lingua é o sámscrito, linguagem sagrada do Brahmárxi-dexa, mas não comum ao Mádiadexa, guardada em misterioso segrêdo e fixada pelos Ríxis ou Vates brahmánicos. — N.º 9. Axoea, o Constantino da Índia, funda a primeira unidade política no Hindustão. Como êste facto determinou a fixação literária da lingua de Mágada, o páli dialecto árico do oriente. O que quer dizer páli. — N.º 10. A literatura da Índia antiga é constituída por duas ordens de documentos literários — em sámscrito, em páli. O plano desta obra obedece a êste facto. Superioridade da literatura brahmánica. Páj. 44

§ 2.º A literatura samscritica em jeral: N.º 1. Define-se sámscrito. — N.º 2. Sámscrito védico e sámscrito elássico. No sámscrito védico ha dois dialectos : um arcaico, outro teolójico; e êste com dois momentos de evolução glotolójica,

o último dos quais é a transição para o sâmscrito clássico. — N.º 3. Períodos de evolução religiosa que os textos samscríticos abrangem. Carácter jeral da literatura samscrítica. — N.º 4. O que é Veda, e o que são Vedas. Autenticidade da invenção humana dos Vedas. Crença na origem sobrenatural dos Vedas. — N.º 5. A teoria da revelação, ou xrúti na Índia. Motivo do uso tardio da escrita. O que se entende por literatura xrúti e smriti. — N.º 6. Antiguidade e importância capital dos Vedas: — N.º 7. Carácter da literatura em sâmscrito clássico como expressão de pensamento e como forma de expressão. — N.º 8. Limite inceptivo da literatura samscrítica clássica e extensão desta. Redacção métrica. Carácter aforístico da prosa. — N.º 9. Géneros literários do sâmscrito clássico. — N.º 10. O género épico : iti-haças, cávias, puranas. — N.º 11. O género dramático. — N.º 13. O género didáctico e gnómico. — N.º 14. Importância histórica do apólogo indiano na literatura europeia desde a idade-média; e nas lendas de mártires e santos das Igrejas cristãs. — N.º 15. O estudo de gramática na Índia antiga. — N.º 16. Os códigos de leis hindus. — N.º 17. A filosofia dos Índios. Páj. 55

§ 3.º Psicologia do Índio : N.º 1. Amesqui-
nhamento do carácter moral do Hindu. Insufi-
ciência da explicação dêste facto pelo insula-
mento. — N.º 2. Fôrça de vida histórica da
China. — N.º 3. O Hindu é um mestiço, física
e moralmente. — N.º 4. A teoria da revelação
aniquilou a consciência individual e a consi-
ciência do passado histórico do Hindu. —
N.º 5. Nefasta influéncia do sacerdócio brah-
mánico. A teoria do bem e do mal. O brahma-
nismo é um feiticismo estulto, artificial a fa-
vor duma casta. — N.º 6. Esmagamento da
mentalidade do Índio. Páj. 70

§ 4.º Os manuscritos hindus : N.º 1. A exac-
tidão dos textos samscriticos deve-se, porém,
à teoria da revelação. Orijem da escrita na
Índia. Época provável da sua introdução e
emprêgo. — N.º 2. A superstição conservou
o rigor das composições samscriticas transmi-
tidas oralmente, e ainda hoje é a sua contra-
prova. Necessidade da redacção eserita. —
N.º 3. Os materiais da escrita. — N.º 4. Os
mais antigos manuscritos. Número de obras
conhecidas na literatura samscritica. Princi-
pais colecções de manuscritos. Páj. 76

CAP. III. — O descobrimento do sâmscrito e da literatura samscritica. — Suas consequências nos estudos históricos.

§ 1.º Notícia e primeiro conhecimento que houve da língua e literaturasamscritica : N.º 1. Foram os Chins o primeiro povo que teve conhecimento da literatura e religião hindu. — N.º 2. Ainda mesmo depois da conquista da Índia a Grécia desconhece a literatura hindu. Estrabão que menciona o facto da embaixada indiana a Augusto, lastima não ter informação bastante para escrever com segurança e largamente acêrca da Índia. — N.º 3. Motivo desta ignorância na antiguidade grega e latina. — N.º 4. Como exploraram modernamente a Índia as nações europeas. — N.º 5. Os Árabes da côrte de Almançor foram os primeiros povos a ocidente da Índia que estudaram a literatura samscritica. Por intermédio dos Árabes conhece a Europa a matemática hindu, e os próprios algarisinos do que usamos. Albiruni traduz do sâmscrito para o árabe a filosofia de Sânquia e a do Ioga. — N.º 6. A época e a côrte do Ácbar. Versão do Mahá-Bárata e do Ramáiana oncarregada a Al-Badauni, que dispende nove anos no trabalho para esse fim. — N.º 7. Tradução das Upanixadas por Dará, bisneto de Ácbar. Páj. 81

§ 2.º Os precursores do estudo da língua e literatura sanscritica na Europa: N.º 1. Foram missionários e principalmente Gemignano da Sant' Ottavio, Marco Della Tomba, Hanxleden, Pons, Cœurdox. Atribui-se a Filippo Sassetti a tradução de um dicionário de medecina. Portugueses, que estiveram na côrte de Ácbar. — N.º 2. Trabalhos de Gemignano e de Hanxleden. Frei Paulino de S. Bartolomeu. — N.º 3. Trabalhos de Marco Della Tomba. — — N.º 4. O padre Pons. — N.º 5. O padre Cœurdox. Páj. 88

§ 3.º Como se firmaram os estudos de sâmscrito clássico: N.º 1. A Inglaterra assegura para a ciência o valor da literatura sanscritica. Warren Hastings, Hallhed e o « Code of Gentoo Law ». — N.º 2. Wilkins traduz, em 1785, a Bagavadguitá, que foi a primeira tradução directa do sâmscrito conhecida na Europa. Traduz também o Hitopadexa. William Jones traduz, o Xacúntalam obra-prima de Calidaça. — N.º 3. Admiração e entusiasmo na Europa, em 1789, produzido por esta peça de teatro — N.º 4. Errado critério, cuja última expressão desculpável é a « Biblia da Humanidade » de Michelet. — N.º 5. Fundação da Sociedade de Calcutá, em

1784, por W. Jones. — N.º 6. Os continuadores de W. Jones: Colebrooke e Wilson. Os grandes trabalhos d'estes dois samseritólogos. — N.º 7. Desconhecimento do valor histórico dos Vedas. — N.º 8. Os estudos de sâmscrito na Europa começam em Paris, pelo ensino feito por Hamilton, prisioneiro de guerra da França. Os seus discípulos: Chézy, os dois Schlegel, Fauriel, Langlès. — N.º 9. Vidéncia de Frederico de Schlegel. — N.º 10. Luis XVIII cria a primeira cadeira de sâmscrito na Europa. É nomeado Chézy, em 1814. As cadeiras de Berlim e Bonn, criadas em 1818 a consello do barão Stein von Altenstein e G. de Humboldt. Criações semelhantes em quasi toda a Europa e nos Estados Unidos. O Duque de Ávila e de Bolama cria em 1877 a cadeira de sâmscrito no Curso Superior de Letras. Páj. 90

§ 4.º Os criadores dos estudos védicos: N.º 1 O Português Pedro da Silva, médico do rajá de Jaipur, entrega ao coronel Polier a primeira cópia autêntica dos Vedas. A coleção de manuscritos de Robert Chambers. — N.º 2. Engano de Voltaire. Ellis mostra a fraude do (?) jesuíta Robertus de Nobilibus. — N.º 3. Os sábios Colebrooke, Rosen, Roth

e Benfey asseguram o estudo dos Vedas. Os vedistas alemães Weber, Aufrecht e Max Müller, o americano Whitney. Os vedistas franceses da escola do grande Burnouf: Regnier. As primeiras edições do texto do Rigveda. — N.º 4. Os vedistas modernos. — N.º 5. A tradução de Langlois. Páj. 98

§ 5.º Os fundadores da teoria da unidade árica. — Principais trabalhos históricos e filológicos posteriores : N.º 1. Os trabalhos de Anquetil Duperron dão à sagacidade de Rask elementos para assentamento da autenticidade dos livros avésticos e da língua zenda. — N.º 2. João Cristóvão Adelung determina a passagem dos antigos processos da glotolojia para os modernos, criados pelas investigações de Rask, Bopp, Burnouf (Eujénio), Grimm (Jacob). Burnouf assenta a interpretação metódica do Avesta, com o célebre « Comentário ao Iácena ». Bopp estabelece positivamente a unidade glotológica árica, escrevendo a sua admirável e immortal obra « Gramática comparada do sâmscrito, zenda, armóuio, grego, latim, litávico, gótico e alemão ». — N.º 3. Põe-se o problema da séde orijinária, corolário da unidade glotológica. As opiniões de F. de Schlegel, Link, Rhode, G. de Schlegel. O lema

« Ex Oriente lux » e a teoria de Pott e Grimm « as emigrações áricas seguiram o curso aparente do sol ». A « Paleontolojia linguística » de Pictet dá fôrça às teorias aceitas e estabelece a unidade social, e psíquica dos Indo-europeus. Schleicher tenta a reconstituição da linguaem proto-árica. Fick escreve o « Tesouro » do proto-árico e das linguas que se ramificaram dêste tronco. — N.º 4. Estado da resolução do problema em 1877. Poesche em 1878 introduz os dados antropolójicos. Em 1883, Carlos Penka, e independentemente dele Otto Schrader, confirmam em parte a ideia de quo a séde orijinária dos Árias foi na Europa. Poesche quer encontrá-la nas terras dos marneis de Rokitno, Schrader nas planícies do nordeste da Europa próximo do Báltico, Penka na Escandinávia. — N.º 5. A mitolojia e a história comparada das religiões, estudo fundado por Kuhn. A jurisprudência comparada. — N.º 6. Os materiais acumulados no tocante à antiguidade indiana. A obra colossal de Lassen. Páj. 102

§ 6.º Interêsse do estudo do sâmscrito :
N.º 1. O descobrimento do sânscrito é, na opinião de Hegel, grande e memorando como foi o do Novo Mundo. — N.º 2. O sâmscrito

e a política europea. — N.º 3. Valor do sâmscrito clássico exclusivamente. — N.º 4. Valor do sâmscrito védico exclusivamente. — N.º 5. Importância e resultados práticos do estudo do sâmscrito. Páj. 112

CAP. IV. — A literatura búdica e o Budismo. — Conjecturas sôbre analogias entre o Budismo e philosophia grega.

§ 1.º A literatura búdica em jeral: Seus cultores: N.º 1. Textos mais conhecidos sams-críticos da faso religiosa búdica. A colecção canónica em páli, Tripítaca ou Triplo Panário. — N.º 2. Budistas do norte, budistas do sul. — N.º 3. Os tres Panários ou cânones do sul. Antiguidade e língua orijinária dêstes textos e do Lálita-Vístara. — N.º 4. Os Játaças búdicos representados em baixos relevos do III séc.º a. da n. era. O que são Játaças e Apadanas. Interêsse jeral da literatura búdica (Em nota: Os cultores do Budismo). Páj. 115

§ 2.º Identidade de orijem no Budismo e na doutrina pitagórica: N.º 1. BUDDHA é um KHRISTÓS, um Salvador. Analogia dos seus discípulos com os apóstolos São João, São Pedro, São Paulo. N.º 2. Orijem do Budismo (Em nota: define-se religião). — N.º 3. Orijem da

filosofia hindu. Oposição entre as obras e a meditação. — N.º 4. Os mantras e o átman. As obras são a causa da dor. — N.º 5. O carácter retraído dos Bráhmanes deixa livre a especulação filosófica da classe guerreira. — N.º 6. O que é átman. O Ser Universal, ininteligente, inconsciente, impassível. O nirvana. — N.º 7. Os revolucionários hindus eram apenas uns místicos. — N.º 8. A filosofia sânquia : a impassibilidade absoluta é o sumo saber. Hindus e Estoicos. — N.º 9. A ciência, que os Hindus não possuíram, salvou os Gregos do misticismo. — N.º 10. Os princípios da Escola de Pitágoras. A alma segundo os pitagóricos e a filosofia sânquia. — N.º 11. O duándua, a díade. Metempsicose. Transmigração. A idea de immortalidade da alma. — N.º 12. O estado de quéda. As sucesivas renascenças. Platão. — N.º 13. A teoria da metempsicose tem orijein na India. Os nomes BUDDHA e PYTHAGORAS. Páj. 121

§ 3.º Influência das ideas orientais na Grécia e diferença entre a teoria pitagórica de metempsicose e a ejiptica de transformações. Os povos commerciantes: N.º 1. Influência de ideas eránicas em Platão. A visão do Juízo Final. — N.º 2. Os Eránios na civilização grega.

Troia e os Troianos. — N.º 3. Os Fenícios não a conheceram pelos Egípcios. A teogonia egípcia não é de metempsicose necessária de transformações voluntárias. — N.º 4. Ressurreição egípcia. Tres modos de a considerar. — N.º 5. Concepções simétricas nem sempre tem a mesma origem. — N.º 6. Erro da designação: metempsicose egípcia. — N.º 7. Os elementos étnicos acumulados na Ásia Menor antes do VI século precedente à nossa era explicam a possibilidade de haverem chegado à Grécia ideas hindus. Os inícios da philosophia grega são devidos principalmente aos Jônios em relações com o oriente árabe. — N.º 8. A aurora do pensar científico na Grécia coincide com o movimento religioso pre-búdico na Índia. Os povos errantes entre a Índia e a Ásia Menor e ilhas do Mar Egeu. Páj. 144

NOTAS.

- I. — Sobre os cinco modos de se recitarem os Vedas. Páj. 161
- II. — Indicações bibliográficas acêrca da Lenda dos Santos Barlaam e Josafat. Páj. 166
- III. — Sobre o interêsse do estudo do sâmscrito. » 171

L
I
A
rã
o

LITERATURA E A RELIJIÃO

DOS ÁRIAS NA ÍNDIA.

PARTE PRIMEIRA

Logar da Literatura árica da Índia na história da civilização do mundo e sua influência no critério sociolójico moderno.

CAPÍTULO PRIMEIRO

GLÓTICA E ÉTNICA

§ 1.º

Integração política e raças turánicas.

1. — O jénero humano tem logar preeminente em a natureza orgânica. Com seres semoventes, outros apenas transportáveis, e outros inteiramente fixos, a natureza orgânica constitui à superficie do globo, que habitamos, a riqueza variadíssima do solo e clima, — em jeral destes dois factores absolutamente dependente. Só o

homem, móbil como é por excelência, tem a faculdade, quási ilimitada, de ir deliberadamente de um logar para outro na terra e de se acclimatizar, mais ou menos vitoriosamente, às diferenças de solo, atmosfera e alimentação.

Por motivo desta admirável faculdade, o homem não permaneceu nunca em zona circunscrita como os outros seres organizados; antes alargou sempre a área do seu *habitat*, já pela necessidade resultante da sua reprodução, já pela necessidade imperiosa da sua inquieta actividade.

Dó alargamento resultou maior variedade na cooperação e maior sôma de fôrças para a civilização quando aquela se roalizou. Os povos em contacto uns com os outros foram conhecendo melhor os seus mútuos dons e aptidões naturais, e os seus mútuos interêsses, depois de à porfia cada povo só cuidar em satisfazer os próprios.

2. — Não é dado ao historiador dizer como se constituíram primitivamente os povos. É certo, porém, que quanto mais profundamente penetramos por todos os meios científicos no passado da Ásia Anterior e da Central, mais adqui-

rimos a confirmação de que antes da existência de qualquer civilização do que possuímos documentos históricos, se encontraram ali jentes diversas, necessariamente vindas, pelo menos na maior parte, do logares inteiramente separados. A linguagem dessas jentes seria mais um estádio em todas idéntico, do que uma lingua definida ou línguas afins, sem que do tal facto se possa deduzir unidade glótica e muito menos ainda étnica. Encontrar-se-iam ali todas essas jentes num momento primário de civilização, e por consequência de desenvolvimento intelectual, antes de haverem manifestado as necessidades próprias de um corpo social caracterizado, antes do haverem revelado o modo calculado e intelijente de as satisfazer.

Hordas errantes, que viviam quasi exclusivamente da caça, percorriam vastas extensões de terra; e essa necessidade absoluta era o motivo imperioso que lhes determinava a translocação étnica na área jeográfica das melhores estepes, dos mares interiores, dos maiores planaltos, dos rios magníficos por excelência da Eurásia.

3. — Esta área abranje desde o Danúbio, pelo menos, até o Indo; desde o Mar Báltico o de

Aral até o Golfo Pérsico. Fica dentro della comprehendida a rejião montanhosa da Ásia Central o a das terras de fácil passagem, e para assim dizermos de um só continente, entre a Ásia o a Europa. Está nessa área a terra natal do cavalo, do onagro, do boi e do búfalo, do carneiro e do hireo; a terra onde em tempos pre-históricos, o cavalo serviu de alimento ao homem, assim na Europa; onde são espontâneos os cereais, e crescem sem cultivo a figueira, a oliveira, a cepa, o cânhamo e o linho, o limociro e a laranjeira, assim na Ásia Central; onde as roseiras e outras plantas de jardim tem a sua primeira pátria, assim na antiga Pérsia.

Do Óxus e Indo, desde as suas orijens, e pelo Hinducôs e Parapaniso até os montes donde descem o Eufrates e o Tigris, a rejião era fertilissima e temperada até o Golfo Pérsico; e verdadeiro paraíso entre as terras adustas dos trópicos e as frijidas a que limita o Mar Negro. Nas estepes ainda hoje galopam em greis numerosas as antilopes, e nalguns logares, em estações próprias, as pastajens crescem até altura de homem.

4. — O convívio e o conflito foram modificando os instintos comuns e as comuns tendências que

são o património de todos os homens. Uma parte daquela jente chegou primeiro a elevar-se de instintos a processos, de tendências a usos; e tendo-os, determinados, fixos, formou uma sociedade mais unida, o estabeleceu-se de modo já sedentário.

Onde a heterojeneidade étnica existe, só aptidões definidas podem impelir uma parcela da aglomeração de jente diversa em direcção prosseguida para a evolução social dum povo. As aptidões manifestaram-se primeiro no Senaar, no Elám, na Baixa Caldea. A proximidade do Eufrates e Tigris, quasi paralelos, à distância entre ambos de um dia de marcha no percurso de perto de 80 léguas, em uma planície de facilima rega por meio de enjenhos rudimentares, como o *xaduf* egipcio, a *cegonha* de algumas das nossas províncias, transformou o pastor em agricultor. A proximidade do Golfo Pérsico transformou o peseador em marítimo, cuja missão foi levar em correntes benéficas a outras rejiões os elementos de civilização e tomar por pátria o mundo conhecido.

5. — Asseguradas por esta fórma as aquisições sociais; convertidas algumas hordas em tribus

sob rejímen comum, começou a preponderar o que podemos chamar diferenças étnicas, — ao principio verdadeiras diferenças unicamente pela falta de nexo social nas hordas que percorriam a área jeográfica desde o Pamir até os montes Urales e do Altai, depois verdadeira estremança de raças pela união da maior sôma de condições homojéneas.

Na Baixa Caldea constituíram-se provavelmente dois centros predominantes *Camita*, *Semita*. A jente camita passou depois o istmo de Suez e invadiu as terras de atuvião do Nilo. Pelo que hoje podemos saber, os tipos étnicos dos *Camitas* e *Semitas* eram diferentes. Os *Elamitas* emigrados dos brejos do Golfo Pérsico, e refugiados a oriente em Dilvun ou Dilmun, e a ocidente no pequeno arquipélago, em Arad, em Sur ou Tilo (1), onde levantaram santuários, eram ainda

(1) Os Fenícios não se esqueceram nunca de que tinham vindo do golfo Pérsico. As cidades do Mediterrâneo com os nomes de ARVAD (*Arados*, a actual *Ruad*) e ÇOR ou ÇUR (*Tyros*, *Tiro*) são testemunho do facto. A fôrma *Tyros* veio aos Gregos da aramaica *Tur* por intermédio de dialecto estranho aos Arameus. No antigo latim encontra-se *Sarra*, fôrma derivada directamente do falar púnico da Sicília ou da África. A Vulgata diz *Sur*.

de outro tipo, o *negro-mongoloide*, a que alguns etnólogos chamam *raça cuxita*. Os caracteres físicos da grande massa da população assírica, de cujos indivíduos conhecemos a figura e as feições pelos baixos relevos dos monumentos de Cor-sabad, Nemrud e Cuiunjique, são de *tipo inter-médio* entre os Semitas e os povos que mais tarde a história conheceu pelo nome de *Erânios*.

6. — O tipo negro-mongoloide ou cuxita encontra-se, no Malabar e em Madrasta, nos pescadores e povos montanheses, e ainda ao sul e oeste da Austrália nas tribus que usam do *bumerango*, a arma de arremêso dos serranos de Madrasta, semelhante ao *trombás* da Abissínia, e á arma de que usavam certas jentes em contacto com os antigos Ejípcios. Eram da mesma raça dos Elamitas os Medos anáricos (não Árias) que entraram como elemento preponderante nas civilizações dos dois ramos áricos da Ásia Central. Habitavam eles Atropatena e foram, ainda mesmo depois do vencidos, o elemento principal, se não o corpo todo, da casta sacerdotal dos *Magos*. O culto do fogo, exconjuros e práticas mágicas que só teem iguais na Caldea, as doutrinas relativas ao poder curativo e rejuvenescente

das águas e à bebida do *não-morrer* (*Sóma* dos Bráhmaes, *Haoma* dos Zoroastres), são de ensinamento dado por Anárias aos *proto-Árias*, que não só aos Eránios e Árias da Índia, pois é creença indo-céltica darem as águas e as plantas a saúde e o não-morrer.

Só os Hindus e os Eránios, porém, conservaram êste ensinamento em grau preponderante na sua civilização. Os povos que irradiaram do centro proto-árico pela Europa não tiveram tão íntimo contacto com os das regiões onde foi depois Atropatena; viveram noutras partes mais afastadas e estas só podiam ser na Europa para norte e lésto do Danúbio.

Por todos estes motivos que ficam ponderados vemos que os centros de evolução social dos Camítas, dos Semitas e dos Árias, se constituíram em virtude de homojeneidade preponderante em meio étnico misto: aceitando mais, Somitas e Árias asiáticos principalmente, de gente diversa da que assegurou aquelas evoluções, ideas e práticas, fundamentais no desenvolvimento orgânico posterior das respectivas civilizações.

7. — Os indivíduos que ficaram fóra destes centros não chegaram à integração política. A

heterojeneidade étnica repeliu-os por antipatia, e o logar geográfico, onde as seus hábitos nómadas não encontravam obstáculos, estorvou por disseminação que se aproximassem; de modo que eles jamais conheceram as vantagens da cooperação social e a necessidade da obediência para a vida cooperativa.

Errantes, em hordas sem nexos social, espalharam-se desde o extremo norte do Altai até para aquém dos montes do Ural; inquietaram os povos sedentários do Eran que os denominaram *Turas*, os rápidos cavaleiros; vieram como *Citas* à Europa, e na idade-média assentaram domínio nas ruínas da antiga civilização da Ásia Menor e sul da Europa Oriental.

Os Citas, porém, que vieram à Europa, eram sobretudo Árias do ramo erânico que habitaram até tarde as regiões ocidentais do Cáspio.

A essa aglomeração de raças diversas, sem centro fixo de integração política, repelida principalmente para a Ásia do norte e pelas civilizações da Ásia Anterior e Central, damos o nome de *família turânica* ou *raças turânicas* ou *Turânicos*, e também o nome de *família uralo-altaica*, ou *raças uralo-altaicas*.

Foi jente das raças uralo-altaicas, que levou à Índia a civilização que os Árias ali encontraram e a que de certo modo se amoldaram.

Os *Dácius*, inimigos, que os *Árias-Hindus* tiveram de vencer, e então apelidaram *Daças*, *escravos*, mas por cujo número foram, se não absorvidos, profundamente modificados após alguns séculos de cruzamento físico e eâmbio de ideas, eram povos de raça mista (e não simplesmente mestiça), formada ao norte da península indiana por jente de raça de *negritos*, raça *amarela* e raças *uralo-altaicas*.

§ 2.º

O principio de classificação étnica.

1. — As aglomerações, que primeiro se constituíram sedentariamente e de modo definitivo, nas terras de aluvião da Mesopotâmia e do Nilo, senão eram, em ambas as partes, promiscuidades étnicas, de elementos mais ou menos determináveis, fixadas pela coesão de indispensável sôma de caracteres homojéneos, eram de certo jente estranha ao logar em que se formaram.

A antiguidade não considerava por êsto modo os povos. Considerava-os autóctonos. A cooperação disciplinada, a permanência num certo *habitat*, a identificação do homem com o elima são condições fundamentais da estabilidade dum povo. A suposta autoctonia significa apenas que era já antiga e immemorial a estabilidade dos povos que se julgavam autóctonos.

2. — Sem nos importarmos com a distribuição geográfica, variável com o tempo e revoluções sociais, estudamos hojo o jénero humano atendendo às mútuas semelhanças e distinções específicas dos seus indivíduos. A ciência que assim estuda os povos é a *etnologia*. Estuda primeiro os seus caracteres físicos e mentais, depois agrupa por analogias, e mais ou menos extensamente, os povos, e finalmente constitui *unidades étnicas* ou *designativas da orijem*, às quais dá o nome de *familias de jentes*, sob o ponto de vista dos factos mentais, e o nome de *raças*, sob o ponto de vista da conformação física.

3. — Sob o ponto de vista dos factos mentais a etnologia estuda principalmente os factos glotolójicos ou lingüísticos, os mitolójicos, os relijiosos e os de interdependência social. Êste mo-

do de investigação dá o critério mais seguro que temos para apreciarmos a relação próxima ou remota e mesmo a distinção radical dos povos, sem contudo decidir a questão física; é a base *mais sólida* de classificação étnica, e a classificação que sôbre ela assenta, verdadeiramente satisfatória, porque so harmoniza com a importância histórica dos povos.

Esta classificação é denominada a *classificação glotológica* ou *classificação lingüística*; e pela denominação de *lingüística* ou *glotológica* compreende-se tudo o que é facto mental conhecido pela linguagem normal.

Todavia devemos notar desde já, que nem sempre as *famílias étnicas* ou *de jentes* são *raça* da origem designada pelo epíteto da família. Assim a *família latina* não é *raça latina*, nem existe *raça latina*.

4. — Para o critério lingüístico ser completo faltam-nos muitos documentos. Perderam-se inteiramente alguns, o restam-nos fragmentos exíguos de outros. Em compensação vamos surpreender as nações mortas nas suas mais notáveis manifestações de carácter étnico, podemos alargar com vantagem a área das nossas pesquisas para

além do campo das linguas vivas, e estudamos por consequência os precedentes — condição indispensável em história — do desenvolvimento actual das nações do nosso tempo.

As nações mortas falaram linguas que ou ainda vivem modificadas no seu organismo, ou se extinguiram sem evolução que chegasse até os nossos dias. Estas linguas são, umas e outras, denominadas jeralmente linguas mortas. Linguas mortas, porém, são propriamente aquellas que desapareceram porque não tiveram evolução continuadora. Aconteceu isto no Egipto ao cóptico, extinto ha dois séculos, aconteceu na Europa ao gótico no século nono, e modernamente vai acontecendo ao gascão, ao vasconço, e succedeu, embora na Irlanda se levante a reacção avigorante por ódio contra a Inglaterra, ao irlandês.

5. — Com relação às nações da antiguidade devemos portanto procurar os factos nos documentos escritos. Tem importância capital as linguas literárias. Para nós Europeus são as, por excelência, linguas clássicas — *grego e latim* — importantissimas. Mas, se ficássemos aqui na investigação ethnica, teríamos o ponto de vista falso e até quasi exclusivo que a mosma antiguidade clássica teve

quando considerou autóctonos os vários povos. Nós somos os continuadores directos da civilização greco-romana; mas para conhecermos esta civilização é forçoso que conheçamos os seus antecedentes, tanto quanto é dado ao homem conhecer antecedentes. Possuímos documentos literários, em número e importância notabilísimos, que nos esclarecem esse passado.

Além das duas línguas clássicas por excelência, são línguas propriamente literárias da antiguidade: as duas conjêneres daquelas — na Índia, o *sâmscrito*, e no Eran setentrional, o *xenda* — e mais pertencentes a outras famílias o *hebraico*, o *siríaco*, o *etiópico*, na família semítica, e o *egípcio* (*coptico*, na sua última forma) na família camítica.

São línguas literárias conhecidas por inscrições: em caracteres hieroglíficos, e quasi exclusivamente por inscrições, o *antigo egípcio*; em caracteres cuneiformes de valor vario, o *assiro-babilónico*, o *susiano*, e o *antigo persa*; em caracteres himiaríticos ou sabeus, o *árabe do sul*; em caracteres gregos, na Ásia Menor o *lício* e o *frijio*, na Itália (com modo gráfico a que podemos já chamar latino), o *osco*, o *umbro* e o *etrusco*.

Temos ainda documentos relativos ao celta, ao
eseando, e outros que não mencionamos : ou por
insuficientes, ou por não respeitarem a povos que
tivessem tido preponderância histórica nas civi-
lizações do mundo antigo, e de cuja mútua in-
fluência resultou a moderna civilização europea.

§ 3.º

A classificação das línguas e a classificação
glotológica dos povos.

1. — A classificação natural das línguas as-
senta no facto de a linguagem se haver desenvol-
vido successivamente em *tres estádios*, ou, mais
rigorosamente, no facto positivo, demonstrado,
de a linguagem se haver fixado em *tres estados*
a que podemos chamar *successivos*.

Estes estados diferem pela maneira de se expres-
sar a relação das ideas que a linguagem deve
dar a conhecer. São pois tres as maneiras de
expressão : a) O *método exclusivamente sintác-
tico* nas línguas propriamente sem morfologia;
constituem estes idiomas a *classe das línguas*

remáticas (algumas monossilábicas); porque o seu estado é *remático*, RHÊMA, RHÊMATOS « palavra ». No estado glotolójico remático o vocábulo, invariável, não expressa relatividade de categoria gramatical, e no discurso tem o valor dado pela posição sintáctica. *b) O método aglutinativo* em linguas cuja morfologia consiste na reunião, e até união mais ou menos íntima de raízes, uma só das quais tem o seu valor real e conserva a significação característica na palavra, e as outras são determinantes (sufixos, prefixos, inserções ou infixos) do modo de ser ou acção da raiz fundamental, como verdadeiros expoentes da relação o função do vocábulo na frase. *c) O método inflexivo* ou *de flexão* em linguas cuja morfologia se faz por modificações internas e externas de uma só base, correspondentes às modificações de relação da parte fundamental com as outras palavras no discurso. As palavras formadas pelo método inflexivo são verdadeiras unidades, indivisíveis sem perda de significação própria do vocábulo quando simples; e cada uma destas unidades tem, por si só, determinada a sua categoria gramatical.

2. — O primeiro estado é próprio de desen-

volvimento intelectual curto; e parece corresponder, nos povos, à mentalidade da criança, que está ainda incapaz de aprender vocábulos e só repete frases cujos membros não distingue.

O segundo estado é a expressão *objectiva directa* da cousa significada e da sua relação na frase; tem o cunho da distinção do vocábulo e da compreensão da relatividade e subordinação.

O terceiro estado é peculiar de notável abstracção, e de mentalidade já potente, capaz de conceitos que se traduzem na fôrma *subjectiva* e na significação *indirecta* das relações gramaticais.

3. — *As jentes de linguaagem remática* estão espalhadas em enorme área da *Ásia transgangeica* e nos *vales himalaicos das bandas orientais*. Tem na lingua *antiga chinesa* o tipo *característico* do seu estado glotolójico. Constituem a maior parte das *raças chamadas amarela e mestiça negro-amarela* que foi a base notável da população da Índia pre-árica.

4. — *As jentes de linguaagem aglutinativa* são várias também, e a sua área jeográfica é no mundo inteiro. Existem na *Ásia*, na *África*, na *Austrália*, na *América*, e até na *Europa* (*Bascos* ou *Vascon-*

so, *Euscaras* ou *Eseuaras*, e os *uralo-altaicos* *Fineses*, *Lapões*, *Turcos*, *Húngaros* ou *Majiarcs*). No continente asiático importa para o nosso estudo que notemos os *uralo-altaicos* da *Ásia Central* e os *Drávidas* habitantes da parte da Índia propriamente peninsular, mestiços de cruzamento de *uralo-altaicos* e *negro-amarelos* indianos.

As linguas aglutinativas do continente americano dá-se o nome de *holofrásticas* (ou *incorporativas*) e *polisintéticas*, porque reúnem mais ou menos assinaladamente num só vocabulo uma frase toda, incorporando nomes e verbo.

5. — *As jentes de linguas conhecidas inflexivas* ou *de flexão* constituem tres grandes familias; e são essas:

a) *Familia de lingua camítica, hamítica* ou *ejtpcio-berbere*, na costa do norte da *África* o *rejiões do Médio e Baixo Nilo*. O centro principal foi o *Ejipto*.

b) *Familia de lingua semítica* ou *siro-arábica*, na *Assria* e *Babilónia*, na *Aramea* ou *Síria*, em *Canaan* (*lingua dos Fenícios, Israelitas, Amonitas, Moabitas, Edomitas*), na *Arábia* e nos pontos aonde levaram a sua linguagem os *Ára-*

bes que, saídos daquela península, se dilataram fóra da pátria.

c) *Família de lingua jafética, árica, indo-europea, indo-jermánica, e melhor indo-céltica.* É a mais moderna na história; todavia depara-se-nos aí já com tres zonas jeográficamente distintas e com aptidões notabilissimas, no mundo antigo.

6. — *A classe étnica das jentes de linguas flexivas* é aquela a que principalmente se deve a civilização do globo. Os povos que nela entram chegaram a desenvolvimento mais completo do pensamento, pela palavra e pela eserita, e puderam por consecuéncia melhor do quo os outros povos fazer progredir a civilização. É natural que a sua integração política se constituísse com elementos de sociabilidade elamita, já antes eriadados por jente de raças diferentes; mas, não só pelas aptidões e alargamento glotológico, como porque são os povos de linguas flexivas aqueles de quem possuimos documentos auténticos de maior antiguidade, são eles os povos verdadeiramente *deanteiros* da civilização.

§ 4.º

Éxodo do centro de converjência primária pelos povos de línguas flexivas.

1. — O critério lingüístico é o critério seguro que nos diz, que os dois focos do eivilização tão remotos, no vale inferior do Nilo e na Mesopotâmia, tem estreitas ligações, se não até orijem comum. Os ejiptólogos dizem-nos que a língua antiga dos *Rotus* (nas inseriões hieroglíficas: os povos invasores e dominadores do vale inferior do Nilo) pertence ao mesmo tronco de que se ramificaram as línguas semíticas; e que fixada em tempos remotíssimos o independentemente de fixação das línguas siro-arábicas ou semíticas não pode chegar ao desenvolvimento a que estas chegaram. Seguindo a autoridade de Bunsen, diremos que a linguagem camítica foi o mais antigo sedimento em tempos primordiais de língua ainda imperfeita, levado com a emigração da Ásia para o Ocidente, por parte de um

povo cujos irmãos ficaram na Ásia Anterior e aí desenvolveram posteriormente essa mesma língua.

2. — O sedimento glotológico levado pelos Rolus cindiu-se em dialecto do norte e dialecto do sul. A língua dos povos de que eles se separaram e que permaneceram na Ásia cindiu-se em quatro ramos principais, tres ao norte e um ao sul.

São estes ramos: — Ao norte:

a) A língua semítica dos *Arameus*, a quem os Gregos denominaram *Strios* (de *Siria*, *Sur*, *Tiro*), já conhecidos, no seculo XI antes de Cr., nas inscrições assíricas pelo nome de *Aramu*, *Arimu*, a quem a Bíblia se refere como filhos de *Arão* e cujas cidades descreve em diferentes livros.

b) A língua semítica dos habitantes de *Canaan* nomeadamente o povo da costa *Phoinikē* (isto é « terra das tamaras », se neste nome *Phoinikē*, dado pelos Gregos, o tempo não confundiu um derivado de *phoinix* « palmeira, tamareira » com o modo de enunciar, *FENEKHU*, a designação usada já no reinado de *Tutmósis III*, 1600-1550 antes da nossa era, e por consequência anteriormente às

relações de Egípcios e Gregos), o *povo fenício*, e as *tribus hebraicas*, os *Israelitas* e as mais próximas parentas *Amonitas*, *Moabitas*, *Edomitas*.

c) A língua semítica dos povos civilizados das terras do *Eufrates* e *Tigris*, aos quais se referem, *únicamente como suas colónias*, outros povos da *Ásia Menor*, na *Cilícia*, na *Lídia* e na *Capadócia*.

Finalmente : — Ao sul :

d) A língua semítica dos *Árabes* não só da península asiática, mas dos apelidados na antiguidade, por confusão, *Etiopes*, e domiciliados nas terras altas da *Abissínia*, para onde subiram depois de em tempos pre-cristãos haverem atravessado o *Mar Vermelho*, partindo do *Iémen* e do *Hadramaut*.

3. — A análise glotológica não pode ainda chegar a demonstrar a unidade comum primordial das famílias camítica, semítica e árica. Alguns investigadores pendem para tal hipótese, outros contestam-na com todo o vigor.

Os *Árias* viveram ainda vida errante muito tempo depois de *Semitas* e *Camitas* haverem chegado à integração política. Em quanto na região do *Eufrates* e *Tigris*, e na bacia do baixo *Nilo*

a civilização ó já notabilíssima em desenvolvimento intelectual e social, mais de 4000 anos antes de Cristo; os Árias só a partir dos fins do terceiro milénio, ou princípios do segundo, começam a tomar posse sucessivamente das áreas geográficas que finalmente veem a ocupar, e em que desenvolvem a sua vida independente.

4. — Relativamente a estas rejiões são tres os grupos da familia árica ou indo-céltica; e a sua enumeração é a seguinte, a partir do sul para o norte e do oriente para o poente:

a) *Grupo asiático* :

1.º NAMO. Os *Árias-Índus*, povos de civilização desenvolvida entre o Himálaia e o Vindia, na vasta extensão de terreno a que banham o rio Indo e principalmente o Jamna e o Ganjes; depois levada até o extremo sul da Índia, às illas próximas e à península a oriente.

2.º NAMO. *Eránios* ou *Íránios*, povos de civilização desenvolvida nas partes orientais da Ásia Anterior : na Média, alcançando até o Golfo Pérsico; e na Ásia Central na rejião do Cábul e proximidades do Indo até o Iaxartes.

3.º NAMO. *Arménios* e os povos afins, desde tempos remotos extintos, os *Capadócijs* e os *Frijios*.

b) *Grupo europeu meridional :*

1.º RAMO. *Gregos (Helenos)*, incluindo as tribus do norte com elles relacionadas, como são os *Macedónios*.

2.º RAMO. Os povos da *Trácia e Ilíria*, talvez com linguaagem diversa, ou apenas bifurcação oriental e occidental de um só ramo.

3.º RAMO. Os *Ligures* e provavelmente alguns outros povos dos Alpes.

4.º RAMO. Os *Ítalos* ou *Italiotas*, ou com maior rigor *povos itálicos centrais*: *Latinos, Sabinos, Umbros e Oscos*, principalmente.

c) *Grupo europeu central e setentrional :*

1.º RAMO. *Celtas* do occidente europeu (*Gálias*) até as Ilhas Británicas, e cujas migrações pela Hispanha e Danúbio até a *Ásia Menor* são bem conhecidas na história.

2.º RAMO. *Os povos jermánicos*; e inclui-se nesta designação o ramo escandinavo.

3.º RAMO. Os povos que a antiguidade conheceu pelo nome de *AESTUI (Éstuos)* e *VENEDI (Vénedos ou Vendos)*, e de que descendem os *Lituanos* ou *Letões*, e *Eslavos* ou *Esclavões*, na Europa oriental parte da antiga *SARMATIA (Sarmácia)*.

5. — Os *Árias* viveram em contacto com os po-

vos uralo-altaicos da Ásia Central e deles herdaram, como dissemos já, alguns usos cultuais e práticas de magia, e receberam ensinamento e aceitaram doutrinas, mas não herdaram nada que viesse afectar a morfologia e a sintaxe característica dos diferentes dialectos da língua comum proto-ária. Viveram em contacto com os povos semitas da Ásia Anterior: encontram-se cedo em Babilónia e nas elevadas montanhas do Curdistão. Chegaram até ali indo da Europa, passando uns ao sul do mar Cáspio, e vindo outros à Ásia Menor, depois de passarem ás ilhas do Mar Egeu, atravessando o desfiladeiro de Dariel no Cáucaso. Os que passaram ao sul do Cáspio atravessaram primeiro as estepes extensas, outrora mar interior, que são de fácil passagem e terreno de um só continente, desde o Mar de Aral e norte do Cáspio até o sul dos montes Urales e norte do Mar Negro.

Seriam estes últimos emigrantes os Árias do grupo asiático, como diremos logo, e principalmente o ramo de que tiram sua origem os Persas aguerridos, os probos Parses ou Guebros, os Tajiques activos e industriosos, comerciantes por excelência dos canatos da Transoxiana, os

Galchas e outros habitantes das serranias e vales alpestres do Óxus superior e rejiões adjacentes.

É muito provável que alguns ramos de gente árica vissem entre a Europa e a Ásia, desde o comêço da constituição glotolójica do proto-árico, percorrendo, ainda depois da determinação dos centros, como hoje os Quirguizes em hordas na Europa e na Ásia, e os Tajiques, por tráfico e indústria, na Ásia Central, as terras que se estendem pelo norte do Cáspio desde o Mar Negro, e mesmo norte do Danúbio até o Pamir. Seriam eles os mais inquietos dos Árias, e os que no seculo XV antes da n. e. faziam o tráfico marítimo do Mediterráneo e comerciavam com povos estranhos nas bandas orientais do Arquipelago. Estes mesmos Árias, no século XIII, ao tempo de Rámeses III, desceram das ilhas em que habitavam no Mar Ejeu, o avançando atacaram e dispersaram as populações siríacas tributárias e aliadas dos Ejípcios, e penetraram ao sul da Palestina até Amaor.

6. — Presumiu-se — e ensina-se ainda pela bôca de respeitáveis professores e em livros de escritores autorizados — que os dois ramos fixa-

dos na Ásia, por isso mesmo que a sua translocação fôra menor, haviam conservado o seu falar mais próximo do proto-áríco, reconstituído na hipótese de que a séde orijinária tivesse sido na rejião do Óxus e Iaxartes.

A ciência, porém, hoje, vai tomando outro rumo. Não vê no zenda, nem mesmo no sámscrito representantes exclusivos da linguaagem proto-áríca; e as sim como pela antropolojia guiada pela botânica, pela zoolojia jeral e pela jeolojia, descortina o mais remoto passado dos Árias na Europa e próximo do Báltico, assim pela fonolojia encontra em línguas da Europa, por ex. nas inserições rúnicas da Escandinávia, vocábulos de feição muito a par da samscritica.

O grupo étnico asiático estreitou a sua unidade glotolójica evidentemente na Ásia, e conservou-se uno até chegarem os emigrantes próximo do Panjab. Ai, no paiz provávelmente para aquém da marjem direita do Indo, uma parte voltou a passar os montes do Solaiman e entrou definitivamente nas terras entre o Indo e o Ganjes.

Os nomes jeográficos trazidos a confronto pelos mais hábeis orientalistas, com o estudo do *Avesta*, livro sagrado dos Eránios, e com o *Rigveda*, livro

sagrado dos Hindus, mostram que a direcção dos emigrantes árias na Ásia seguia o curso de grandes rios, entre montanhas em cujo labirinto de fragosidades e aleantis se abriam os caminhos naturais.

7. — A ponte de Solaiman o rio Etimandro ou Hilmend leva as águas dos seus vários afluentes a um brejo. O mar, que então formaria e é paúl que ali existe ainda hoje na extensão de norte a sul de uns 300 kilómetros, obrigaria os emigrantes, que não houvessem atravessado de novo os montes de Solaiman, a que subissem até os do Parapaniso. O deserto de sal no centro do Eran forçá-los-ia a continuarem por visos e euniadas e vales alpestres até os montes Zagros.

Os Árias que entraram no Panjab tiveram deante o terreno de aluvião do Indo e Ganjes e o deserto do Tar a sul a determinarem-lhes a emigração para nordeste e oriente. Os Árias que tomaram para aquém dos montes do Afganistão peregrinaram por ásperos caminhos e ínvias brenhas até o ocidente do Eran.

Assim se explica como ficaram insulados na civilização jeral da antiguidade os Árias da região ganjética, e como os Erânios foram, dos

povos do grupo asiático da família indo-céltica, os de mais considerável translocação o influência histórica em toda a civilização mediterrânea. Encontramo-los entre os Citas do Ponto e do Istros, encontramos-los no eêreo de Troia, e sabemos como, constituídos em nação, o seu império levou o domínio persa desde o Mar Eritreu até os confins da Grécia, avassalando o Ejipto e as terras até o extremo oriente e norte da Ásia Central.

8. — Os Árias que immigraram na Índia desenvolveram ali a sua linguagem e a civilização que levavam já em grau notável. A estes Árias damos o nome de *Árias Hindus*. Modificados, física e intelectualmente, por cruzamentos e influências jeográficas, constituíram as sociedades antigas mais civilizadas do vale do Ganjes. A estes povos assim modificados (e ainda aos seus descendentes) damos o nome de *Hindus*.

Reservamos o nome étnico de *Índios* para designação de todos os naturais da Índia independentemente da sua estirpe.

§ 5.º

Caracteres antropológicos e áreas geográficas dos povos de linguagem flexiva, na antiguidade.

1. — À classe de jentes de línguas flexivas deu-se o nome de *raça branca* por predominar a cor branca da pele na maior parte dos povos que a constituem, o deu-se-lhe ainda, a exemplo de Blumenbach, o nome de *raça caucásica*.

Esta determinação levou a julgar-se erradamente fôsse o Cáucaso a pátria primitiva de todos estes povos, e, como corolário, a quo proviessem de um único tronco.

A denominação é exacta quando por ela apenas se entenda que o tipo, que mais se aproxima do *suposto tipo orijinário*, se encontra actualmento ainda no Cáucaso.

Atendendo-se ao ponto para onde a maior parte dos povos de linguagem flexiva converjiu, mais do que à área em que se desenvolveu a civilização de cada um, dá-se a estes povos a designação de *povos mediterrâneos*. Todos, com efei-

to, se exceptuarmos unicamente os Arias-Hindus, converjiram para o Mediterrâneo.

2. — Os caracteres antropológicos jerais do tipo caucásico são : a) Predominância das fórmulas cranianas mesocefálicas e braquicefálicas ; podendo num ou noutro individuo a relação craniana dos diâmetros máximos ou *índices cefálicos* (1) ir além de 82.

b) Prognatismo ou proeminência dos ossos maxilares, raras vezes.

c) Cabelo mais ou menos ondedado, e que quando liso não tem a secção, feita perpendicularmente ao eixo do cilindro, tão circular como a do cabelo

$$(1) \text{ Índice cefálico} = \frac{\text{diám. transverso} \times 100}{\text{diám. ántero-posterior}}$$

Os caracteres antropológicos são dados *apud* Peschel pag. 517. Entende este autor, pag. 57, por *mesocefalia* a conformação craniana, mais ou menos alongada, de índice cefálico entre 74 e 79 ; por *dolicocefalia* a conformação craniana, alongada e estreita de índice cef. de 74 para baixo ; por *braquicefalia* a conformação craniana, mais ou menos redonda, de índice cefálico superior a 79.

Topinard e Broca não usam da denominação de mesocefalia. Dizem (Topinard, 2ª ed. pag. 242) :

<i>dolicocefalia</i>	quando o índ. cefálico é	75,00	o abaixo
<i>sub-dolicocefalia</i>	—	—	75,01 — 77,77
<i>mesaticefalia</i>	—	—	77,78 — 80,00
<i>sub-braquicefalia</i>	—	—	80,01 — 83,33
<i>braquicefalia</i>	—	—	83,34 e acima.

dos povos mongóis, nem tão elíptica como a dum cabelo de carapinha de negros.

d) Barba farta nos individuos que habitam o centro, e ainda abundante em muitos dos que habitam o norte da área geográfica jeral; barba fraca nos individuos que habitam ao sul, na região norte-africana.

e) Olhos rasgados, horizontais.

f) Nariz proeminente.

g) Beiços finos, pelo menos nunca intumescentes por natureza

3. — As *diferenças físicas* do tipo caucásico, na raça mediterrânea, estão jeralmente, pôsto que com bastantes excepções, limitadas a certas regiões e variam no decorrer de tempo largo. Podemos distinguir tres regiões.

1.^a *Ao norte. Tipo loiro.* É nesta região que se encontra a côr de pele mais clara; os cabelos são loiros, algumas vezes ruivos, corredios ou anelados; os olhos são azues ou raras vezes verdes; a estatura notável pela altura. Este tipo é considerado por alguns antropólogos e etnólogos o mais puro e próximo do originário de toda a raça; não está, porém, plenamente confirmado êste modo de ver, quiçá o mais certo.

Referem-se a êste tipo, na antiguidade, a calcularmos pelo que nos dizem os Gregos e os Romanos, os povos *celtas* e *jermánicos*, e provavelmente os *Dácios* e *Trácios*; e ainda os *Eslavos*, pôsto que a antiguidade elássica pouco os houvesse conhecido.

Actualmente a área jeográfica do tipo loiro da raça mediterrânea está muitissimo circunscrita e, principalmente, para os povos celtas, sem continuidade. O número da jente loira é muito inferior ao da jente que a rodeia em cada um dos pontos onde ainda existe. Limita-se o tipo aos povos celtas das ilhas — na Irlanda e nas montanhas da Escóssia — e à maior parte dos povos jermánicos, principalmente ao norte, aos Escandinávicos, aos Eslavos do norte, e a tribus isoladas do Cáucaso.

Sempre que jente dêste tipo tem chegado ao sul da Europa, e mais ainda à Ásia anterior e à África, parece ter sido por exceção, ou pelo menos por translocação para fóra do seu *habitat* próprio.

2.^a *Ao centro. Tipo trigueiro.* Nesta rejião a estatura é menor. A pele é mais escura indo a côr até o moreno. O cabelo é castanho e por ve-

zes preto; é jeralmente ondeado, anelado ou crespo. Os olhos são predominantemente castanhos eseuos; correspondendo na feição à tez menos trigueira, olhos de côr entre o pardo esverdeado e o castanho claro, e cabelos lisos, ou corredios.

Referem-se a êste tipo os habitantes das terras banhadas pelo Mediterrâneo, tanto ao sul da Europa como na Ásia Menor; mas da África só os habitantes das terras do Atlas. Referem-se ainda — mas com a côr do cabelo e da tez jeralmente mais carregada, e com talho do cara exclusivo em que sobressai a proeminência do nariz — os habitantes da Síria, da Arábia, as povoações dos distritos erânicos; mais ainda, com as restrições que já fizemos, os habitantes das terras do Eufrates e Tigris, e dos Índios os Hindus.

3º *Ao sul. Tipo baço.* Os povos desta rejão teem a côr da pelo fula, indo até o castanho eseuo; teem o cabelo negro e luzidio, a barba escasseia-lhes ao passo que se aproximam do equador como seu *habitat*. Teem os olhos pretos e na maior parte notávelmente rasgados.

Actualmente esta rejão está limitada ao sul da Arábia, e, em o norte da África, às terras do Nilo inferior o médio, e ao planalto da Abis-

sínia. A antiguidade clássica deu aos povos desta região o nome genérico de *Etiopes*, confundindo-os assim com os negros. No estado actual da ciência, porém, devemos distinguir a cor de pele fula da propriamente negra, porque é certo apenas que na África o tipo vai cambiando notoriamente e passando definitivamente ao do negro à medida que o *habitat* é mais proximo do equador.

4. — Os limites geográficos de todas estas regiões variam, como o provam os documentos históricos, com o tempo e as vicissitudes políticas. Não ha possibilidade de se separar o que seja devido ao cruzamento, à alimentação, ao modo de vida, e, ainda, para o mesmo modo de vida e idéntica alimentação, às influências geográficas.

Pelo que deixamos dito vê-se que o critério lingüístico determina a unidade glotológica, mas não é infalível para determinar a unidade física, nem pode decidir na questão de diversidade de raças humanas. Já fizemos notar que ha uma família latina mas não uma raça latina. Abundam os exemplos de um povo falar a lingua de outro por motivo de conquista, comércio ou lenta absorção, por superioridade mental

do povo a que por natureza pertence a língua falada.

Se a língua suplantada é da mesma família da lingua accita, o critério lingüístico ainda conserva toda a exactidão. Assim ficaram sempre na mesma familia glotolójica (semítica) os Judeus, depois de perderem o hebraico que falavam anteriormente ao VI século precedente a Cristo, apesar de falarem posteriormente um dialecto aramaico. Mudam, porém, de família glotolójica os Americanos a quem os Europeus impõem principalmente o portuguez, o hispanhol; mudam igualmente os povos uralo-altaicos a quem os Russos impõem o falar eslavo que é da familia indo-céltica.

5. — Não podemos pois determinar, nos povos cujos caracteres glotolójicos e antropolójicos acabamos de resumir, nem *habitat* exclusivo, nem uma raça, nem raças irreductíveis a que os referamos historicamente de modo certo. Para a relativa posição histórica de cada um daqueles povos, sem restrição de *habitat orijinário*, sem nos prenderem na filiação considerações jeográficas, temos, como já dissemos, o critério exclusivo — manifestações mentais.

Por meio d'êste critério chegou-se a determinar, para jente hoje muito afastada jeográfica-mente, o centro de converjência primordial nas terras do Eufrates e Tigris, junto ao mar, onde foi o Elám, a Susiane, a Caldea, e hoje em parte é o Irac Árabi e em parte o Cuzistão ou Arabistão ; mostrou-se existente já em tempos de remotíssima antiguidade, e com documentos seguros, o alargamento posterior desde o Golfo Pérsico até o Mediterráneo, e a subsecuente integração política, na Ásia Anterior com séde em Babel, em Nínive, bem como nas bandas orientais do norte da África em Túnis, em Ménfis, em Tebas; mostrou-se finalmente o advento dos Árias ao estado sedentário, na Europa, na Ásia Central, na Índia.

§ 6.º

Árias e Anárias.

1. — Da foz e delta dos rios a civilização subiu o curso fluvial na Mesopotâmia e no Ejipto, e firmou-se na parte mais produtiva enriquecida pelo húmus trazido dos montes lonjínquos pelas

enchentes. Os Árias immigrados nas rejiões ao sul da cordilheira himalaica chegaram também ao terreno de aluvião do Ganjes e civilizaram toda a bacia, acompanhando o curso dos rios, mas na direção da sua foz.

No Ejipto, os povos, que se haviam encon-
trado na Ásia, vieram encontrar-se de novo o
estabelecer a corrente de ideas modificadora das
civilizações, da qual resultou a brilhante cultura
helénica. Na Índia os Árias ficaram sequestrados
do continente asiático e fóra de todo o movi-
mento coevo sociolójico.

2. — Estabeleceram-se na rejião entre o Indo
e o Ganjes, a qual fica separada do continente
própriamente dito por motivo das condições es-
peciais da orografia asiática.

A Ásia é atravessada pelos montes que se
erguem e correm desde o Mediterráneo ao
sudeste até o estreito de Behring ao nordeste.
Ao meio desta enorme extensão, outros montes
sobem à mais elevada altura conhecida acima
do nível do mar na superficie da terra, e fecham
quási em semicírculo o sul do continente: desde o
Mar Arábico pelos montes de Halá no Beluchistão,
e pelo Hindueôs, de poente a naseente pelas ser-

rancias paralelas do Himálaia, até o oriente pelos montes Nága e Pateoi que descem na direcção de norte a sul ao Golfo ou Mar de Bengala.

Estas cordas soberbas de montanhas elevadissimas, que separam ao sul o continente asiático propriamente do que hoje é a península indiana, detem as nuvens que as monções impelem dos mares tropicais para o norte. As duas serranias paralelas que formam a cordilheira do Himálaia são as que opõem maior impedimento; constituem o condensador mais potente em todo o mundo pela altura, extensão e volume. As águas, que as nuvens gigantes não despejaram ao atravessarem por sobre a Índia, são arrancadas aos monstros aérios e descem espumantes, iradas, em catadupas e torrentes grandiosas, pelos barrancos e vertentes, pelas escarpadas e altíssimas portelas; ou, detidas e em jêlo, assentam nas fragosas cristas, enchem e nivelam os valeiros, demoram no dorso das montanhas.

3. — Nesta *morada* (ĀLAJA) dos *jelos* (HIMA) eternos, que por isto se denomina *Himálaia*, existe, em toda a sua extensão de nascente a poente, uma caleira natural formada pelas duas serranias paralelas, a do norte que limita o planalto do Tibet, e a com essa continua que lhe serve

de contraforte. Juntam-se ali todas as águas das vertentes interiores; veem, trazidas pelos eaudais enormes chamados Indo e Sampô ou Brahmaputra, eriar com as águas do Ganjes, em que se reúnem quasi todos os mananciais das vertentes do contraforte, as terras do Hindustão, que fertilizam depois.

A esta série de planícies, a que podemos chamar a planície do norte da Índia, segue-se a península propriamente dita, o Decção, DEKAN DEKKAN ou DEKHAN, o antigo DARṢINĀ-PATHA, o *pais dacxiná* ou da *dextra*, o pais do sul, porque fica à direita do Bráhmane que orando no Hindustão está voltado para o oriente. Limita-a por todos os lados o mar, excepto pelo norte, onde é *orla divisória*, ou *Vindia* (VINUHJA), a cordilheira dêste nome que do poente corre para Benares e com as de Aravali, Satpura e Caimur termina a oriente no vale ganjético onde são os montes Rajmahal.

O Decção é um planalto soberbo de ondulações e acidentamentos grandiosos, fortalezas e redutos naturais, valha-couto dos aborijenes da Índia central invadidos por estranhas raças. É o pais dos *Drávidas*, dos *refugiados* (?), o pais dos

Anárias dos que *não são Árias*, dos *ignóbeis*, como lhes chamam os livros samscriticos, opondo este epíteto ao de *Árias* (ĀRJĀ), *nobres*, *leais* (aos seus deuses), com o qual se apelidam os invasores indo-celtas estabelecidos do Himálaia aos Vindias na terra que denominaram ĀRJĀ-VARĀ, *Ária-vara*, *morada dos Árias*, e os Persas denominaram HINDŪSTĀN, *pais dos Hindus*.

4. — Assim a Índia não é porção própria do continente asiático: é ao norte uma extensíssima e em parte ubérrima rejião aluvial, e ao sul já antes dos Vindias e rio Nerbada, ou Narmadá, a península ligada pelo depósito dos rios ao continente.

O terreno de aluvião foi o teatro das invasões áricas, da luta dos Árias com os povos ali já domiciliados, e dos próprios Árias uns com os outros depois de senhores das terras trans-himalaicas. Fechado a norte pelo planalto do Tibet na altura de mais de 5.800 metros com montanhas que passam de 8.000 metros acima do nível do mar, a sul pelo planalto do Decão na altura média de 600 metros e montanhas que chegam até 1.500 metros, o Hindustão depara-se aberto súbita e misteriosamente, a ocultas por detrás

das insondáveis muralhas, aos povos do continente cansados de lutas e gazivas, mostrando-lhes na feracíssima rejião ganjética trielinio e mesa, em que o repouso é cómodo e a subsistência fácil.

5. — Vivem ali hoje cerca de 150 milhões de homens, e ali se tem encontrado e confundido todas as raças do antigo mundo. As portas daquelle paraíso traçoeiro são: — ao noroeste, no vale superior do Indo, as portelas de Caracorum de prodijiosa eminência e a profunda e extensa rejião do Tibet Menor ou Baltistão; no vale do Cábul, as portelas de Caibar e Curâm; e descendo mais a oeste, as pilas e foreas em que fenecem as não menos famosas dos montes de Gualari e Bolan; — ao nordeste as portelas que, do extremo oriental do Himálaia, dominam os vales em que estrondeiam os caudais que veem terminar com o Brahmaputra no delta do Ganjes.

6. — A população primitiva do Hindustão era a léste raça de *negritos* e a oeste raça menos escura e do cabellos corredios. Cruzaram-se com os primeiros invasores, raça amarela que do Tibet e da alta Bermânia desceu pelos vales do Sampô e propriamente do Brahmaputra. Do seu cruzamento

resultaram os *proto-Drávidas* cujos tipos principais são os *Gondes* e os *Biles* ou *Bilas*. Os livros samscriticos denominam aquelles *Rácxasas* (RĀ-KṢASA) *destruidores* e descreve-os o *Ramáiana* como negros lanudos e de beiços grossos, antropófagos abomináveis. Aos *Bilas* parece corresponderem os *Nixadas* da literatura samscritica, povos caçadores e pescadores.

À primeira invasão succedeu a de jente uralo-altaica descida da Ásia Central, onde sempre envolvera os Árias e a quem, por deanteira na emigração, ensinou o caminho por onde mais tarde e em diferentes épocas eles entraram nas terras do Panjab.

Do cruzamento dos invasores de raça uralo-altaica com os proto-Drávidas resultou a *raça dravidica*, propriamente dita, que os Árias forçaram a immigrar, em grande número, no planalto do Decão.

O tipo árico foi modificado, como já dissemos, pelos cruzamentos com *Drávidas* que ficaram na região ganjética, mas é ainda hoje evidente nos Bráhmanes de Caxmira e do Panjab setentrional, nos *Rajaputes* dos distritos montanhosos da Índia Central, no país denominado* Rajaputana.

CAPITULO II

PERÍODOS DA LITERATURA SAMSCRÍTICA. — CONSERVAÇÃO E ANTIGUIDADE DESTA LITERATURA.

§ 1.º

Arcaísmo do sâmscrito e preponderância desta língua na literatura indiana.

1. — Como dissemos, os Árias entraram na Índia em diferentes épocas, e pelas portas do noroeste, no segundo milénio antes da nossa era. Foram com efeito diferentes as invasões.

Os Árias descidos da Ásia Central ao vale do Indo designaram este rio pela sua grandeza e fôrça de águas, chamando-o por exelência o SINDHU « a torrente caudalosa », e ao povo que habitava as margens deram o nome de SAINDHAVĀS. A primeira denominação é para nós, que dela tirámos indirectamente o nome *Índia*, a mais notável. Eneontra-se sob a fôrma HINDU nas inscrições persas, sob a fôrma SINTU nas susiânicas e babilónicas, depois da conquista de Dario;

encontra-se sob a fôrma HINNŪSTĀN «pais dos Hindus» no persa moderno; encontra-se entre os Gregos na designação do rio 'INDÓS, do pais 'INDIA, dos habitantes 'INDOI; encontra-se finalmente sob a fôrma SINDH o pais do *Sind* no delta do *Indo* onde se fala a lingua (SINDHĪ) *sindi*, que é das vernáculas uma das mais isentas de elementos estranhos ao falar árico.

Chegados ao sul de Caxmira e até a confluência do *Indo* com o Cábul, os Árias, ou, como lhes podemos chamar pois que chegaram a esse ponto, os Árias-Hindus, conheceram o território que se estende para o sul e para o oriente até o actual rio *Sattaj*, a *Xutudri* dos livros samseriticos. Designaram - no pelo número de « sete rios » SAPTA-SINDHAVAS, o *Saptasindu* que por certo os Erânios também conheceram e igualmente disseram HAPTA HENDU, se este nome de *sete rios* não havia sido já anteriormente dado a outras linhas fluviaes, como é provável que o fôsse aos rios que entram no *Hilmend*. Os Romanos contemporâneos de *Verjílio* souberam ainda que havia ou tivera havido os *sete rios* do noroeste da *India*. Mais tarde contam-se apenas cinco rios, PANKA-NADA, e modernamente o pais tem o nome

de *Panjab*, cuja significação é a mesma em língua persa.

2. — A maneira pela qual os rios depositavam as terras, o limo, todos os detritos que arrastavam das montanhas, e o facto de se haver formado o deserto arenoso de *Tar* (Thar) ao sul do *Satlaj*, determinaram a derivação da corrente immigrante pelas portas de noroeste segundo o curso do Ganges, na parte central do Hindustão.

Antes, porém, de assentarem aí os seus arraiais e castros, demoraram os Árias largo tempo no Saptasíndu. A êste primeiro território se refere o maior número de dados colijidos nos hinos do Rigveda, e até as conquistas de Alexandre se conservou ele dividido entre algumas tribus independentes e em principados que os Gregos designaram conjuntamente pelo nome dinástico Poros, em sâmscrito PAURAVA «de Púru», e em particular pelo nome dinástico do principado TAXILÊS (gr.) cuja capital era TÁXILA (gr., em sâmscrito TAKṢA-ŚILA), 'ABISARÊS (gr., em sâmscrito ABHISĀRA, capital ABHISĀRĪ,) na formosíssima Caxmira (em sâmscrito KAŚMĪRA, em gr. KASPEIRÍA, fôrma próxima de outra em sâmscrito KAŚJAPAMĪRA segundo conjecturou Burnouf).

3. — O maior número de dados colhidos nos hinos védicos refere-se ao Saptasíndu. Todavia a civilização védica transformou-se em brahmânica depois dos Árias haverem assentado na parte ocidental do terreno do aluvião ganjético por eles mesmos denominada MADHJA-DEŠA « país do meio, » país central, *Mídia-dexa*. Notóriamente entre o Jamna e o Ganjes, o país era de Bráhmanes, e os Vates eram Vates brahmânicos; assim o denominaram eles BRAHMARŠI-DEŠA, « país dos Brahmárxis », isto é: dos *Rixis*, dos *Vates brahmânicos*. A oriente viviam outros Árias cuja civilização parece ter começado primeiro o continuado até tarde sem influência dos Bráhmanes.

O *Mídia-dexa* confinava a noroeste com os domínios dos *Páuravas*, a oeste com o rio, a *Sarasuati*, e deserto do noroeste hindustânico (o actualmente denominado THAR); seguia a curva do terreno de aluvião pela margem direita do *Jamna*, e um pouco abaixo de *Caxi*, a actual Benaros, subia para norte revertendo outra vez para noroeste até o sopé das montanhas. O *Brahmárxi-dexa* vinha até a confluência do *Jamna* com o *Ganjes*, compreendendo o *Cúru-cxetra* «Castro dos Cúrus,» as terras dos *Panchalas* e de outros cabos

de tribu, como eram na margem esquerda do Ganjes, os *Báratas* (BHĀRATA). Para além da confluência ficava a terra dos PRÁSIOS como lhes chamavam os Gregos do nome PRĀKIJĀS «habitantes de *Prāchi*», isto é do oriente.

4. — Eram estes em grande número os *Árias-Hindus* que provavelmente foram os primeiros imigrantes Árias, e ali haviam desenvolvido e levado para além do *Média-dexa* civilização, independente da védica e só tarde influenciada pela Brahmánica.

O cruzamento dos *Árias* com os *Drávidas* nestas regiões orientais é antropológicamente muito mais notável do que nas regiões a noroeste. Além disto os livros samseríticos atribuem ao *Brahmárxi-dexa* civilização de grau mais subido, aos seus habitantes maior brio, ao culto carácter sagrado mais proeminente do que ao país, ao culto, e aos habitantes das bandas orientais. Referem-se a êste, dizendo terem sido os habitantes do noroeste seus mestres nas cousas sagradas e no saber.

5. — Foram portanto dois os principais centros de civilização árica no Hindustão. No centro ocidental desenvolveu-se a civilização védica. Teve à

sua frente no período heroico os *Cúrus*, os *Panchalas*, os *Púrus*, os *Báratas*, os *Pândavas*, raça lunar de *Hastinápura* nas margens do Ganjes superior. No centro oriental desenvolveu-se a civilização do país de *Coxala* e para além do *Mídia-dexa* na região do baixo Ganjes, mas para aquém do delta, nos países de *Videha* e *Mágada*. A esta civilização oriental prende-se a evolução búdica e a estirpe dos *Icxuacos*, a raça solar de *Aiodiã* (ΑΙΟΔΙΥΑ) a moderna *Aude*.

6. — Um dialecto introduzido em país estranho por immigrantes differencia-se tanto mais do tipo fundamental quanto mais longe vão demorar as tribus e mais tarde fixam a sua linguaagem pela escrita. Assim aconteceu no Hindustão. O falar árico introduzido a oriente da região ganjética pelos que, provavelmente, foram os primeiros immigrantes, differenciou-se cada vez mais do tipo proto-árico, à proporção que foi seguindo a evolução própria de lingua vernácula sem fixação literária.

Em meado do terceiro século antes de Cristo, os Hindus possuíam dois sistemas gráficos: do norte conhecido pelas inscrições de *Axoca* nos rochedos de *Capurdagari* (ΚΑΡΥΡΔΑΓΑΡΗ ou ΚΑΡΥ-

-DI-GIRĪ e ainda KAPARDIGIRĪ, aldeia em Xabazgari, distrito de Pexáuar), do sul conhecido pelas inserições do mesmo rei na península do Guzarate e em Bengala. Preferiam, porém, os doutos, seguindo a tradição, transmitir oralmente o seu saber, e obrigavam os discípulos a decorar o saber transmitido.

A literatura — próprias produções do espírito fixadas em certa redacção breve — era necessariamente, por motivo de falta de escrita, objecto de estudo esotérico, e as luebrações eram quasi exclusivamente religiosas. Dêstes factos resultou que a linguagem árica foi seguindo na bôca do povo evolução própria, e se conservou até muito tarde em estado notável de arcaísmo na redacção de certas composições poéticas lírico-épicas, transmitidas de familia em familia, no *Brahmárxi-dexa*.

7. — Dêste centro de cultura mental a civilização brahmânica irradiou para oriente até aléni do *Mádia-dexa*. Com a civilização foi também a religião brahmânica. Não havia, porém, unidade política, à qual se chegou apenas em meado do terceiro século anterior à era eristã; e portanto, cada tribu conservou o seu dialecto mais ou me-

nos diferenciado da língua árica introduzida no sul do Himálaia ao tempo da immigração.

A sociabilidade natural, mais dilatada pela influência do ocidente sôbre o oriente, no *Má-dia-dexa*, transformara a linguagem de que os Hindus se serviam nas relações quotidianas. Um dia os iniciados conheceram a necessidade do estudar a língua arcaica das suas composições hieráticas: tanto entre eles mesmos se havia alterado já o falar vernáculo. Começaram então os gramáticos a sua obra critica, e a exejeso a concorrer com esta no intuito do explicar o *saber* e manter a *sabedoria* do *Brahmárxi-dexa* — de se desvendar e preservar o *Veda*.

8. — A fixação de regras de uma língua não se efectua senão quando os homens doutos, que se entendem por linguagem vernácula com os indoutos, conhecem a diferença dos seus falares e pressentem o que eles chamam crescente corrupção o é apenas evolução própria da vida, espontânea, e sem cultivo artificial, das línguas faladas. Essa corrupção no falar árico fez-se por tal fórma na Índia, que, ao tempo do Alexandre, havia já ali uma língua religiosa esotérica e fixada segundo aforismos gramaticais redijidos, se

não pelo célebre *Pánini*, ao menos pelos seus predecessores.

É esta linguagem sagrada, fixada pelos gramáticos, e de que os Bráhmanes se serviam no culto e no discorrer teológico, a língua que se denomina *SĀSKRTĀ BHĀṢĀ* « a língua pura » ou simplesmente *SĀSKRTAM* « o sâmscrito (1) » isto é o falar *puro*, próprio dos actos *puros* e sagrados. Formou-se por derivação do falar védico no *Brahmárxi-dexa*; mas não era comum ao *Mádia-dexa*, e ficou esotérica.

Para que um dos dialectos áricos ficasse predominante era preciso o cultivo literário. É o povo quem faz a língua. Uma língua é um facto social; mas é o sábio, o vate, o poeta (bardo e contador) quem a fixa. Poeta, sábio, vate que sabe e conhece e conta o passado mis-

(1) Escrevemos hoje *sâmscrito*. O autor d'êsto livro escreveu já, porém, *sâoskrito*. A reforma ortográfica obrigou-o a mudar *k* para *c*; a necessidade de acentuar *são*, levou-o a escrever *sâm* que em frente de *s* um Português lerá necessariamente *são*. No seu folheto « Sobre a sede originaria da gente árica » Lisboa, 1878, deu ele, a página 37, as razões da pronúncia *sâoskrito* (com *i* átono e a acentuação em *são*). Mantém ainda hoje essas mesmas razões mas ortografa *sâmscrito*.

terioso, e prevê porque dirige e é o intermédio entre o homem e deus, é nos tempos primitivos um só — na Índia, o *Rixi*.

Os *Rixis brahmánicos*, os Bráhmanes constituídos em casta sacerdotal, fixaram o sámscrito, mas guardaram om misteriosíssimo segrêdo todas as produções em que fixaram a sua *lingua sagrada*, e em igual mistério o uso falado dêsse instrumento de comunicação de pensamento entre os *homens, deuses na terra* (os Bráhmanes) e os *deuses, homens subidos ao ceu*.

9. — Assim continuava a multiplicidade glotológica, bem como a falta de unidade politica. Quando esta chegou, e efémera, *Axoca*, o seu fundador, o Constantino da Índia, cêrca de 250 anos precedentes a Cristo, cuidou logo em assegurar do modo autêntico a doutrina que *Buda* (BUDDHA) no fim do seculo VI prègara, e a *série* — PĀLI — dos seus discipulos propagara em linguagem vernácula dos *Práchias*.

Para conseguir o seu fim, *Axoca* fez que se escrevesse no dialecto de *Mágada* a doutrina húdica em conformidade com os preceitos da *série* — PĀLI — dos discipulos e apóstolos do grande prègador do seculo VI. É esse dialecto árico

preservado nos textos em *língua de Mágada*, que hoje denominamos *páli*.

Axoca era neto do vencedor de *Seleuco*, neto de *Chandra-gupta*, daquele rei a quem os Gregos chamaram SANDRÓKOTTOS por assim pronunciarem seu nome. Desde tal momento, havia, pois, na região ganjética a rivalidade de duas línguas, de duas doutrinas mantidas por cânones, e havia também a influência grega a abrir a época histórica para a Índia. Começou nesse momento a literatura propriamente samscritica post-védica, e a nova fase religiosa búdica em luta com o brahmanismo, até então existente como quasi exclusivo senhor das consciências.

10. — Para tratarmos da literatura da Índia antiga teremos, por consequência, de tratar dos monumentos em *sámscrito* e dos monumentos em *páli*. Assim o fazemos. Êste volume serve de introdução à história dessas duas fases de transformação da religião árica, segundo os monumentos literários, na Índia.

A literatura propriamente samscritica é a mais notável porque a ela pertence o monumento escrito mais antigo da nossa raça — a árica, e porque abranje os tres períodos de evolução

religiosa — o *védico*, o *brahmánico* e em parte o *búdico*, e modernamente ainda o período religioso do *neo-brahmanismo*, em virtude da preponderância que teve na literatura por ser o *sámscrito* a linguagem da casta predominante.

§ 2.º

A literatura *sámscrita* em jeral.

1. — O termo *sámscrito* — cabe restritamente só ao dialecto árico regulado o assente pelos trabalhos dos gramáticos Hindus, de emprêgo artificial ha mais de vinte e tres séculos.

Por jeneralização emprega-se, porém, o termo — *sámscrito* — para designar os dialectos antigos e sagrados da Índia; e tanto os anteriores à evolução búdica, nos quais foram redijidos os *Vedas* e os *Bráhmanas*, como o dialecto polido om que foram escritas posteriormente à evolução búdica obras tais como: o *Ramãiana*, o *Xácúntalam* ou o drama do *Xacuntalá*, e as fábulas conhecidas pelos nomes de *Panchatantra* « cinco livros » e *Hilopadexa* « instrução útil », as máximas, *Centúrias de Bártri-Hári*. Este dialecto é hoje ainda instrumento sociolójico no-

tável, mas não lingua vernácula, de comunicação mental em toda a Índia.

Por *sâmscrito*, pois, no sentido lato, entende-se o idioma em que se conhecem escritos os monumentos literários e sagrados da Índia brahmânica (1).

2. — É de rigor que distingamos entre *sâmscrito védico* e *sâmscrito clássico*. A literatura em sâmscrito clássico é toda posterior ao III século antes de Cristo, pelo menos na sua última redacção escrita. A esse tempo já o sâmscrito não era lingua vernácula. A literatura anterior ao III século é toda *védica*, isto é comprehende os *livros dos hinos*, propriamente *Vedas*, e os *livros* que estudam os *Vedas*. Foi redijida em dois dialectos cujas fórmulas sintácticas, e cujo vocabulário na morfologia e significação, obrigam a dar ao mais antigo o nome de *dialecto arcaico* e a reconhecer no segundo uma linguagem do periodo de transição das fórmulas arcaicas para as fórmulas clássicas. — *Vide* páj. 166.

(1) Esta definição é para nós rigorosíssima, porque entendemos que é *brahmânica* a redacção escrita dos *Vedas*.

O dialecto de transição conhece-se, única e exclusivamente, pelas fôrmas conservadas nos livros de literatura crítica, exejética e escoliástica, dos teólogos que discorreram, dissertaram — explicando, autenticando, comentando — acêrca da linguaagem, orijem e ideas dos hinos védicos, e definiram e assentaram dogmas e ritos cuja base é tradicionalmente védica. É portanto pelos documentos um *dialecto teolójico*.

Os livros escritos no dialecto teolójico pertencem evidentemente a dois momentos de evolução glotolójica, ao último dos quais pertencem os livros chamados *Sutras*, cuja linguaagem é a bem dizer clássica, e ao primeiro pertencem os livros chamados (os) *Bráhmans* (BRĀHMANA, n.) e (as) *Upanixadas* (UPANIṢAD f.).

Portanto, a literatura samscritica divide-se em *dois pertodos glotolójicos* — o *védico* e o *clássico*. No periodo védico distinguem-se *dois dialectos* — o *arcaico* e o *teolójico*, e êste com dois momentos de evolução glotolójica. No periodo clássico ha um só dialecto samscritico, ainda que se afastem da pureza dos primeiros tempos as composições mais modernas dos séculos posteriores a Cristo.

3. — Abranjem tres periodos de evolução re-

lijiosa os monumentos escritos nos dialectos do período védico: a evolução propriamente védica, a brahmânica, a búdica. Os monumentos escritos no dialecto clássico abranjem a época de decadência brahmânica, os períodos de luta do brahmanismo com o budismo, e o neo-brahmanismo.

Toda esta literatura tem o carácter jeral de sagrada: é pelo menos hierática; e a parte composta dos *Vedas*, *Bráhmanas* e *Upanixadas*, absolutamente havida como sagrada. Reúnem-se mesmo estas tres ordens de livros sob o nome jenerico de *Vedas*, e a sua redacção é evidentemente brahmânica.

4. — VEDA — de VID «conhecer, saber, ver», é a sabedoria brahmânica por *vidência* sobrenatural dos *Vates*, dos *Rixis brahmánicos*; e *Vedas* são os livros em que se colijiu toda aquella sabedoria, porque deles so fez o repositório de todo o saber.

Os livros védicos, porém, attribuem, jeralmente, a autores humanos os cánticos mais tarde considerados *palavra divina*. Em alguns dèsses hinos encontra-se expressa a idea de que o autor canta um hino que é *novo*, a idea de que o autor canta um hino *agradável à divindade que exalta*;

noutros lê-se a *precc*, o *convite* feito à divindade para quo ella *accite* o hino ou *venha tomar* de sôbre o altar a parto da hóstia que lhe é votada, e *beber* com o cantor a bebida fermentada, o doce néctar, que o excita mentalmente.

Tudo leva a crer que os autores de tais hinos não se julgavam mais do que homens, em *relação directa* sim com os deuses, mas porque eram *leais aos seus deuses*; — por vezes tementes como homens que sabem que pecam, por vezes convencidos dos merecimentos de homens cumpridores dos seus deveres pios.

Pouco e pouco, formou-se a tradição de que os Rixis, que primeiro haviam cantado um hino, eram aodos, videntes que repetiam apenas, religiosa e esotéricamente em familia, esses hinos tais como os tinham ouvido à divindade com a qual comunicavam. Alguns passos do *Rigveda* serviram de base para sustentar esta crença. Podemos citar : a 1.^a *riche* (1.^o verso) do hino 31 do *mândala* (círculo, livro) I; e bem assim a 4.^a do hino 37; e a 2.^a do hino 179; e mais III, 18, 3.^a; VII, 76, 4.^a

5. — Segundo esta crença, o *Veda*, a *sabedoria* não tem autor humano e foi transmitida oralmente (como de facto o foram os hinos) por ininterrupta

série de iniciados, desde a *audição* — *xrúti*, directa, da *palavra* — *xabda*, da *voz* — *vách*, divina, pelo primeiro Ríxi, pelo primeiro vate que repetiu o canto sagrado por excelência. Os autores dos Vedas-seriam, pois, segundo esta teoria, *de revelação por audição*, teósofos, aedos cuja comunicação directa com a divindade seria mais íntima do que segundo a teoria das doutrinas e textos *de revelação por inspiração*.

Tal é a idea central de toda concepção religiosa Hindu, de toda crença em que o Brahmanismo influíu e a que deu molde; tal é o motivo do uso tardio da escrita.

A literatura do dialecto teolójico é de iniciados que, ainda de boa fé, sentem, não obstante, já a necessidade de combate, manifesto com todo o vigor nos *Sutras*.

Por bôa lójica os Hindus consideraram *xrúti*, *de audição directa*, sem autor humano, os *Vedas*, os *Bráhmanas*, e as *Upanixadas*; o consideraram *smrtti*, *de recordação* por ensinamento tradicional, os *Sutras* e toda a literatura posterior.

6. — Os textos védicos contem hinos antieúissimos, cantados mais de 11 séculos, mais até de 15 séculos antes de Cristo. Estes hinos são os mo-

numentos mais antigos e preciosos para a vida dos nossos primeiros pais, — factos de importância capital, mas não único do interêsse real. Os Bráhmanas e as Upanixadas conteem doutrina critica e exejética em jeral, do ordem teolójica; e filosófica nas Upanixadas.

7. — Em sámscrito clássico estão escritos monumentos literários de outra ordem. O seu carácter emquanto às ideas é ainda relijioso na maior parte dos textos: — ou pelos fins com que esses escritos foram redijidos, ou pela maneira pela qual os Bráhmanes alteraram as tradições sôbre que eles assentam, ou pela dependência que existe entre esses escritos e os escritos arcaicos. Emquanto às fôrmas sintáeticas, é artificial e notóriamente por estricta observância das regras dadas tanto pelos gramáticos anteriores a *Pá-nini*, como por êste mesmo, e por ele resumidas em aforismos.

Nos escritos clássicos notam-se: — excessos do rigor na representação fonolójica da fraso, — exa-jeração do carácter sintético da lingua na formação dos compostos, — disposição predominante da ordem das ideas, construindo-se em jeral a frase pela passiva, de modo que o objectivo

passa de complemento directo a sujeito, e o sujeito lójico fica complemento circumstantial, — emprêgo preponderante de fórmulas nominais do verbo em substituição das pessoais próprias, — uso da *directa oratio* fujindo-se à construção da *obliqua oratio*, que traria como consequência de dição o desenvolvimento dos modos subjuntivo, potencial e optativo, em cujo detrimento prevaleceu o indicativo.

8. — Os monumentos da literatura clássica em sâmscrito abranjem o tempo decorrido desde o III seculo antes de Cristo até o XVI depois, e mesmo fins do XVII com parte da literatura dos *Puranas*.

A redacção desta literatura é quasi exclusivamente métrica; não só a das concepções poéticas, mas a de estilo narrativo e do crónicas, e a de obras científicas e práticas como as de legislação. Na prosa é notavelmente aforística. Tal modo de escrever é proprio do hábito de decorar em verso, do só tarde se ter escrito a redacção e portanto haver necessidade de ser-se breve e conciso na frase; é finalmente proprio do hábito de se reproduzirem as frases estereotipadas, cristalizadas, como o estava a linguagem que servia

os autores já sem espontaneidade completa, e portanto eseritores por artificio de imitação.

9. — Os jéneros literários próprioamente ditos do sámscrito elássico, mais estimados e cultivados pelos Hindus, são: o *didáctico* e *gnómico* que invadiu todos os jéneros e se tornou earacteristicamente indiano, o *épico*, o *lírico* o *erótico*, o *dramático*. Não conheceram os Hindus o *jénero histórico*, nem se preocuparam com o eómputo do tempo; não conheceram o jénero próprioamente *palético* e *trájico*.

A literatura eientífica da Índia antiga é muito notável em tres ramos do saber humano — a *gramática*, a *lejislação*, a *filosofia*, cujo estudo é para nós de importáncia eapital. Em aritmética e geometria tiveram os Hindus independéncia; em astronomia deram um reflexo da grega; em medicina ficaram no periodo rudimentar.

10. — As principais produções literárias no *jénero épico* são :

Os *Íti-haças* (quer dizer: ITI « assim »; HA « em verdade »; ĀSA « foi » — o caso), ou *poemas épicos*, as *grandes epopcias*: o *Mahá-Bárata*, prodijiosa colecção de lendas hindus, algumas antiçuíssimas e que, apesar de serem em verso, teem

redacção natural, simples; — o *Ramáiana*, o poema épico por excelência pela unidade notável com que está redijido o pelo assunto — a conquista árica da Índia e a expedição (AJANAM) de Rama a Ceilão. Atribui-se o *Mahá-Bárata* a *Viaça*, e o *Ramáiana* a *Valmtqui*, duas individualidades que a ciência reputa meras entidades míticas.

Os *Cávias* (quer dizer: cujo autor é um *Cávi*, um poeta), *poemas épicos menores*. Os mais notáveis são: o *Nascimento de Cumara* (deus da guerra) e o *Rágu-vamxa* i. e. a *Familia de Rágu*, de que podemos dizer os *Ragütadas*, e cujo assunto é a eelobração dos ascendentes e dos feitos gloriosos de Rama, o heroi do Ramáiana. Ambos estes poemas são de *Calidaça*.

Os *Puranas*, ou tradições antigas, de carácter pseudo-histórico, que segundo a crença foram compiladas por *Viaça* — a redacção personificada, São corpo do doutrina lendária e mitológica moderna.

11. — No *jénero lirico e erótico* contam-se muitos escritos. São os mais estimados: a *Nuvem mensajeira*, as *Estações*, do célebre *Calidaça*; as *Centúrias*, de *Bártri-Ilári*; o *Canto de Govinda*, do poeta *Jaiadeva*, literária e exejêticamente

semelhante ao *Cântico dos Cânticos de Salomão* na Biblia.

12. — São peças capitais no jénero dramático: as tres obras cénicas de *Calidaça* — *Urvaxi*, *Málavicá*, *Xacuntalá*, tres nomes de heroínas, e titulos de tres magníficas e espléndidas compeções. É ainda para mencionar o *Carruho de barro* do rei e pecta *Xúdraca*, a *Ratnavali* do rei *Harxadeva*, e *Nagananda*, espécie de *mistério* ou *auto de devoção* de carácter búdico.

13. — Influinde em todos estes jéneros, infiltrande-se no subsele, e jerrando alto em muitos pentes, concentra-se o jénero *didáctico* o *gnómico*. São notáveis, jeralmente, em máximas morais as obras em sámscrito. Abundam em conceitos sublimes, em elevados sentimentos, e em persuasivas lições de vida prática as epopcias; tem carácter exclusivamente ético em parte dos seus escritos *Bártri-Hiri* e outros autores que escreveram no jénero que se tem denominade lirice e crótico.

Cultivaram os Hindus, desde remotíssimo tempo o jénero *didáctico* e *gnómico* com forma dialogada, componde apólogos — contos e fábulas. Encontra-se e apólogo no periodo védico

em uma das *Upanixadas*, na *Chandóguia-Upanixada*, encontra-se no *Mahá-Bárata*, e é a feição característica da literatura búdica.

Posteriormente formaram-se várias coleções de apólogos interessantíssimas: o *Panchatantra*, o *Hitopadexa*, o *Oceano do rio de Contos*, os *Setenta contos de um papagaio*, etc.

14. — Estes apólogos tem na história das tradições e lendas populares do mundo, principalmente na Europa, lugar importante; pelo quê são para a história da literatura medieval, e ainda dos tempos modernos, a parto mais interessante da literatura antiga da Índia árica.

Foi jente da raça semítica e da mongólica quem trouxe à Europa a torrente poderosissima das ficções indianas. Com ela veiu tornar mais fértil o campo da imaginação popular do ocidente, em adájos, anedotas e facécias, em contos satíricos e cómicos; e mais apta a consciéncia para compreender doutrina moral e preceituação do amor e caridade búdica — em nada menos sublime que a evanjélica.

Nas obras de *Carlos Perrault*, e já antes nas obras de *Rabelais*, de *Straparola*, de *Boccacio*, sentimos a injenuidade e descomedimento orien-

tal mais polido, mais artisticamente apresentado, mas por isso mesmo ainda mais viva a facécia e mais punjente o sarcasmo. Nas obras do *Chaucer*, de *Shakespeare* e nas de *Ariosto* sentimos fragrâncias delicadas e perfumes activos das flores, que vieram enfeitar a musa de *Jil Vicente* e lhe deram o misto de dicacidade, desenvoltura e melancolia, a que pela corrente da época bem se adequava o seu espirito sardónico e magoado.

À Igreja católica deu a virtude búdica modelo de santidade, apresentado pela pena de *São João Damasceno* na lenda de *Barlaám e Josafat*, accito por ordem pontificia, principalmente de Xisto V e Pio IX (1). Veiu também o apólogo búdico trazer ao cristianismo exemplificação moral por parábolas e contos, que se leem nos *Gesta Romanorum*, *Vitae Sanctorum*, *Vitae Patrum*, *Disciplina Clericalis* e noutros livros.

15. — Foram tres os mais notáveis gramáticos do período clássico : *Pánini*, e subsecuente-mente *Catidiana* e *Patánjali*. Muitos outros os

(1) Os Santos Barlaám e Josafat. Os seus dias são: a 27 de novembro na Igreja católica; a 26 de agosto na Igreja grega. — *Vide*, páj. 166.

precederam, que os estudos de gramática na Índia começaram cedo e antes das escolas em que se originaram os *Sutras* chamados *Pratixâ-quis*, tratados especiais de fonologia védica para cada um dos quatro Vedas.

Por motivos relijiosos, como fica dito, a primeira investigação gramatical começou nos fins do período védico. Os nomes dos investigadores ficaram na maior parte perdidos, pois até nós só chegou noticia de dois: *Xacatâiana* e *Iâsca*. Dêste, o mais moderno dos dois, possuímos valiosísimos trabalhos.

É prodijiosa a minudência a que os gramáticos hindus levaram a análise não só do sâmscrito, mas até mesmo da *linguagem*.

16. — Dos códigos de leis hindus, ou *Darma-xastras*, mais notáveis, mencionamos: o *Livro das leis mânavas*, o *Livro das leis de Iajnhavâlquia*, ambos em verso heroico; o *Livro das leis de Gâutama*, o *apastâmbico*, etc.

Estes códigos são o desenvolvimento, dos *Grithia-Sutras*, *sutras da casa* ou leis domésticas dos tempos védicos, adequado a sociedade mais amplamente constituída.

17. — A especulação filosófica na Índia co-

meçou muito cedo também, no vigor do período védico. No período clássico encontramos *seis sistemas filosóficos*, cuja relação histórica é ainda ponto de controvérsia, mas cuja base é para todos a filosofia das *Upanixadas*.

Podemos, não obstante a dúvida de precedência, considerar os seis sistemas como tres: o *Sânquia* (com o *Ióga*), o *Niaia* (com o *Vaixé-xica*), o da *Mimamsá* (com o *Vedanta*).

Jiram todos em volta do mesmo eixo; o seu fim é darem remédio para o mesmo mal; os processos são diferentes, mas na demanda desse remédio houve um só e mesmo impulso, o qual foi a reacção contra a depressão moral — impulso de todas as grandes revoluções, que jamais se efectuam quando as ideas novas não passam a sentimento. O remédio, julgavam os Hindus encontrá-lo na *unificação com a Grande Alma*. Só ali procuravam, o que procuram os revolucionários sinceros, — a consolação no desânimo, a reelevação contra a depressão, e o proseguimento tranquilo em encontrar-se um bem embora fugitivo, mas em cuja demanda ha outro bem seguro, certo, real, quando a desesperança não afoga o coração humano desiludido.

§ 3.º

Psicologia do Índio.

1. — A falta de jénero histórico e de exacta cronologia na literatura samserítica é resultado da psicologia do Índio sujeito à preponderância brahmánica, sob a influéncia do clima deletério na rejião oriental ganjética.

As condições climatéricas e topográficas no Hindustão, assim como concorreram para o de-
erecimento dos instintos guerreiros e para o desenvolvimento da especulação mental pelo ócio e pelo bem estar das classes dirigentes, também concorreram para o insulamento dos Hindus o desenvolvimento do misticismo trucidante da intelijéncia. As muralhas naturais que defenderam os Hindus até 508 anos antes de Cristo, e os tiveram ao abrigo de novas invasões por quási dois séculos depois de Dario, foram as paredes do seu túmulo. Sem necessidade de defesa da terra, da família e das leis, absortos pela casta sacerdotal, os Hindus não adquiriram o vigor de espirito que torna um povo

apto para grandes cometimentos; e muito menos o adquiriram os outros Índios que formaram casta servil na sociedade brahmânica. O carácter moral amesquinhou-se em todos, a ponto do o lavrador ver impassível os exércitos gregos invadirem o país, atravessando os campos que ele lavrava e continuava a lavrar sem fito nem providência, sem intuito de futuro, indolente, desprecebido, indiferente, sem conhecer pátria.

A riqueza do solo e o carácter sofredor do indijena deu à Índia os meios com que ela pagou a Dario o pesado tributo; mas só o contacto com os Gregos, depois de Alexandre, poudé trazer a Índia ao convívio histórico do mundo antigo, e ainda, como sempre, sem que ela tivesse consciência do seu passado. Já assim não aconteceu à China, apesar do seu notabilíssimo insulamento, por lonjinho afastamento do ponto de converjência das principais irradiações da cultura humana da Europa e Ásia.

2. — Podemos determinar épocas, marear datas, na história da China desde tempos remotíssimos. O reinado de *Iau* começou talvez no ano 2356 antes de Cristo, e com todo o rigor diremos que a consolidação da obra político-re-

lijiosa dos *Chous* se fez desde 1122, ano em que *Uú-Uám* subiu ao trono, até 1100 antes da nossa era. O *Chou-li*, o eódigo do *Chou-Cum* é documento precioso do século XII antes de Cristo, importante já sob o ponto de vista histórico e jeográfico.

A China teve desde o seu princípio vida histórica; possuiu desde tempos immemoriais um processo gráfico de assegurar o pensamento, e não teve hierarquia nem easta sacerdotal, nem livro sagrado de revelação divina. Os seus astrónomos computaram o tempo, determinaram o curso de alguns astros, o os períodos das estações e o ánuo, adoptando os meses intercalares e organizando o calendário ainda hoje a uso como no século XXIV antes de Cristo.

3. — Na Índia os Árias foram sensivelmente modificados, e podemos dizer que sensivelmente quasi absorvidos pela raça dravídica, cuja eivilização não seria muito inferior à daqueles invasores em grau de fôrça resistente, apesar de serem na essência diferentes o antagónicas as aptidões e qualidades mentais. Com efeito nada faz desaparecer tão rápidamente uma raça como a eivilização a que ela não se adapta por infe-

rioridade própria, o lho é imposta por vencedores de outra raça superior em mentalidade e em aquisições sociais. Os Drávidas, porém, não desapareceram; os que não emigraram cruzaram-se e em grande numero com os Árias invasores, — que o tipo fisico do Hindu é evidentemente o tipo negroide melhorado por notável influência árica em alguns pontos da extensa área hindustânica.

Assim, pois, o cruzamento com estirpes de mesquinho desenvolvimento intelectual; a acção intibiante do clima nos trópicos; a falta de fixação de carácter hereditário por motivo de elementos antagónicos coexistentes; o insulamento; o desprendimento de cuidados cívicos; tornaram enfermo o sistema nervoso do Hindu e perverteram-lho o mecanismo psicológico.

4.— A Índia não teve vida histórica senão por influência estranha e muito depois de ter sido a ela chamada por Alexandre. Não possuiu caracteres gráficos, próprios, nem ideográficos, nem silábicos, por meio dos quais tornasso perduráveis as lucubrações do espirito. Os sábios meditavam nas composições tradicionais, cujo carácter de *revelação* obstava a que se lhes investi-

gasse a origem humana e buscasse determinar o momento histórico do seu aparecimento. Os ignorantes ouviam a *palavra sagrada*, se eram iniciados como adeptos; ou transformavam-se em trabalho sem utilidade própria, se lhes eram vedados os místicos arcanos. Uns e outros consumiam a existência, inconscientes da vontade livre, sem dignidade humana. Absortos no sonho constante do ilusões metafísicas, viviam na eterna escuridão do adormecimento de brios civicos.

5. — As únicas verdadeiras sociedades humanas são as que se constituem em corpo politico. Ao sacerdócio, parte docente, pensante por excelência, quando existe nas sociedades primordiais, cumpre desenvolver por sua influencia os tres elementos — vida agrícola, propriedade, família — sem os quais não pode nunca chegar-se à unidade politica. O sacerdócio na Índia não realizou nem este fim, nem nenhum dos fins sociais que são a sua razão de ser. Em vez de robustecer a *moral* — que enobrecia já a religião védica, principalmente com as tendências para o monotheísmo e compreensão de justiça reguladora, misericordiosa para com o homem fraco, providente e iniludível do deus *Váruna* —, ensinou a esperar

o *efeito das obras* independente da divindade, e a distinguir o *bem*, como *bom resultado*, do *mal*, como *mau resultado*. En vez de desenvolver o politeísmo despenhou a mentalidade dos ignorantes no mais abjecto feiticismo, — o feiticismo de uma casta! Ensinou que *do Bráhmãne só é rei o Sóma* (a bebida do *não-morrer* personificada) e o *rei só é rei das outras castas*. Ensinou que *ha duas espécies de deuses: os Deuses e os Bráhmanes*, e que *os Bráhmanes são os Deuses visíveis na Terra*. Ensinou finalmente que *o Bráhmãne tem o poder de fazer cair do alto sólio aos Deuses e ao maior dos Deuses, Indra*. Dêste modo òs Hindus confundiram a idea de *divindade* e de *intermédio* entre Deus e o homem, o que é ficar ateu sem consciência da criação humana da divindade, e feiticista sem possibilidade de comunicar com o seu deus!

6.— Para que o Bráhmãne conservasse esta elevação ficticia era-lhe absolutamente necessário o mistério como invólucro e a ignorância nos outros homens como impedimento de aproximação. Como dissemos, os hinos eram transmitidos oralmente, esotéricamente. Em tempos que vieram depois da espontaneidade dos Vates, formaram-se diferentes escolas védicas. O ensino era feito

entre mestres e discípulos oralmente. A vida dèstes homens passava-se a decorar e a transmitir o saber decorado. Transformavam-se em bibliothecas vivas. Um doutor védico sabia de còr tudo o que dizia respeito à sua escola védica. Mas a superstição, que assim desenvolvia a memória, tornava o Hindu um místico, e anulava o *douto* para a sociedade; e de facto esmagou a mentalidade na classe (castas) pensante, e deixou no embrutecimento a classe (castas) que sustentava os ócios sagrados e os faustos régios.

§ 4.º

Os manuscritos hindus.

1. — À superstição esmagadora do espirito do Índio devemos, porém, a exactidão dos textos da literatura da Índia antiga, como não existe em nenhuma outra literatura que até nós chegasse por cópia de manuscritos.

Não foi, por certo, muito tempo antes de Alexandre que a Índia recebeu do *alfabeto* (1)

(1) O monumento mais antigo de sistema gráfico alfabético propriamente, hoje conhecido, é o da lápide moabita, *Estela de Mésa*, que é do século IX antes de Cristo. Foi descoberto em Diban por Clermont-Ganneau e está no Museu do Luvre, em Paris.

fenício segundo parece mais provável, por intermédio talvez dos Árabes himiaríticos, e por mar, e de um sistema gráfico aramaico, da Mesopotâmia, e por terra, os elementos de que formou os seus sistemas gráficos, aperfeiçoados na representação das vogais e com desenhos representativos de sons peculiares, como eram os cacuminais. Dar à escrita as composições reveladas era, porém, crime nefando; e ainda modernamente o facto é reprovado, a despeito da inutilidade da reprovação porque os textos estão conhecidos e não pertencem esotéricamente a uma casta. Por tais motivos o sistema gráfico pouco serviu na Índia em tempos antigos, desde talvez 400 anos até 250 antes de Cristo, a não ser quasi exclusivamente para relações comerciais. A esse tempo havia já terminado o período védico propriamente dito, e do sâmscrito, se ainda se falava, era apenas o dialecto clássico e entre os doutos, com menor carácter de instrumento social do que hoje — que impulso moderno avigora os Hindus e os acorda do torpor em que teem jazido.

2. — Para a conservação dos hinos concorreu poderosissimamente o modo disciplinado de os decorar. Havia cinco modos de dizer um hino.

O Bráhmano sabia todos os hinos segundo esses cinco modos, contraprova mútua do rigor e fidelidade absoluta da recitação. Graças à prática verdadeiramente assombrosa, não se pordeu um verso, nem uma palavra, nem um acento; e conservou-se rigorosíssima a enunciação. — *Vide* páj. 161.

Hoje mesmo, ainda o ensino brahmánico é feito oralmente; e ha na Índia milhares de Bráhmanes que sabem de cór todo o Rigveda — 1028 hinos e 153.826 palavras — e alguns seus discípulos que aos doze ou quinze anos podem repetir esse livro sagrado sem olharem para elle (Max Müller, H. Lect. p. 157).

A complicação ritualística e a diferenciação dialectal crescente tornaram absoluta a necessidade de assegurar e desenvolver a crítica, a interpretação, e as prescrições teológicas. Recorrou-se então à redacção escrita, embora o doutrramento continuasse oral.

3. — Os materiais da escrita foram a casca ou entrecasco de certas árvores (bétulas), tábuas, folhas do palmeira (principalmente da *corypha taliera*, *corypha imbraculifera*, e também da palmeira *borassus flabelliformis*), tiras de paninho,

o mais tarde papel de algodão; raras vezes lâminas metálicas.

Em Caxmira parece ter sido a casea da *betula bhjpatra* ou *betula bhurja* a matéria prima do manuseritos. É digno do menção especialíssima o texto de um Veda — do *Atarvaveda* (ATHARVAVEDA) — descoberto ali últimamente, escrito naquela substância.

Os caracteres eram gravados com estilo metálico na superfície preparada, ou traçados a tinta (preta para o texto e entrelinhas, vermelha o amarela para glossas o emendas) de especial composição e com um cálamó.

Do *Nearco* diz-so que elle conheera uma espécie de tecido ou massa (como se fôra papel) do algodão, em quo os Índios escreviam. Porém, o conhecimento do papel, e o fabrico desta substância, na Índia, datam apenas do século onze da nossa era. É certo que em livros do leis se mencionam, já em tempo antigo, documentos legais em que entoveem testemunhas para serem válidos e produzirem efeitos futuros. Não podia portanto o material de tais documentos ser a fôlha de palmceira, sempre frájlil por maior que seja o cuidado no preparo, e por mais consis-

tente que fique a substância preparada. Eram com efeito eseritos esses documentos em PATA, em KĀRPĀSIKA PAṬA, uma espécie de paninho.

É por consequência provável que as tiras (de algodão) preparadas como se fôsem de massa, e das quais deu notícia *Nearco* fôsem pastas de paninho preparado com mucilagem e pós de natureza própria (como o carvão usado no Canará) para cobrir a superfície do lado onde houvesse de eserever-se.

O papel de algodão também é preparado com mucilagem de tamarindos e arsénico. Esta última droga preserva-o da destruição pela traça.

4. — Dos manuscritos mais antigos que conhecemos na literatura indiana, a maior parte tem só 300 anos ou 400; alguns teem 500 anos. Os manuseritos em folha de palmeira de textos jainas, teem 700 anos, e só um é do ano 1132. Mais antigos do que estes são os nepalenses do ano 1000 e mesmo do ano 883.

Conhecem-se hoje mais de 10.000 obras em manuscritos, cuja parte principal está publicada na Índia e na Europa. As bibliotecas mais ricas são a do *Mahá-Rajá de Tanjor* que possui para cima de 1.800 Ms. em caracteres diferentes; a

biblioteca do *India Office* em Londres, as de *Calcutá*, a de *Benares*, a *Bodleiana*, a de *Berlim*.

CAPÍTULO III

O DESCOBRIMENTO DO SÂMSCRITO E DA LITERATURA SÂMSCRÍTICA. — SUAS CONSEQUÊNCIAS NOS ESTUDOS HISTÓRICOS.

§ 1.º

Notícia e primeiro conhecimento que houve da língua e literatura samscritica.

1. — Os povos que primeiro conheceram litteratura e relijião hindu foram os Chins. Os Budistas tentaram levar a sua relijião à China no ano 217 antes da nossa era; e no ano 122 um jeneral chinês apodera-se duma estátua do Buda nas bandas orientais de Iareand, e apresenta-a ao imperador, como também nesse mesmo ano um embaixador chinês informa *Uú-li*, da dinastia Han, acêrca dos reinos e costumes dos países limítrofes do celeste império a ocidente, e lhe menciona a Índia e os bárbaros de Buda.

No ano de 61 da nossa era, o Budismo entrava definitivamente na China. No século II tradu-

zia-se o « Lódão da Bôa Lei » Em 384 o imperador *Hiau-Uí* edificava o pagode búdico no seu palácio de Nanquim, e era tal a aceitação do Budismo, no século IV, na China, que havia templos búdicos nas principais cidades, e era permitido oficialmente aos Chineses que fizessem votos de *Xámen*, isto ó de *Sámanas* ou *Xrámanas*, discípulos de Buda.

Quando tratarmos da influência da Índia e da literatura e relijião hindu nos povos estranhos à península himalaica, faremos a resenha histórica do Budismo na China e do conhecimento que os Chins tiveram dos livros hindus. Aqui, porém, só buscamos o fio condutor do conhecimento do sámscrito e literatura samscritica a ocidente da grande península.

2. — Como se fôra fermento de levadura que, por diminuto que seja, altera o sabor da massa a que se junta, encontramos, em teorias e doutrinas que abalaram os povos ocidentais, sabor de ideas absolutamente indianas, que por certo penetraram na Ásia Menor o na Europa já antes da existência do filho de Filipe. Qual fôsse o veículo, não é fácil demonstrá-lo, porque ainda não temos provas seguras de que a Índia, para ex-

pansão da doutrina búdica, viesse em demanda de adeptos ao ocidente, como o fez quando tentou apostolar aos povos a oriente, em cujo meio social, em breve, o Budismo se tornou elemento próprio.

Foi Dario quem lhe impôs tributos. Foi Alexandre quem a avassalou. É a Grécia que a torna quasi pagã do ocidente e lhe ensina em escultura a representar Apolo guiando os cavalos do seu carro solar; e lhe ensina a ornar os capiteis das formosíssimas colunas da architectura de Caxmira. É a Grécia, no dizer de Plutareo, a insufladora da alma helénica em todo o Cáucaso indiano; e é a Grécia quem faz deseer ao vale do Indo as *Ivanis*, as filhas da Jónia, para formarem o séquito real dos efeminados rajás. Mas o Ocidente parece ignorar que exista na Índia a civilização que a sua literatura revela, e que as suas obras d'arte demonstram.

Augusto recebeu os emissários de Poro (?), e Horácio alude ao facto com certo encarecimento. Mas Estrabão, que também relata o mesmo facto, lamenta a escassez de documentos e a falta de informações para tratar da Índia, aonde só vão para comércio homens do tráfico,

ignorantes e incapazes de observarem com discernimento, homens sem idoneidade para informadores.

3. — Com efeito a antiguidade grega e latina desconheceu a literatura da Índia árica, então já existente na sua melhor parte, porque os antigos só pensaram na Índia sob o ponto de vista militar o comercial; como sob o ponto de vista religioso e comercial exclusivamente a exploraram os modernos Europeus.

Nem *Heródoto* (III, 98-106), nem *Ctésias* (*Indica*), nem *Diodoro Sculo* (II, 35-41), nem os dois grandes jeógrafos *Estrabão* e *Ptolomeu*, nem *Plinio* o naturalista, nem *Arriano* (*Indica*), nos relatam cousa que nos mostre terem os antigos conhecido a, já então, vastíssima literatura samscritica.

4. — Nós os Portugueses fizemos pouco mais do que os Romanos, que mandavam todos os anos à costa do Malabar navios, que pelo Mar Vermelho trouxessem animais, plantas, pedras preciosas, ouro e outros produtos aos senhores do mundo, e breve se perderam engolfados nas riquezas extorquidas. Nós não conhecemos a riqueza literária da Índia, e só explo-

rámos a sua riqueza material. E assim fizeram Holandeses e Franceses; e só o não fizeram os Ingleses porque teem sabido abrandar a sêde de ouro buscando mananciais em toda ordem de factos para a mitigarem. E por êste motivo foram os Ingleses levados a conhecer a literatura da Índia pelo comércio e com fins commerciaes.

5. — Os Persas o mais aînda os Árabes foram, todavia, os primeiros povos a ocidente da Índia que estudaram a literatura samscritica.

Em 750 da nossa era, na côrte do *Califa Almançor*, traduziu *Abd-Alah* apólogos indianos; e em 773 levou ali um Índio alguns tratados de astronomia.

Foi por via dos Árabes que a Europa conheceu os algarismos devanágricos representativos dos números dígitos, e que apelidamos letras de conta árabes; foi só depois disto que a Europa conheceu o valor de posição no sistema de numeração.

Harun-al-Raxid teve na sua côrte dois médicos índios.

Albiruni, um dos maiores sábios do seu tempo (970-1038), viveu durante quarenta anos na Índia;

estudou a literatura, os costumes, a religião, as ciências dos Índios; traduziu do sâmscrito para o árabe a *Filosofia de Sânquia* e a do *Ioga*, e deixou um livro admirável a respeito da Índia. — *Vide*, páj. 166.

6. — Nos séculos immediatos continuaram os Árabes o trasladar para a sua lingua diferentes obras escritas em sâmscrito. Todavia, só, na segunda metade do século XVI, um grande imperador conseguiu assenhorear-se, em parte, do segredo dos Bráhmanes e dar em outra linguagem as epopeias samscriticas. Foi este imperador *Jalalo-din-Mohamad*, o Grande, como o apelida com razão a história pelo nome de *Ácbar*; foi ele quem primeiro, com intuitos de civilização e de sondar o espirito do povo cujo império tinha (1560-1605), fez conhecer boa parte da literatura samscritica.

A corte de *Ácbar* compunha-se de homens de vastissima ciência. Ali havia grandes poetas, e sábios, e pensadores profundos. Entre eles havia poetas e filósofos como o xeque *Mohárac* e seus dois filhos e discipulos *Faizi* e *Abu-l-Fádel*; havia os historiadores *Cuaja-Nizamo-din Áhmad*; o xeque *Iláhdad Faizi Sirhendi* e *Mäulana Áhmad*,

e o também historiador, astrónomo e músico, o fanático *Mula-Abdu-l-Cáder* conhecido por *Al-Badauni* (natural do Badaun).

Era, êsto, insigne investigador e profundo conhecedor de várias línguas; e foi ele quem mereceu a honra de ser encarregado por *Ácbar* de traduzir todo o (MAHĀBHĀRATA) *Mahá-Bárata*, e todo o (RĀMĀJANA) *Ramáiana*. Dispendeu o sábio no trabalho a que procedeu desde 1582 até 1591. Ficou, porém, estéril para a ciência a tradução feita por *Al-Badauni*.

7. — Um século depois do grande imperador tiveram as letras samscriticas novo eullivo. O bisneto de *Ácbar*, única pessoa da sua familia capaz do manter a dignidade daquele nome, o denodado e altivo quão infeliz *Dará*, estudou a língua sagrada dos Bráhmanes e trasladou para a língua persa as *Upanixadas*. Foi a tradução feita por esse principe o texto de que *Duperron* (1795) se serviu para dar a versão franceza, único manancial donde proveiu por muito tempo aos sábios da Europa o conhecimento da filosofia da India.

§ 2.º

Os precursores do estudo da língua e literatura
samscritica na Europa.

1. — Os verdadeiros precursores dos estudos do
samscrito na Europa foram missionários e prin-
cipalmente os italianos *Gemignano da Sant'Ottavio*
e *Marco Della Tomba*, o dinamarquês *Haux-*
leden e os padres jesuitas franceses *Pons* e
Cœurdoux.

Antes destes, parece ter, já em fins do sé-
culo XVI, *Filipe Sassetti*, negociante florentino,
traduzido do samscrito um dicionário de me-
dicina.

Na côrte de Ácbar tinham estado : *Rudolfo*
Aquaviva, *Monserrate*, *Antonio Cabral*, *Jerónimo*
Xavier, *Manuel Pinheiro*, e *Benedito* ou *Bento de*
Goies. Mas nenhum destes trouxe a lume para a
ciência conhecimento do que *Sassetti* chamava
as *belas cousas da Índia*, e *Marco Della Tomba*
julgava indispensável para as boas missões entre o
jentio hindustânico.

2. — *Gemignano de Sant'Ottavio* esteve na Índia
por meados do seculo XVII. Atribui-se-lhe uma
tradução de *Upanixadas*, e de outros livros sams-

críticos. *Hanzleden* viveu na Índia de 1699 a 1732. Estudou o sâmscrito e traduziu do orijinal um trabalho de gramática (VJĀKARAṆA), de que se serviu depois o carmelita húngaro *Frei Paulino de S. Bartolomeu* (Roma, 1790-1804), a cujas mãos foram ter os manuseritos de *Hanzleden*. Atribui-se-lhe também um dicionário malabar-sâmscrito-português. Verteu para latim o dicionário (KOṢA) de AMANA-SĪHA, o AMANA-KOṢA. Desta versão tirou também o carmelita húngaro o trabalho que apresentou do primeiro livro dêsse *côxa*. Mas o carmelita pouco sabia, no dizer de Schlegel, do que trazia a lume e era de alheia lavra.

3. — O capuchinho *Marco Della Tomba* esteve na Índia de 1756 até 1773. Foi um dos mais notáveis e modestos investigadores. Traduziu trechos do *Mahā-Bārata*, dos *Puranas*, dos *Códigos*; conheceu o *Ramāiana*, e deu versão em italiano de alguns dos cantos dele. Parte dos manuseritos preciosíssimos de *Marco Deila Tomba* foi já trazida a lume por *Ánjo de Gubernatis*, lente do sâmscrito em Florença, arrancada ao olvido em que jaziam no Colégio da Propaganda, na biblioteca do *Museu Borjiano* em Roma.

4. — O Padre *Pons* escrevia, em 1740, uma extensa carta ao Padre *Du Halde* da companhia do Jesus, dando-lhe noticias minuciosas da litteratura indiana e mostrando, como também o mostrou depois *Della Tomba*, quanto importava para o bom resultado das missões conhecer essas particularidades. Mais tarde reuniram-se na *Biblioteca do Rei*, em Paris (Bibl. Nacional), os Mss. com que o illustre Jesuita a enriqueceu.

5. — Ao Padre *Cœurdoux* deve a ciência o ter ele notado com sagacidade que muitas palavras do sâmscrito correspondiam do modo singular, em som e significação, a palavras das duas principais linguas da antiguidade clássica. O Padre *Cœurdoux* chamou para isto a atenção da *Academia das Inscrições e Belas Letras*, de Paris; os académicos, porém, não souberam estimar no quanto valia a memória que ele lhes endereçou.

§ 3.º

Como se firmáram os estudos do sâmscrito clássico.

1. — O que os sábios das Academias desprezaram, aproveitou-o o talento administrativo britânico. A honra de assegurar para a ciência

o valor da litteratura samserítica coube por fim à Inglaterra.

Ia em meio do segundo decénio a segunda metade do século XVIII, quando, pelo tratado de *Alahabad* (1765), a *Companhia das Índias* foi reconhecida soberana de Bengala. *Warren Hastings*, governador geral, entendeu conveniente rejer os Índios segundo as próprias leis destes. Onze Bráhmanes fizeram um extracto dos principaes eódigos da Índia que, dado em persa, foi trasladado desta lingua para a inglesa. O livro é conhecido pelo «Code of Gentoo Law» e o seu editor científico foi *Halhed*. No prefácio deu-se pela primeira vez aos sábios, que não só a um ou outro erudito de convento ou colégio sacerdotal, noticia já bastante circumstanciada da lingua original dos eódigos extratados — o *sámserito*. Foi isto em 1776.

2. — Só, porém, em 1785 conheceu a Europa a primeira tradução directa do sámserito. O tradutor foi um negoeiante inglês, *Wilkins*; o texto, o poema filosófico a *Bagavadguitú* (BHAGAVAD-GITĀ) extraído da colossal enciclopédia indiana o *Mahá-Bárata*.

Àquele texto seguiram-se logo outros. O mesmo

Wilkins traduziu a colecção de fábulas conhecida pelo nome de *Hitopadexa* « instrução útil ». *William Jones* traduziu o célebre drama de *Calidasa* a *Xacuntalâ* ou o *Xâcintalam*.

3. — A admiração e o entusiasmo que, em 1789, esta obra eênica do poeta hindu veio despertar e levantar é indescritível. Comunicou-se rapidamente o sentimento espontâneo de aplauso, e chegou ao extremo o louvor, na Inglaterra, na França, na Alemanha, na Dinamarca, na Rússia, na Itália.

Anteviam-se minas preciosas de finíssimas delicadezas literárias na Índia. Esperançosos em retemperarem as suas concepções, os poetas, os romancistas, os filósofos, os historiadores, os filólogos, os artistas, adivinhavam a segunda renascença; mas só queriam monumentos literários de beleza original e côres vivas, cheios de íntimo calor, como a ardência que se manifesta no colorido vegetal da natureza dos trópicos.

4. — Espíritos esclarecidos, como o de *Herder*, crítico sagaz e apreciador excelente de assuntos literários, deixaram-se arrastar nestas ondas de fantasia sobreexcitada, o ficaram cegos sem ver a maior importância dos *Vedas*, que o pró-

prio *Colebrooke*, o primeiro que revelou esses livros, desconheceu em parte e amesquinhou.

Esta direcção errada que o sentimento estético deu aos estudos e à crítica filológica dos monumentos literários samscritos manifesta-se ainda hoje. A sua última expressão desculpável foi a « *Bíblia da Humanidade* » de *Michelet*.

5. — *William Jones* tinha sido advogado em Londres. Horas que muitos dão ao ócio ocupava-as ele no estudo de idiomas e literaturas orientais. Diz-se que sabia mais do vinte linguas. Foi ele quem, logo depois de iniciado por *Halhed* nas jeneralidades da antiguidade indiana, tendo ido para Calcutá como juiz, fundou ali em 1784 a *Sociedade Asiática*, donde partiram, onde se robusteceram e onde prosperam os estudos de samscrito, onde se realizaram e continuam grandes trabalhos de investigação acêrca do Oriente. *William Jones* é digno da celebridade do seu nome, pela firmeza com quo assegurou os estudos samscritos; mas às mãos vigorosas dos sábios quo lhe succederam se deve o grande êxito.

6. — Por morte de *Jones* em 1794, homens de grande vulto, *Colebrooke* e *Wilson*, proseguiram e consolidaram a obra encetada.

Colebrooke principiou a ensinar à Europa o sistema hindu de gramática (*VJĀKARAṆA*) samscritica (1.º e unico volume impresso em Caleutá em 1805); revelou-lhe os *Vedas* (1805); explicou (até 1827) os sistemas de filosofia, de poética, de aritmética, álgebra e astronomia hindu, e fez que fôsse melhor apreeiado o dijesto de leis da Índia sobre contratos e obrigações, direitos testamentários e suessões.

Wilson deu jenerosamente o tesouro das palavras do samscrito no seu excelente dicionário (1.ª ed. Caleutá, 1809); esereveu doutíssimas memórias que constituem vasta e preeiosa enciclopédia, na qual se leem profundos juizos sôbre a literatura e relijião dos Índios; deu a tradução completa de todo o *Vixnu-purana*, a de seis obras cénicas do teatro hindu, a análise de mais vinte e tres, e deu uma dissertação, ainda hoje capital, do sistema dramático, enredo das obras cénicas, desempenho, caracteres, declamação e aparato cénico na Índia elássica.

7. — Os *Vedas* forã a principio julgados com desfavor, por não haver chegado a ciência europea à altura conveniente para os interpretar. Mas sem eles a literatura samscritica ficaria mera

curiosidade, sem merecer jamais importância sob o ponto de vista da estética; porque os seus monumentos não atraem pela fôrma, estranha para nós Europeus, o não podem servir de modêlo no mundo occidental como ainda hoje servem os monumentos literários da Grécia e de Roma.

8.—As guerras, em quo, ao tempo de estes trabalhos se prepararem, andava empenhada e acesa toda a Europa, não eram de feição para que estudos tão difíceis tivessem largo e rápido desenvolvimento. Os sábios, isolados pela grande muralha de ferro e brouze que o primeiro Napoleão estendera de ocidente a oriente, não tinham conhecimento dos seus respectivos e mútuos trabalhos. Mas nessa época, a mais assombrosamente produtora e dotada do jénios, as grandes eriações, as úteis descobertas, parece que achavam não oculta que as servisse e fizesse conhecidas.

Hamilton, official inglês, estava prisioneiro em Paris em 1803. Empregava o tempo em examinar e catalogar a preciosa collecção de manuscritos, que, na segunda metade do século XVIII, o *Padre Pons* havia reunido para a *Biblioteca do Rei*. *Hamilton* era membro da *Sociedade Asiática* de

Calcutá. Paris era a capital do mundo dos Orientalistas. Por *Hamilton* foram alguns deles habilitados com os primeiros conhecimentos do sâmscrito; de *Hamilton* recebeu as primeiras lições *Frederico de Schlegel*, talento primoroso, e índole poética e elevada como a de seu irmão o grande poeta e glotólogo *Augusto Guilherme de Schlegel*.

Assim quando *Chézy*, um dos discipulos de *Hamilton* (1), teve conhecimento da gramática samserítica de *Carey*, impressa em Calcutá em 1810, e da de *Wilkins*, em Londres em 1808, já ele havia traduzido e estava imprimindo o texto do célebro drama de *Calidaça* (*Xacuntalá*), seguindo a recensão bengali.

9. — Mas a descoberta do — « Novo Mundo intelectual » — deve-se à perspicácia, à vidência de *Frederico de Schlegel*, na sua obra « Língua

(1) Langlès não fez o catálogo dos Manuscritos orientais em colaboração com Alexandre Hamilton; o — « Catalogue des Manuscrits Sanscrits de la Bibliothèque impériale avec des notices du contenu de la plupart des ouvrages », par MM. Alex. Hamilton et L. Langlès. Paris, 1807 — foi feito por Hamilton que o escreveu em inglês e vertido para francês pelo bibliotecario Langlès, que apenas sabia ler os caracteres devandricos, diz Fr. Adelung in « Bibliotheca sanscrita », pág. 103.

e Sabedoria dos Índios » (Heidelberg, 1808).

Não foi ele quem explorou esse continente vastíssimo e rico. Não foi ele quem nos trouxe os produtos e as maravilhas do ubérrimo torrão. Mas foi ele quem teve a felicidade de mostrar aos sábios o que vira desenhar-se no lonjinho horizonte, e já quasi adivinhara o esquecido *Cœurdoux* — as fôrmas colossais dum mundo antigo ressusitado, que era ao mesmo tempo um mundo novo que surjia para a ciência: o mundo ário, arrancado ao segrêdo dos séculos pre-históricos por *Bopp* e por *Pictet*, sondado até o fundo da sua primordial constituição glototolójica por *Schleicher* e por *Fick*.

10. — *Chézy* foi o primeiro catedrático, lente (professeur) de sâmscrito. Luis XVIII fundava a cadeira no *Colégio Real de França* em 1814. Pelos conselhos do barão *Stein von Altenstein* e de *Guilherme de Humboldt* eriaava depois o rei Frederico Guilherme III, em 1818, as cadeiras de Berlim e Bonn. Seguiram-se eriações idénticas por toda a Alemanha, e na Inglaterra; na Áustria; em quasi toda a Europa, e nos Estados Unidos.

Só tarde chegou a Portugal a sua vez. Teria

sido por certo mais tarde se o Duque de Ávila e de Bolama não fôra dotado de coragem para eriar em 1877 no Curso Superior de Letras a cadeira de *Lingua e literatura samscritica clássica e védica*, dando assim execução a parte do plano dum modesto desconhecido.

§4.º

Os criadores dos estudos védicos.

1. — Se não se tivessem descoberto os *Vedas* estaria ainda hoje por conhecer o capitulo, mais importante e assombroso de maravilhas, da história da nossa raça. Em 1789 o coronel *Polier* trouxe para Inglaterra a cópia dum manuserito dos *Vedas* que lhe deu o Português *Pedro da Silva*, médico na Índia do rajá de Jaipur. *Joseph Banks*, a quem ela foi presente, entregou-a no *Museu Britânico*, onde está arrecadada.

Conheceram-se posteriormente outras cópias. Merece especial nota a colecção de manuseritos de *Sir Robert Chambers*, comprados, depois da morte do célebre juiz do supremo tribunal de Calcutá, aos seus herdeiros, e existentes hoje na *Biblioteca* de Berlim.

2. — Antes do conhecimento destas difer em tes cópias, já a Europa havia sido abalada pelo rebate falso dado por *Voltaire*, que, por acreditar que possuía o verdadeiro *Veda*, engrandecera em vulto a importância da obra de um autor cristão, o qual desejoso de impugnar as crenças hindus escrevera um livro e o fizera passar por manuscrito hindu antigo.

Êste livro, como outras composições feitas no sul da Índia pelos habilísimos missionários da Propaganda, traduzido e impresso sob o título « *L'Ésur Veidam traduit du sanseretam par un Brame (Yverdun 1778)* » é uma pia fraude no estilo dos *Puranas* e não dos *Vedas*. Atribui-se ao Jesuíta *Robertus de Nobilibus* ou *Roberto De' Nobili da Montepulciano*, homem eruditíssimo no tocante à antiguidade indiana, conhecedor de obras samscriticas actualmente apenas conhecidas do número diminuto de sábios indianistas e ainda não impressas. Foi conhecida a fraude por *Ellis*, empregado civil de Madrasta, que descobriu o publicou, em Pondicheri, o texto desta fraude literária, no volume XIV das *Asiatic Researches* de Calcutá, em 1822.

3. — O grande *Colebrooke* (1805) foi quem pri-

meiro deu análise autêntica dos *Vedas*. Os outros fundadores dos estudos védicos foram os Alemães *Rosen* (1830), *Roth* (1840) e *Bensley* (1843). *Rosen* faleceu poucos anos depois de os haver iniciado, como lente na Universidade de Londres. A sua obra foi impressa póstuma em 1838. *Bensley* proseguiu esses estudos até que desapareceu, em idade adiantada, dentre os grandes orientalistas que com ele desbravaram o terreno e tem sido sempre guias seguros, e mestres e descobridores exímios. Deles ainda temos vigorosos: um dos fundadores, o grande *Rudolfo Roth*, e dos melhores mestres que pertencem ao tempo dos primeiros estudos, *Weber* e *Aufrecht* na Alemanha, *Whitney* nos Estados Unidos, *Max Müller*, de orijem e por naseimento Alemão, em Inglaterra.

Em França existe ainda a reliquia veneranda *Adolfo Regnier*, contemporâneo e discípulo do grande *Burnouf*, dêsse jénio possante e delicadíssimo talento, que por suas lições admiráveis no *Colégio de França* muito concorreu para a bôa direcção dos estudos védicos na Europa, por onde disseminaram doutrina e método os discipulos que dele ouviram a palavra autorizada.

A *Max Müller* deve-se a primeira edição do *Rigveda* em caracteres devanágricos; mas *Aufrecht* publicara antes o texto em caracteres romanos.

4. — Dentre os modernos vedistas realçam no assentar da interpretação: o malogrado *Grassmann*, da escola de *Roth*; *Martinho Haug*, falecido ainda novo também (um dos mestres do autor deste magro resumo); *Ludwig*, de Praga; *Bergaigne*, de Paris (outro mestre de quem escreve estas linhas).

Trouxe grandes valores para o tesouro adquirido *João Muir*; continuam a aerecentá-lo *Delbrück*, *Windisch*, *Henrique Zimmer*, *Bergaigne*.

Na Índia concorrem meritóriamente para o adiantamento dos estudos védicos os Hindus *Rajendra Lala Mitra*, *Xankar Pandurang*, *Daiànanda Saraswati* e outros *pânditas*.

5. — Deixei pensadamente para só agora o lembrar o nome de *Langlois*. Foi este orientalista francês o primeiro tradutor de todo o *Rigveda* (1848-59). O seu arrôjo foi, na verdade, notável, mas o resultado não correspondeu ao ímprobo trabalho. Os nomes de *Barthélemy Saint-hilaire* e de *Félix Nève*, são dignos de reconhecimento. O nome de *Foucaux* é o de um orienta-



lista distinto que tem jus a grande consideração pelas bases que lançou noutro campo de estudos; mas não é o de um vedista. É falso que a ele se deva a segunda edição do *Rigveda* de Langlois (Maisonneuve, Paris, 1872).

§ 3.º

Os fundadores da teoria da unidade árica. — Principais trabalhos históricos e filológicos posteriores.

1. — Quási contemporâneo do descobrimento do sâmscrito e da aquisição de manuseritos védicos foi o descobrimento do *xenda* e de manuseritos *avésticos*. Vieram para a Europa os primeiros em 1723; eram uma cópia do *Vendidad Sadé* que os Parses de Surrate deram a Jorje Boucher, e Ricardo Cobbe trouxe para Inglaterra; mas só em 1777 o mundo eientífico leu a primeira tradução do livro sagrado dos Parses — *O Avesta* — trasladado por Anquetil Duperron dos manuseritos por ele próprio trazidos da Índia e depositados na *Biblioteca do Rei*, em Paris. A tradução foi feita para francês e segundo a explicação dada em persa pelo *Dástur Darab* o mestre de Duperron, e um dos mais hábeis Dástures de Surrate.

Os contemporâneos não souberam apreciar a sublime dedicação e a grande modéstia daquele homem digno de todo o respeito — nem *Kant*, o grande filósofo; nem *W. Jones*, o célebre orientalista; nem *Richardson*, o mestre em lexicografia persa!! Só depois de assegurado o estudo do sâmscrito, pode ser útil a colheita que tantas fadigas e peripécias românticas havia custado a *Duperron*. *Rask*, um sábio dinamarquês, foi quem demonstrou cabalmente não só a autenticidade dos textos avésticos, mas a da língua zenda, conjénere e não dialecto do sâmscrito. A sua obra, impressa em 1826 em Copenhague, foi nesse mesmo ano traduzida em alemão e impressa em Berlim. Estava assegurada cientificamente a existência não só de uma língua oriental conjénere do sâmscrito, mas também a de novos textos orientais.

2. — A êsto tempo já o célebre *Bopp* havia escrito o seu famoso livro do « Sistema da Conjugação em sâmscrito » (Francforte, 1816); e era a época maravilhosa dos jénios colossais que se chamavam (os dois) *Schlegels*, *Creuzer*, (os dois) *Humboldts*, (os dois) *Grimms*, *Burnouf*, *Rémusat*, *Sacy*, *Rask*, homens de letras, poetas,

filósofos, naturalistas, filólogos, mitólogos, orientalistas, de profundíssimo saber e critica penetrante.

A ciência não podia ficar por mais tempo no cepticismo ignorante ou ingrato; porque estes homens de coração e intelição pertenciam à primeira parte da época inaugurada por *Adelung*.

Com effeito, no ano de 1816 também, terminava *Vater* a publicação dos escritos do famoso investigador, a quem se deve não só a decisiva condenação do enraizadíssimo preconceito de que o hebraico tivesse sido a lingua originária da humanidade, mas também o assentamento do problema da unidade étnica dos povos que denominamos indo-célticos. A grande obra de *João Cristóvão Adelung* « *Mitridates ou Arte jeral das línguas* » assinala, pelo método científico, a passagem da antiga glotolojia para a moderna.

Anquetil Duperron escrevera na sua obra (tomo I, p. XVII) — « daqui a 200 anos, quando os sábios conhecerem verdadeiramente o zenda e o pélvico, poder-se ha então rectificar aquilo em que eu tenha errado; e o mundo terá mais exacta tradução do *Avesta* ». Não foi preciso tanto tempo. A perspicácia de *Eujénio Burnouf*, guiado

pelo sânscrito e seguindo pelo caminho aberto pelo célebre *Rask*, ganhou ao tempo quasi século e meio. A sua obra capital é o célebre : « Comentário ao *Iâcena* ».

Bopp, em 1816, havia já comparado o sânscrito com o grego, com o latim, com o persa, com o eslavo e com o alemão. Depois de 1833, ponde completar a sua obra majistral e de inexcedível clareza, padrão de glória de um jénio e uma das mais belas manifestações do jénio do homem. Com a sua obra « Gramática comparada do sânscrito, zenda, arménio, grego, latim, litá-vico, gótico e alemão » demonstrou *Bopp* a unidade árica.

3. — À discussão do parenteseo glotolójico li-gou-so immediatamente a do problema capital : *qual teria sido o ponto de partida, a séde oriji-nária, e primitiva pátria dos povos que deno-minamos indo-célticos.*

Frederico de Schlegel defendia a orijem indiana ; *Link*, em obra também notabilissima para o seu tempo (1821-22), opunha a esta opinião a de que o zenda era a língua mãe do sânscrito, e que dela se derivavam o grego, o latim e o esclavão, e ainda, embora secundariamente e no

mesmo grau do persa, o alemão. A séde orijinária teria sido, ensinava *Link*, o planalto da Média, a Arménia e a Jeórjia ou Gurjistão; e tal era o modo de ver de *Duperron*, *Herder* e outros investigadores e o mais aceito no princípio dèste século.

Quem primeiro procurou o logar da pátria primitiva dos indo-celtas, sem se perder na falsa hipóteso do que una das linguas de que possuimos documentos seja a orijinária, foi *Rhode* no seu livro « As tradições sagradas do povo zenda » (Francforte, 1820).

Por considerações feitas tendo por base designações jeográficas que se encontram no primeiro *Fargard do Vendidad*, concluiu que a séde orijinária tinha sido a *Eeriene Vêedjo (sic)*, nos altos e frios planaltos e soberbos montes, cujas vastas cumiadas e altos pínearos estão eternamente cobertos de neve, na rejião onde nascem o Óxus e o Iaxartes.

Independentemente de *Rhode*, pensava *Guilherme de Schlegel* do mesmo modo; e posteriormente assentou a teoria de quo a rejião entre o Mar Cáspio e os planaltos da Ásia Central tinha sido a séde orijinária dos proto-Árias.

Ha trinta anos, pois, o desde *Adelung*, accitava-se na ciência a doutrina de que a *Ásia Central*, entre o Himálaia e o Mar Cáspio, havia sido o berço da nossa raça (indo-céltica); e com as palavras de *Pott* « EX ORIENTE LUX » por lema, tinha-se como certo que: *a civilização seguiria o curso aparente do sol (Pott); o povo que mais a ocidente se encontrava na Europa era o que mais cedo se partira do oriente e aquele a quem mais fundas raizes prendiam no seu caminho (Jacob Grimm).*

Pictet (1859) deu alma a estas teorias, na sua obra fundamental de pre-história árica « *Asorijens indo-europeas, ou os Árias primitivos* », protentoso trabalho a que o illustre jenebrino deu o subtitulo de *paleontologia lingüística*, mas classificou modestissimamente como — *Essai*.

Fundado nos eseritos e ensinamento de *Bopp* e *Pictet*, e nos de *Grimm* (1822, 1848) e *Pott* (1859), o malogrado *Schleicher* lançou as bases da reconstrução do *proto-árico* com o seu « *Compendio de Gramática comparada* » (1861); *Fick* escreveu o vocabulário « *Tesouro das linguas áricas e do proto-árico* » (3ª ed. 1874-76).

4. — Em 1877 a teoria da emigração dos Indo-

celtas tinha entrado em fase inteiramente nova. *Schleicher*, *Lottner*, *Scherer* e *Fick* dividiam a unidade proto-ária em dois ramos: *oriental e ocidental*, ou *asiático e europeu*. Na contenda para êste assentamento *Fick* teve por certo a melhor parte, e dentre os seus livros não esqueçamos o intitulado « A antiga unidade glótica dos Indo-germanos da Europa ».

O debate, porém, tinha-se quasi exclusivamente restrinjido ao campo glotolójico. Os naturalistas, — botânicos, zoólogos, jeólogos — haviam contribuído com subsidios valiosos para a resolução do problema; todavia só com o livro de *Poesche*, « Os Árias » (Iena, em casa de Hermano Costenoble, 1878), entrou a ciência definitivamente no caminho da antropolojia histórica, por onde continua levada por *Carlos Penka* sem que se esqueça a importância da glotolojia.

Assim como *Pictet* deu alma às teorias aceitas em seu tempo, assim actualmente *Otto Schrader*, de Viena d'Áustria, condensou num livro admirável as modernas teorias, antes de ter conhecimento do livro de *Penka*: e pelo caminho lingüístico, sem desprezar a antropolojia, chega a determinar a séde orijimária dos proto-Árias

nas planícies ao nordeste na Europa. *Poesche* determinára já antes as terras baixas e marneis de Rokitno entre os rios Niémen e Dniepre. *Penka* dá como sédo orijinária da Jente Árica a Escandinávia.

5. — Além dos estudos de glotolojia e dos novos pontos de vista em etnolojia criados pelo conhecimento do sámserlto e zenda, criaram-se, principalmente a partir de 1859 e depois da obra de *Pictet*, o do trabalho fundamental de critica mitolójica « O Fogo e a Bebida dos Deuses » de *A. Kuhn*, os estudos do jurisprudéncia comparada e do relijião comparada.

Os textos de direito hindu accumulados desde *Colebrooke*, a seu exemplo e pela dilijéncia proveitosíssima de *Stenzler*, *West*, *Bühler*, *Burnell* (ha pouco falecido na idade em que o homem se avigora!) constituem sôma de materiais bastante para se proeeder à investigação das orijens do direito. O que valem mostram-no os trabalhos de *Sumner Maine*, *Fustel de Coulanges*, *Julius Jolly*, *Edward Hearn*, *Vixuanat Naraián*, etc.

Depois do tratado de *Kuhn*, outros marcos indicadores e normas no proseguimento do estudo comparativo das mitolojias e relijiões são: o

pequeno volume, porém notabilíssimo, dado á estampa em 1863 por *Miguel Bréal* « Hércules e Caco », a obra de *Guilherme Mannhardt* « Culto religioso das Florestas e Campos » (2 vl. 1875-77), e a paciente, severa e larga dissecção do Rigveda intitulada « A religião védica segundo os hinos do Rigveda » de *Abel Bergaigne* (3 vol. 1878-83).

Na Holanda e na Alemanha principalmente, mas também na Inglaterra e França e ainda na Itália, o estudo histórico das religiões e da evolução da idea religiosa ou religião (em jeral), tem últimamente chegado a desenvolvimento e tomado interêsse de tal ordem que os seus resultados influem já na instrução histórica desde as primeiras lotras, e vai tardando em alguns países cultos a criação no ensino superior de cadeira especial dèsto ramo de ciências sociolójicas.

Tiele na sua obra capital « História comparada das religiões do Egipto e da Mesopotâmia » e no seu resumido mas precioso « Manual da História das Religiões », *J. Darmesteter* nas obras môdèlos de sagacidade no desvendar dos segredos do *Avesta*, *Barth* no seu óptimo livro « As religiões da Índia », *Sénart* na excelente e eruditíssima obra « Lenda de Buda »; sem falarmos nas

publicações das « Hibbert Lectures », dos « Sacred Books of the East » nas que *Maurício Vernes* tem dirigido, e noutras das escolas da Holanda e Alemanha, dão idea clara do processo que hoje segue o investigador da evolução do facto social religião.

6.—Para quo se façam as sínteses eficazes que revolucionam o mundo das ideas ó mister o árduo e constante acumular que nestes estudos da antiguidade indiana devemos a *Goldstücker*, *Böhtlingk*, *Muir*, *Aufrecht* e outros orientalistas, que em menor grau tem seguido prudente e despreocupadamente o caminho aberto pelo grande *Weber*, o sábio a quem mais devem os indiauistas. São necessárias as exeavações arqueolóxicas em que sobresaem *Cunningham*, *Burgess*, *Edward Thomas*, os quais tanta luz tem derramado na esfrajística, numismática e epigrafia, em quo os secundam *Sénart*, *Bergaigne*, e o Hindu *Bhagvanlal Indrají*. É absolutamente indispensável a decifração paleográfica em que tanto se distinguiu *Burnell* e já antes o seu predecessor *Prinsep*.

Se houvesse hoje quem reunisse como o célebre *Lassen* (1858-73), todo o saber actual numa

« História das Antiguidades indianas » teria i
avolumar em dõbro a estupenda obra (4.96
páj. in. 8.º gr. compacto) que o grande ind
nista sueco, e successor de G. de Schlégel e
Bonn, legou aos estudiosos futuros para adm
ração deles e de todo escolar.

§ 6.º

Interêsse do estudo do sâmscrito.

1. — *Hegel* (Obras, vol. XVI p. 361. Berlim 1834)
disse que o descobrimento do sâmscrito é na
ordem das ideas, e ficará para sempre, o que foi
no século XV na ordem dos factos, e ficou para
sempre, grande e memorando acontecimento, a
descoberta da América.

2. — Por longo tempo se duvidou da autentici
dade da literatura sâmscritica. Mas hoje reconhe
ce-a todo o mundo científico, e até a politica das
nações assenta sobre ella o principio das gran
des nacionalidades formadas pelo nexu glotoló
gico.

3. — O sâmscrito estudado nos textos clássicos
revela-nos os seguintes factos principais: — ca
racteristicos especificos do povo hindu; — estudo
notabilissimo da gramática, da poética e da re-

p tórica samseriticas, feito pelos Hindus; — analogias com literatura da antiguidade clássica europea; — uma filosofia cuja influéncia é manifesta pelo menos nas doutrinas gnósticas e dos Maniqueus, e na filosofia de *Plotino* e seu discipulo *Porfirio*, e mais tarde foi a base da filosofia de *Schopenhauer* notóriamente; — contos, fábulas, tradições e lendas populares cujo conhecimento é indispensável para a história da literatura medieval europea; — concepções que só teem iguais no Evangelho; — lendas hieráticas aproveitadas no ocidente e transformadas em histórias de santos ou mártires de que reza a Egreja Católica.

Isto seria bastante para que se estudasse o samscrito.

4. — O samscrito estudado nos textos védicos, assegurados pela escrita alguns séculos antes de Cristo, mas constituídos successivamente desde remotissimos tempos e talvez a principiar de 2.000 ou pelo menos 1.500 anos antes da n. era, revela-nos as seguintes ordens de factos:

o organismo da sociedade árica na Índia; — elaboração da mitolojia dos Árias na Índia e transformação, até os inícios do politeismo, das suas crenças relijiosas e processos cultuais;

— oriens do seu direito familiar, e social; — organismo íntimo, morfológico, da língua árica, dialecto na Índia do falar comum proto-árico; — bases de crenças, lendas, contos, práticas e pensar na época clássica samscritica, da maior importância na história da psicologia dos povos áricos europeus.

5. Não é pois o estudo do samscrito mero capricho de erudição. A sua importância nos estudos históricos é capital e hoje absolutamente indispensável numa faculdade de letras, filosofia e história, como aquella em que se vai constituindo o Curso Superior de Letras em Lisboa.

Os resultados práticos de estudo do samscrito são: — conhecimento singlótico, ou por comparação gramatical, da estrutura do grego, latim, germânico, eslavo, litávico e celta, na Europa; do zenda, páli e arménio, na Ásia; — revelação de uma língua estirpe comum a todas estas, e reconstrução teórica dela; — nova compreensão da origem da linguagem; — reforma de todo o estudo da gramática; — descobrimento do nexa psicológico entre a linguagem e os outros factos sociais chamados mitos, religiões, constituição familiar, leis domésticas, constituição social, leis

sociais; e subsecuentemente — estudo histórico-comparativo de jurisprudência, das religiões e do desenvolvimento da religião, do viver primordial, séde orijinária e translocação dos principais povos a cuja família étnica pertencemos.

Estudos que arrancam da escuridão pre-histórica a estirpe de que são oriúdos os povos senhores do mundo, e trazem à democracia e à liberdade de consciência os seus mais seguros esteios, são estudos de superioridade incontestável e base de toda a história e da crítica moderna; são o *novo mundo* nas ideas como lhes chamou *Heget*. — *Vide*, páj. 170.

CAPÍTULO IV.

A LITERATURA BÚDICA E O BUDISMO. — CONJECTURAS SÔBRE ANALOJIAS ENTRE O BUDISMO E A FILOSOFIA GREGA.

§ 1.º

A literatura búdica em jeral. Seus cultores.

1. — Os monumentos literários, de que ficam dadas sucintas noções nos parágrafos preeedentes, pertencem propriamente a uma só das duas fases de transformação da religião árica depois

de assegurada a posse do Hindustão pelos Árias immigrantes --- à fase brahmânica.

É evidente em parte dessa literatura a influência das doutrinas do budismo, chegando em alguns textos a haver reprodução, apenas modificada, de literatura propriamente búdica. Ha, porém, em sâmscrito textos importantes que pertencem exclusivamente á fase búdica. Os mais conhecidos são o *Lalita-Vistara* « Desenvolvimento (História desenvolvida) das Jestas » de Buda, e o « Lódão branco da Boa Lei » ou « Lódão da Boa Lei » cujo titulo em sâmscrito é *SAD-DHARMA-PUNÐARĪKA*. Os outros textos de literatura árica da Índia antiga são em páli; a sua colecção canónica tem o nome de *Tripitaca* (em páli *TIPITAKA*, em sâmscrito *TRIPITAKA*) « os tres pitacas ou cestos » « o triplo panário ».

2. — Os livros búdicos em sâmscrito tem autoridade de textos sagrados em o Nepal, onde os descobriu, haverá uns sessenta anos, Brian Hodgson. Os livros búdicos em páli são os cánones de Ceilão. Além do sâmscrito e do páli os livros búdicos estão escritos noutros idiomas, o tibetano, o chinês, etc.

Aos Budistas que reconhecem a autoridade dos

cânones samscriticos dá-se o nome de *Budistas do norte*, aos que reconhecem a autoridade dos cânones em páli dá-se o nome de *Budistas do sul*.

São Budistas do sul os Budistas de Ceilão; d' Bermânia; de Sião; do Anám; os Jainas da Índia em Bombaim, Bengala, Panjab, Províncias Centrais, Maissor ou Missor, e alguns raros em Madrasta. São Budistas do norte os Budistas de Ladaque; do Nepal; do Tibet; da Mongólia; da China; do Japão; as hordas de Quirguizes e Tártaros do Volga.

3. — O *Tripitaca* é constituído por *tres panários* ou coleções diferentes: o *Vinaia-pitaca* ou panário da disciplina da ordem, o *Sutta-pitaca* ou panário de ensinamento dos que não seguem a vida monástica, o *Abidamma-pitaca* ou panário da doutrina transcendente (1).

Estes textos são de diversas épocas. Segundo a opinião de d'Alwis, Childers e Minaief toda a literatura bíblica orijinal e genuína foi primordialmente escrita em páli, e só mais tarde se

(1) Pronunciem-se as letras dobradas *tt*, *mm*. Em páli escreve-se VINAJA PITAKA, SUTTA-PITAKA, ABHIDHAMMA-PITAKA correspondendo em samscrito a SUTTA SŪTRA « flo, preceito », a DHAMMA DHARMA « prescrição, dever, doutrina ».

trasladou a sâmscrito; mas é de crer tivessem os Budistas escrito em sâmscrito e em pâli sem precedência de época. O falar vernáculo devia de ser a linguagem duma parte de escritos, a dos destinados á propaganda; outra, principalmente a mais filosófica, a mais metafisica e a que seria de gôsto particular dos Bráhmanes sectários do budismo, devia de ser em sâmscrito que era a lingua esotérica deles. Segundo a opinião de Hodgson, Burnouf e Lassen, os livros canónicos búdicos foram simultâneamente escritos em sâmscrito e em pâli: em sâmscrito para os eruditos, para os filósofos; em pâli para os indoutos.

Quando o budismo se alargou para o ocidente do Hindustão, a lingua de que se serviam os sectários de Buda havia necessariamente de ser diversa do pâli. Assim encontramos no *Lâlita-Vistara* uma parte — a das *gâtas* — cantada em verso e num dialecto samscritico popular por sectários, uns coevos, outros successores dos primeiros discipulos do grande prégador hindu. Os *Gâtacs* ou Rapsodos indianos escrevem o sâmscrito correctamente; mas os seus cantares, as suas baladas, os seus versos encomiásticos, teem na linguagem o cunho de affectada vernacul-

lidade; e são tanto mais estimados os poetas, e populares as suas canções, quanto maior é nestas o número de palavras e termos vulgares de uso comum dos ouvintes.

Estas considerações, devidas em parte a Rajendra Lala Mitra, deram força a Foucaux para asseverar com Wassilief que a origem do *Lálita-Vistara* é dos primeiros tempos das lendas búdicas.

Segundo Oldenberg, ao tempo do primeiro concílio ecuménico, em Rajagaha, a capital de Mágada, anos depois da morte do fundador do budismo, havia já um *duplo panário* (DVIPIṬAKA) composto de *Vinaia*, « disciplina », e *Damma*, « doutrina ». A redacção pois do primeiro panário e de parte pelo menos do segundo (esta, base do *Sutta-pitaca*) existia já ao tempo do concílio de Vesali, eêrea de 380 anos antes de Cristo.

4. — É certo, e muito para notar, que, em baixos relevos de monumentos architectónicos do III século antes da nossa era, se vêem passos dos contos búdicos que são a parte para nós mais singularmente interessante do *Sutta-pitaca*.

Estes contos são as historietas dos supostos nascimentos de Buda precedentes à sua última

aparição no mundo. Teem por êste motivo o nome de *Játacas* (ĠĀTAKA « natividade »), e são a base dos apólogos samseríticos, eomo o são igualmente os *Apadanas* ou *Avadanas* « lendas, jestas, *acta* », de santos do budismo, as quais se eneontram, eomo os játicas, no panário *Suttapitaca*.

Além do interêsse dos eontos e lendas quo o investigador do *Folk-lore* pode aehar na literatura búdica, tem esta grandio preciosidade para o historiador nos textos *Dipa-vamsa* e *Mahá-vamsa* as fontes quasi únicas de história da Índia e Ceilão em idade anterior à cristã, e no *Milinda-pamha* « Disquisições do rei Menandro ». O glotólogo encontra no páli abundante colheita ; e o hierógrafo e o hierólogo dados valiosíssimos para resolver problemas de história da religião e assentar outros que a critica pode sujerir.

A vida histórica e lendária de Buda, e a sua doutrina e modo de a ensinar atraem e surpreendem singularíssimamente (1).

(1) Os principais investigadores do budismo depois dos primeiros descobridores de textos em samscrito e em tibetano, Brian Hodgson, e Alexandre Csoma ou Csoma de Kőrös (do nome de sua terra natal, na

§ 2.º

Identidade de origem no Budismo e na doutrina pitagórica.

1. — Buda, BUDDHA « desperto, iluminado, sábio », é um KRISTÓS « unjido » da graça, um inspirado, um salvador. Junto dole reuniram-se discípulos e acercaram-se mulheres que lhe escutaram a palavra reabilitadora e lhe levaram presentes como a outro Salvador fez a mulher mundana, que se perfumava na alma tançando aos pés do Mestre os aromas custosos. Buda também converteu a meretriz; também falou entre os doutores e confundiu seus mestres; também teve um discípulo amado, e outro como o apóstolo Pedro, e outro qual foi Paulo o apóstolo

Transilvânia), e depois dos primeiros escolares que levaram a dianteira nestes estudos, Eujénio Burnouf, Lassen, Fausböll e Jorje Turnour, são — Rémusal, Stanislas Julien, Spiegel, Foucaux, Alberto Weber, Max Müller, Jaime d'Alwis, Spence Hardy, António Schiefner, Vassilief, Minaief, Emilio de Schlagintweit, Benjamim Clough, Oldenberg, Ernesto Kuhn, Köppen, Sénart, Fernando Hù, Leão Feer, Ricardo Morris, Kern, Childers, Rhys Davids, Beal, Edkins, Trenckner, Rajendra Lala Mitra, Coomara Swamy, Pischell, Rockhill, Frankfurter e outros.

das Jentes. Ele provocou iras com a sua mansidão, e vindo para trazer a paz acendeu a guerra.

Desde tal momento a vida social na Índia manifesta-se, como de anterior época não temos noticia. Tudo se transforma. Asseguram-se as tradições pela escrita, levantam-se edificios soberbos, escavam-se templos riquíssimos de assombrosa fábrica. A arte encontra assunto. Começa a vida histórica da Índia.

2. — Mas o que é o budismo, donde veio ele para irromper quasi de repente? Que fogo latente era esse que tão larga e rapidamente se comunicou, a ponto de aquecer mais de quinhentos milhões de almas?

O budismo é uma evolução filosófico-religiosa de princípios estabelecidos já nas *Upanixadas* e base dos sistemas, propriamente de filosofia, *sânquia* e *vedanta*. O aspecto religioso do budismo é *ateu* na concepção, e sob o ponto de vista do meio é : *a expressão de relação entre um estado de existência e outro estado para o qual se tende* (1);

(1) Definimos *religião*, na máxima generalidade : *o fenómeno psicológico social expresso na síntese explicativa da experiência e reguladora da vida*. Esta sín-

assim o budismo não cuida do *Ser* nem da origem do *Ser*, cuida da *existência*, da sua modificação, e da sua perfeição. Ateu na sua fase mais pura, não foi popular; à custa da sua pureza e por se tornar politeístico com os numerosos *Bodisátuas* « Eleitos » ou « Futuros Budas », conquistou maior número d'almas que nenhuma outra religião.

3. — A origem da filosofia hindu, no sentido mais lato, é a especulação intelectual, se não quasi exclusiva da classe guerreira, pelo menos

tese é a resultante de duas ordens de forças — uma individual, outra social — a *emoção* ou *fôrça sentimental* própria a cada indivíduo, a *razão* ou *fôrça crítica* em relação com o desenvolvimento social. A *sé* é a confiança subjectiva conforme a grandeza relativa das duas forças *emoção*, *razão*. Assim pois a religião tem o lado *concepção*, e um *fim* que procura alcançar; para este fim ha um *meio* que é o outro lado pelo qual se pode estudar uma religião. Sob o aspecto da *concepção* a *religião é a expressão de faculdades mentais concorrentes para darem explicação das cousas do homem e do universo*; sob o aspecto do *meio*, atinente ao fim que procura alcançar, *é a expressão da relação entre dois termos, um dos quais é o crente, o outro a sua aspiração*. A religião meio é ou *teolójica* ou *filosófica*; *teolójica, é a expressão de relação entre o homem e os poderes sobre-humanos em que ele crê, que ele depreca, ou exconjura*; — *filosófica é a que acima se define, e tanto é a de Buda, como a de Comte*.

iniciada por ela; e a ela com efeito, mais do que à classe brahmânica se deve. Dizemos classe e não casta, porque a classe só passou a casta na Índia depois de sistematizado o pensar, o discorrer do filósofos, nas Upanixadas, e prescritos os ritos sacrificiais nos Bráhmanas. O característico da filosofia hindu é a meditação em opposição às obras, isto é: às práticas sacrificiais, à liturgia da classe sacerdotal.

¶ É certo que, entre os Árias do Brahmárxi-dexa, já antes deles entrarem no oriente ganjético, havia a especulação filosófica. Dos hinos védicos so colhem textos filosóficos evidentemente anteriores à constituição das castas. É provavel que a tendência manifesta nos hinos a oporem-se cada vez mais as concepções ritualísticas às concepções, digamos, filosoficas, proviesse de em diferentes logares, do Hindustão pelo menos, ter prevalecido um modo de concepção, excluindo-se outro que prevaleceria em lugar diverso. Mas ao passo que as necessidades sociais obrigaram a separarem-se a classe guerreira e a classe sacerdotal; ao passo que o chefe da casa, o paterfamilias, perdendo o seu culto doméstico absorvido pelo culto que se ia tornando comum,

entregava ao cuidado de um intermédio a prática das suas relações com a divindade; o sacrificio foi o ponto de apoio dos Bráhmanes e ficou o único meio de comunicação com os deuses, de que o paterfamilias tinha a sollicitar a prosperidade para todas suas acções. E depois disto a classe passou a casta propriamente dita; e a casta brahmânica assentou as pretensões de superioridade sôbre orijem divina.

4. — Os *mantras*, isto é — as *riches*, os versos dos hinos, os hinos adequados a tal ou tal pretensão — e as obras, isto é, a execução rigorosa, em todos os pormenores e minudências, do sacrificio, eram os únicos instrumentos para se obter o fruto da devoção. O mundo *era sustentado pelo sacrificio*; o curso dos astros, os fenómenos periódicos do universo eram considerados como *resultado do sacrificio*; o fogo sagrado, o fogo do altar ficou imagem do sol; a ordem cósmica, emfim, ficou explicada pela ordem litúrgica inalterável.

A par desta concepção levanta-se a especulação sôbre a união intelectual dos seres no Ser Universal, por meio da *ciência*, fim supremo do homem, que o conduz ao fim último — a absorção.

A *ciência* é para estes pensadores o conhecimento do *átman* — o conhecimento do homem em si e separado de tudo que não é elle; e secundariamente — o conhecimento do *aviactam* « infinito », e do *viactam* « finito ».

Nárada, vae um dia ter com Sanateumara, e diz-lhe :

— « Instrue-me, ó venerável ! »

Sanateumara respondeu-lhe :

— « Dize-me o que sabes, e eu te farei saber o que está acima. »

Nárada enumera-lhe o que estudou: os Vedas, o Veda dos Vedas (isto é, a gramática que os Hindus estudavam como *fim* e não *meio*), a arto májica, e outras cousas, e finalmente diz-lhe :

— « Ó venerável, conheço os *mantras*, mas não conheço o *átman*; o ouvi dizer que aquele que conhecer o *átman* passa para além das aflições e dos pezares, com o auxílio de um homem como tu! Eu sinto-me aflito, passa-mo tu para a outra margem ! »

— « O Rigveda, o Iajurveda, o Veda dos Vedas, e tudo o que estudaste — diz-lhe Sanateumara, não são mais do que nomes ! »

Este diálogo mostra quanto a classe, se não já

esta sacerdotal, se inquietava com a filosofia dos que meditavam no *átman* e ensinavam a doutrina oposta às obras, ao culto tradicional. Esta opposição é manifesta nas Upanixadas. « A ponte que dêste mundo leva à immortalidade, diz a Upanixada Mundaca, é o conhecimento do *átman*; tudo mais é inútil. » Todavia accita-so o sacrificio como obra preparatória, da qual o homem, que deseja chegar à absorção, deve libertar-se; porque, se é a melhor das obras, é comtudo obra, e por consequência o fruto dela prejudicial ao desprendimento das cadeias da vida pelas quais, successivamente, vai passando a alma no decorrer das transmigrações.

5. — A ortodoxia védica tinha-se tornado, já anteriormente às Upanixadas, ritualística, formal, regulada, adstrita à prática tradicional. Para os homens que não conheciam essas práticas, ou aos quais não era dado executá-las, e tinham ócios para meditar em no porquê das cousas, e cuidarem de resolver os eternos problemas, a observação dos fenómenos, de que a vida parece depender, sujeria a explieação do mundo por fórma diversa da que os Bráhmanes entre si ensinavam. Os Bráhmanes, porém, que

não tinham a seu cargo o cuidado da salvação das almas, antes nunca apostolaram com fervor (se não eram contrários a todo apostolado fóra de um proselitismo restrito, íntimo, que as Upaixadas nos revelam), não se opunham às especulações filosóficas, e de certo modo até as auxiliavam. A este auxílio devemos talvez mesmo a confusão de sistemas filosóficos, porque na Índia ha separação de homens e confusão de tudo quanto os possa unir!

A classe, depois casta guerreira, os Xátrias, foram os principais especuladores em filosofia, opondo sempre às *obras*, a que na literatura védica se chama *carma-canda*, a *meditação* e a *especulação mental*, a que na literatura védica se chama *jenhana-canda*. Esta opposição do sacrificio e da meditação é evidente, e ao mesmo tempo ambas as concepções igualmente ortodoxas: que em livros sagrados se ensina, em uns que o principio primordial dos seres é o *manas* « pensamento », noutros o « sacrificio ». Mais tarde uma escola, a de *Prabácara*, chega a negar a qualidade de Veda, isto é, de revelação, ao *jenhana-canda*— parte da literatura védica cuja doutrina é esotérica, oposta à que trata do *carma* ou *obras* — e

nega ainda esse carácter a tudo quanto não se refere directamente ao culto.

6. — O ponto de origem da nova explicação é a concepção do *átman*. *ĀTMAN* « sôpro », *PNEÛMA*, *ANIMA*, *PSYKHĒ*, *SPIRITUS*, são vocábulos que nos revelam idea commum. A teoria do *átman*, a sua evolução e as suas consequências, porém, são exclusivamente hindus.

Átman é, para aqueles protestantes contra o ritualismo, mas teósofos apesar de tudo, o principio incorpóreo da existência; é o ajento primordial dos fenómenos intellectuais e dos de vida de relação. *Átman* é o (*ip*)-*Se em cada um e em a natureza*, ou, empregando com certo direito a linguaagem moderna europea, o *Eu universal*, e o *Eu individual*. *Átman*, considerado de um modo abstracto, é, diz um distinto orientalista, « o ser universal em que estão reunidos o sujeito e o objeto com fôrma idéntica »; e considerado na sua relação com o mundo sensível é « a consciéncia e o ajente, a madre e o túmulo da natureza ou conjunto dos modos materiais do ser que ele emite, recolhe, concentra, coordena e anima », é « a supressão de toda a mitolojia e de todo o antropomorfismo, e portanto a negação

sentimentos humanos e de fôrma em Deus ». E com effeito, o *átman*, diz uma das Upanixadas, « não é isto nem aquilo ; inapreensível porque não pode ser tocado, indivisível porque não pode ser separado em partes, independente porque nada o pode combinar a si, sem nada que o enlacc, não sofre nem morre ».

A ser verdadeiramente lójico, quem accitasse esta doutrina havia necessariamente de conceber o Ser Universal como absolutamente inalterável e permanente, dostituido de qualquer attributo material e o que mais é, ininteligento e sem consciência, e por tanto sem bondade nem paixão, que ambas estas qualidades são resultados da vontade activa.

Êste *ser* insulado, intanjível, em que o homem devia absorver-se para libertar-se das successivas transmigrações pelas quais se sustenta a continuação do mal pelas obras; êste *ser* em que vão terminar, aniquilar-se, desaparecer todas as manifestações materiais o da consciência individual, não está lonje da concepção ulterior do *nirvana* búdico — *libertação absoluta das cadeias materiais da alma*.

7. — O espirito hindu segue todas as conclu-

sões de um princípio estabelecido, até o extremo. O nosso progresso europeu não provém senão da feliz inconsequência de que somos dotados em matéria religiosa. O espirito hiudu seguiu no seu desenvolvimento social o andamento, que de conclusões em conclusões, levou, a partir do princípio estabelecido — a concepção do *átman*. O Hindu embebeceu-se em misticismo; as únicas lutas em que se empenhou a casta guerreira foram lutas contra os Bráhmanes, mas sempre sem alcance social previsto pelos revolucionarios, a que nem ousamos chamar reformadores (1).

Os nomes mais notáveis que a tradição nos conserva são os de *Vixuamitra*, *Janaka*, e *Sidarta* o *Gautama*, ou *Xákia-Múni* o *Buda*. Foram eles que primeiro puseram, em frente da religião a ciência, em frente da tradição a especulação, em luta com a fé a razão. Notemos aqui quanto estas expressões são relativas. Lembremo-nos de que ciência propriamente dita nunca existiu na Índia, e de

(1) O budismo não só não tentou abrogar as castas, mas, segundo parece, introduziu esse nefando sistema em Ceilão; e é certo distinguirem os budistas na sua dogmática entre castas superiores e inferiores. Buda nos seus múltiplos renascimentos não teve nunca *natividade* noutra casta que não fôsse a brahmânica ou a xátria (!)

que á tradição só devemos antepor a crítica, à fé a demonstração; e assim olharemos com simpatia ou pelo menos inelinar-nos hemos, testemunhando a humildade da nossa natureza, ante os grandes absurdos do passado. Tiremos deles lição para evitarmos alguns no presente.

8. — A filosofia sânquia assenta sobre a base — *eternidade da matéria*; e tem por fim — *a extinção do ser cognoscente e paciente*. O motivo da sua especulação é o *tédio-doloroso* da vida. Explicou as cousas, as manifestações materiais, corpóreas, e os fenómenos mecânicos, pela existência de cinco elementos ponderáveis: terra, água, ar, fogo, e ainda espaço ou fluido etéreo; afirmou que de nada nada se tira, e portanto não especulou sobre a natureza de um Criador nem de um Ser regulador das cousas do universo.

Não é, porém, esta falta, o defeito que notaremos na filosofia sânquia. Se todos os filósofos seguissem a Quena-Upanixada, resumida no preceito magnifico: « O verdadeiro conhecimento do espirito supremo consiste na consciência que o homem adquire da incapacidade para o compreender, por isso que a inteligência humana só pode compreender os objetos finitos

e não o que é infinito», o homem teria realizado mais obras com menos orgulho e não se teria contentado com palavras, insuflado do vaidades. O grande defeito da filosofia sânquia é a sua moral negativa, pela sua própria tendência ascética, pela renúncia das obras, e portanto pelo seu carácter de egoísta abstenção. Podemos dizer que para os discípulos desta doutrina não havia quo procurar-se o bem; para eles o bem consiste em evitar todo mal. O verdadeiro sábio, o VIDVĀN dos Hindus, como o SOPHÓS e o SAPIENS dos estoicos, é o que chegou à impassibilidade absoluta. Mas os primeiros discípulos de Zenão, quasi todos asiáticos, não tiveram na Europa continuadores cujo carácter fôsse o indiano.

Uma das causas da decadência da civilização hindu, e essa por motivo da sua extrema consequência religiosa, é a falta de personalidade, de individualidade, o quo obsta a toda a dignidade própria. Outra causa foi a existência de livros sagrados, que na Índia mantinham o dogma. A Grécia não teve Bíblia. Os filósofos gregos não tiveram que lutar contra a religião preocupada com a salvação do homem; e à sua filosofia não se opunha nem dogma revelado nem

livro que o mantivesse. Não os enredava um sem número de minudências ritualísticas, não os detinha o símbolo guardado por casta sacerdotal. Antes, Aristóteles, discípulo de Platão, não diz nada da immortalidade. É assim a filosofia grega: quando não chega a contestar a vida ulterior do homem, esquece-se dela, porque o espírito grego expande-se ante a magnificência do mundo terrestre e goza das belezas da vida que o cativam. Aristóteles notava que o amor da vida não tinha outro móbil senão a própria vida, e entende que este instinto levado até a paixão é uma das perfeições da humanidade.

A apatia dos estoicos não é exactamente a impassibilidade hindu. Já está modificada a idea, porque se lhe opõe o poder da vontade. O estoico não tem apatia senão por equanimidade, serenidade; e possui, além disso, a altiva independência, a ponto que, so o dualismo do próprio Aristóteles na sua concepção de Deus transcendente e do mundo movido pelo impulso dêsse Deus é, como diz Lange, base excellente para, alma contrieta, o Cristão da idade-média jemer lançado por terra e aspirar à eternidade, o não é todavia para o estoico. Demais, como diz o mesmo Lange,

« à liberdade e à audácia do espirito helénico juntava-se a faculdade innata do tirar consequências, e enunciar, com precisão e clareza, proposições jerais, fixar com rigor, com segurança, o ponto de partida da investigação, cujos resultados classificava clara e luminosamente; tinham, numa palavra, os Gregos o talento de dedução científica ».

O Hindu possuía a mesma faculdade innata de tirar consequências; mas os seus hábitos de discussões de palavras e sobre palavras, não de ideas, os seus estudos favoritos de interpretação por meio de subtilezas, e de gramática como eíoneia, não como instrumento de linguagem educada, deram-lhe o vicio da prolixidade, das repetições estêreis; e o místico e o metafísico só produziram a grandeza no volume.

9. — Vieram à Grécia os conhecimentos matemáticos pelo Oriente. Pelo Oriente recebeu a Grécia o seu alfabeto. Mas em breve a Grécia excedeo Babilónia em astronomia; e, depois de Aloxandre, a Índia, que, muito antes da Grécia, tinha estudado os princípios de geometria, astronomia e cronometria necessários para a edificação dos altares dos seus sacrificios segundo

imensões e fórmulas prescritas, e para a celebração dos sacrificios em épocas próprias de antemão marcadas, recebeu da Grécia a verdadeira ciência astronómica, que depois voltou à Europa por intermédio dos Árabes.

O uso da matemática dava à Grécia, em tempos tão remotos como o do alvorecer do seu filosofar de escola, elementos bastantes para a salvar do misticismo hindu. A associação pitagórica sobretudo, a escola itálica, cujo carácter era mais de austeridade religiosa do que de serenidade filosófica, teria caído nos extremos do misticismo dos Iogues, se o estudo das matemáticas e das ciências físicas e naturais, como era então possível fazê-lo, não fôsse levado pelos seus membros ao grau a que a Grécia não chegou antes do período alexandrino.

10. — Os principios da escola de Pitágoras, e ainda os de Platão, eram, como na doutrina sânquia, libertar o espirito dos estorvos que lhe tolhiam o levantar-se à contemplação da verdade inmutavel, arrancando-o a toda paixão humana resultado da comunicação com os objetos sensíveis. Conseguia-se êste fim pela meditação e contemplação do mundo da intelição.

Os seguidores de Pitágoras, e Ocelo em particular, distinguem como partes do mundo, o ceu, a terra, e o espaço entre ambos a quo denominaram METÁRSION KAÌ 'AÉRION; entre os Hindus estas partes do mundo eram SVAR « ceu », BHŪ « terra », ANTARIKṢA « o transparente », a que também chamavam AKĀṢA « éter ». Para uns e outros o ceu era a morada dos deuses, a terra a dos homens, e o espaço intermédio a dos seres espirituais, invisíveis e maléficos contra os quais os Vedas ensinam exconjurios. Para uns e outros destes filósofos havia a distinguir-se entre *órgãos materiais e alma*. Pitágoras julgava que a alma era revestida de um invólucro etéreo ao qual ainda envolvia o corpo externo, o verdadeiramente material. Assim também a filosofia sânquia nos doutrina acêrea do corpúsculo em que a alma se abriga e é subtilissimo e incoercível, e acêrea do corpo grosseiro, material, mortal, que envolve aquelle e é o exterior de fórma animada. Era comum ainda à filosofia hindu e à pitagórica o ponto característico da metempsicose.

11. — A doutrina da transmigração e da metempsicose é um resultado do principio comum aos filósofos hindus e pitagóricos, das *qualidades*

opostas—o *duándua* dos Hindus, a *diade* de Pitágoras, indefinida e orijem de todo mal. Para uns e outros é preciso evitar o *duándua*, a *diade*, a dualidade; o que é preciso conseguir é o desaparecimento das qualidades opostas, fazer por que, morto o corpo grosseiro, não entre noutro o corpo subtil e incoercível, e que se absorva em o Ser Absoluto.

Weber, que ninguém pode acusar de querer achar relações exajeradas entre as doutrinas da antiguidade clássica o as da samscítica, nota a conexão com referéncia aos cinco elementos e à metempsicose.

Devemos distinguir entre a orijem da idea de transmigração e a orijem da idea de vida além do túmulo. A orijem desta idea eneontra-se em tres factos pelo menos: na concepção de fôlego que os seres vivos tiravam da atmosphera e para ela voltava quando eles morriam, na explicação dos sonhos com os mortos, e na ignorância da morte, isto é, na explicação da paralisação dos fenómenos mecánicos, à qual denominamos morte, como um estado de repouso, pela ausência do fôlego, do duplo, explicação da morte enfim como um estado de vida.

Na India a concepção do *átman* é ao principio toda material. Êste *átman* é um verdadeiro corpo, um duplo. Tal concepção foi por um lado origem do mito da séde dos mortos no espaço entre o céu e a terra, por outro lado o jérmen mitológico da doutrina vedántica da absorção no Ser Universal. O desenvolvimento mitológico é peculiar do um povo ou do povos cuja evolução é semelhante quer por afinidades étnicas, quer por influências idénticas climatéricas e outras. Mas a base dêsse desenvolvimento é por vezes comum a todos os povos. Está neste caso a concepção do fôlego, a explicação dos sonhos, e ainda a idea de que os mortos tem necessidades como os vivos. São parágrafos da psicologia jeral da humanidade. O Ária hindu pede à terra que abra o seu seio e receba o morto envolvendo-o brandamente, com amor « qual mãe nas pregas do vestido ao filho que estremece ». Êste modo de pensar está expresso ainda hoje na fórmula « a terra lhe seja leve » que a antiguidade clássica consagrara e nos transmitiu (1).

(1) Rigveda, X, 18, 11. Cf. *Ilíada*, XXIII, 221; *Pausânias*, II, 7, 2; *Verjílio*, *Eneida*, III, 68; *Catulo*, *Ovidio*, etc.

Da idea de vida para além do túmulo, e do amor à vida de que fala Aristóteles, do amor de reprodução o continuidade, de saber-so o homem perpetuado, proveiu a idea de immortalidade, toda activa e rica de personalidade, de nobre altivez. Pelo contrário, da idea de transmigração nasceu a de absorção, idea inactiva, estulta, indigna, deshonra da humanidade. O Hindu nunca foi além da idea de « não morrer »; não comprehendeu nunca a immortalidade como nós a comprehendemos. É por isto que, na Índia, o Ária perdeu, toda, a consciéncia individual, e hiudu nunca possuiu o sentimento de personalidade; nelo então extinguiu-so toda a enerjia de vida moral.

A idea de immortalidade da alma, ainda mesmo quando não tenha a significação espiritualista moderna, é contudo testemunho do civilização muito adiantada. O Ária-hindu tendia para a concepção da immortalidade da alma; passou, porém, ou *fez uma reversão* para a do transmigração. Esta idea de transmigração encontra-se, jeralmente, nas civilizações inferiores. Além da India e do Ejipto, existe entre selvajens da África e da América.

12. — Qual fôsse a orijem da idea de transmi-

gração, em jeral, não o podemos dizer com aquella segurança que temos para descortinar a de immortalidade. À doutrina de transmigração, tal como os Hindus a formularam, podemos determinar as bases. Mas entre a idea de transmigração e a doutrina metafisica ha o intervalo preenchido por elaborações próprias de uma civilização. A idea é comum a diversísimos povos e raças. A doutrina é hindu. Podemos resumí-la em breves palavras: *A alma, de natureza immortedoura, transmigra emquanto dura o estado (a que chamaremos) de quêda.*

Esta mesma doutrina é em summa a doutrina de Platão.

Duas condições são inerentes à alma no estado de *quêda*: separação da Alma Suprema, ignorância da identidade da sua natureza com a natureza da Alma Suprema. O estado beatífico realiza-so pela união da alma *separada* com a Alma Suprema; a êsto estado chega-se quando se adquire a certeza perfeita de que a natureza da alma é a natureza da Alma Suprema, do *átman* absoluto. Cessando a ignorância cessa a *separação*. Mas emquanto a ignorância existe, a alma adapta-se a objetos indignos da sua natureza

superior. Esta adaptação é um resultado dos actos praticados. Assim o destino ó fruto das acções — doutrina do *carma*, das obras. Mas a alma é immorredoura por virtude da sua própria natureza que ella desconhece, logo os actos succedem-se ainda mesmo depois do desaparecimento do objecto a que ella se adaptou uma vez. Daqui resulta a série de destinos, enquanto a alma não chega a conhecer a sua própria essência. A alma por êste modo levada pelo *samsara*, pelo colossal e incessante redemoinho da vida, transmigra — doutrina do PUNAR-BHAVA, das existências successivas, das renascensas.

Comparemos com a doutrina de Platão. Esta resume-se nas seguintes palavras: *homoiôsis tō theō*, isto é, em que a essência e o fim da elevação do pensamento até Deus é a assimilação a Deus, porque a alma humana e a Divindade são coessenciais.

13. — Na Índia a doutrina da transmigração estende-se a todos os seres vivos e até a natureza inerte. Na doutrina pitagórica ha a metempsychose, que é a transmigração, o PUNAR-BHAVA limitado ao homem e aos seres animados mais proximos dele pela organização o pela intelligência. Esta

limitação é superioridade, e esta superioridade é um progresso na mesma linha; porque tanto na doutrina da Índia como na doutrina pitagórica, a base — e não diremos a origem? — a base doutrinal da necessidade da transmigração é a *dualidade das qualidades opostas*.

A dualidade, *duándua* dos Hindus, e *diade* de Pitágoras é concepção artificial, que nada tem espontâneo, como tem a primitiva concepção do *átman*. Da concepção do fôlego « espírito », própria à raça árica, ha vestíjios na linguagem. Da concepção da *dualidade das qualidades opostas* não ha vestíjios de que fôsse comum. Na Grécia apparee a *diade* como um enxêrto que se fez sem ninguém saber de que tronco viesse o ramo com que se enxertou. O *duándua* tem, todo o carácter ascético; e a Grécia não é ascética, ascética é a Índia. O *duándua* é o dogma involvente de toda a Índia; é de uma sociedade vastíssima unida quási exclusivamente por êste laço a que se prendem religiões diversas. A *diade* é de uma pequena escola no meio de uma sociedade cujo carácter lhe é oposto. A dualidade é teoria nascida da necessidade de sustentar doutrinalmente a opposição entre as obras, isto é — os sacrificios, o culto ritua-

listico — e a meditação na Alma Suprema. Assim o vemos na Índia.

Por consequência a teoria da metempsicose provém da Índia, temos direito a conjectura

Alguém tem querido explicar o nome de Pitágoras pelos vocábulos samseríticos PITĀ-GURĪ. É absurdo. Outra hipótese é de ver em PITA a fórma grega de BUDDHA. O final do nome seria, em tal hipótese, o final comum aos nomes gregos como Anaxágoras, Protágoras, etc. *Pitágoras* seria pois o vocábulo *buddha* tornado nome próprio e com fórma grega. Esta hipótese é accitável; tem pelo menos o merecimento de não ser absurda. Houve muitos BUDDHAS antes do BUDDHA, de família, Gáutama. Era possível que o adjectivo chegasse à Grécia com a doutrina que aí foi a da metempsicose, e se individualizasse o epíteto formando-se o nome à maneira grega.

§ 3.º

Influência das ideas orientais na Grécia e diferença entre a teoria pitagórica de metempsicose e a egípcia de transformações. Os povos commerciantes.

1. — As tradições gregas dizem-nos que foi do Oriente que Pitágoras trouxe para a Europa as

doutinas com que ele fundou a escola itálica, e de que ainda depois se encontram em obras de Platão. Em o X livro da *República* encontra-se o texto precioso para podermos concluir, contra as opiniões que ainda hoje pensam ter Pitágoras trazido do Egipto as suas doutrinas, que foi da Ásia Menor, e de local que ficava no caminho da Índia, da Arménia como julga Barthélemy Saint-Hilaire, ou de Pamfília, como podemos supor da mesma passagem das obras de Platão.

A passagem é importantíssima, — não só pelo que dela conclui Saint-Hilaire e fica mencionado, mas ainda pelo carácter oriental do contexto, diferente das ideas gregas.

Er, arménio, ou filho de um Arménio, e de origem pamfílio, caíra morto no campo de batalha. Quando vieram levantar os cadáveres, o seu corpo não estava como os outros corruído. Levaram-no para lhe prestar as horas fúnebres, e dispuseram-no sobre uma pira. Ele então ressuscita, e conta o que vira no mundo dos mortos.

Até este ponto nada se opõe às ideas dos Gregos. Se nos tempos primitivos se enterrava o corpo morto, em Esparta voltando-se-lhe o rosto para o ocidente, em Mégara voltando-lh'o

para o oriente; mais tarde lavava-se o cadáver, e ungia-se com óleos perfumados, envolvia-se em roupas brancas, e ao som de cimbalos e de liras levavam-no à pira onde o consumia o fogo alimentado por substâncias aromáticas. Em espirais de chamas e fumo o espírito ascendia e entrava depois nas misteriosas rejiões dos Campos Elísios, ou na rejião do ocidente onde o sol mergulha no fim de cada dia, se a vida mundana não dava direito a quo entrasse naquela rejião dos privilegiados. Esta concepção é árica. Outra tinham ainda os Gregos tomada dos Semitas, era a concepção do mundo dos mortos no seio profundissimo da terra, onde o morto continuava a viver nas sombras densas sem sentimento o sem intelição.

Nenhuma destas concepções inspirou a Platão. O mundo dos mortos, do que fala Er, é concepção crânica. O espírito de Er, liberto pela acção das ardentes chamas, chega a um logar maravilhoso donde vê na terra dois buracos próximos um do outro, e outros dois no ceu na direcção daqueles. Juizes dos mortos estavam assentados entre essas aberturas e indicavam o caminho a seguir: à direita aos justos para subirem ao ceu,

à esquerda aos maus para descerem às profundidades (1), levando sinais distintivos, e a enumeração dos actos condenáveis. Pela outra abertura do ceu desciam os espíritos alegres contando as maravilhas e as delícias da mansão dos justos. Pela outra abertura da terra saíam os espíritos impuros maculados de lama e poentos, carpindo os seus penares e jemendo os males que sofrem nesse logar os condenados.

Todas estas ideas são eránicas: a passagem entre o ceu e a terra é a ponte *Chinuat*, estreita para os maus, que dela caem, precipitando-se no ínfimo *Duxaque*, onde os espíritos malévoloos os atormentam. O planalto onde se encontram os espíritos é o monte *Arexura*, onde *Anromáinus* delibera com os outros demónios.

2. — A civilização grega, propriamente dita, foi precedida pela brilhante civilização que se dilatou por toda a costa ocidental da Ásia Menor e chegou até Creta. Esta civilização tinha elementos étnicos diversos: entravam nela elementos fenícios, frijios, eránicos e helênicos, distinguíveis na lenda de Troia.

(1) Cf. Evangelho de S. Mateus. XXV, 34, 41.

PĀRIS, DANÉIOS, são provavelmente nomes fríjios com fórmulas eránicas. Encontra-se em monumentos de Ninive o nome de ASSARACOS. O de seu filho CAPYS é nome fríjio e são fríjios o nome de DYMAS genro de *Priamo* e o de *Ascânio* e o de *Cassandra*. Heródoto dá a Troia o nome de « terra dos Teucros », e segundo parece Troia quer dizer « terra da travessia ». Aos *Teucros* identificou o autor do presente volume os povos de nome TURHĀNA da literatura samserítica, TOKHARRI das inscrições assíricas, TSEKKARI, TAKKERRI ou TEKKRI das inscrições egípcias; e mostrou que eles eram um vasto povo do ramo eránico essencialmente errante já antes do século XIV até o II antes da nossa era, indo das ilhas do Mar Egeu até o Tibet e o Hindustão, senhor das principais vias comerciais e aguerrido a ponto de entrar em batalhas e tomar parte em invasões e combates navais.

3. — Na Fenícia, anteriormente a Pitágoras ou à época por este nome designada, era já conhecida a doutrina da metempsicose pitagórica. Mas esta doutrina, baseada sobre o mérito e demérito das criaturas, não é análoga à doutrina egípcia da renovação da existência e trans-

formação, a que erradamente se tem dado o nome de metempsicose egípcia. A absorção da alma individual, ou *separada* como dissemos, na Alma Suprema ou *una*, que Pitágoras prometia como prémio da virtude, não é a doutrina egípcia da identificação do morto com Osiris. A doutrina de Pitágoras ensina que a alma passará a habitar outro corpo superior ou inferior na escala animal, não na escala dos seres (doutrina hindu), conforme o merecerem os actos praticados durante a existência anterior. A doutrina egípcia não é doutrina de metempsicose necessária, dependente das obras, é doutrina de transformação *voluntária*.

4. — Toda a mitologia egípcia assenta em dois principios semelhantes entre si : as trevas vencidas pela luz, a morte vencida pela vida. Êste duplo triunfo é a idea capital da religião egípcia em todos os seus modos de representação. A vitória da luz triunfante das trevas é representada pelo combate de *Rá* contra a serpente *Apap*; a vitória da vida triunfante da morte é representada no mito de *Osiris*. Os factos naturaes expressos nos dois mitos capitais, são : a successão do dia à noite, a successão do vigor da natureza

ao seu marasmo periódico, a produção e a esterilidade alternativamente, as estações. Por aquele segundo triunfo principalmente estabelece-se o ponto de afinidade com a doutrina de ressurreição. Esta ressurreição é propriamente regresso à vida, e prometida ao *fiel, cumpridor da lei*, ao *triunfador*, ao *que tem palavra de verdade*, MAÁ-KHERU (véridique, dizem os Franceses; one whose word is aw, diz *Le Page Renouf*), como bem-aventurança.

Devemos considerá-la por tres modos :

1.º existência readquirida, ou nova existência ;
2.º como transformação ; 3.º como identificação com Osiris.

A renovação da vida traz ao homem as grandezas e as prerogativas da sua natureza perdidas pelo peccado e pela morte. O morto encontra todos os seus membros, conta-os, e vê-se tal como era entre os vivos, com ossos e carnes nas fórmulas em que existia sôbre a terra, e praticando ele todos os actos da sua vida material.

O bem-aventurado, porém, não fica sujeito a um logar único; pode perecorrer o universo inteiro, não fica obrigado a tomar para sempre a fórmula humana, pode tomar a fórmula que quizer. Para chegar à bem-aventurança, o morto não passa

por estado nenhum intermédio de expiação para purificar-se. Atravessa apenas certo número de rejiões, recitando certas fórmulas. Se a sentença lhe é favorável quando ele chega ao *Recinto da Lei*, fica semelhante a um deus, é idéntico a *Osiris*.

A identificação é de certo modo ainda também transformação. Assim como *Ostris* se identifica com outros deuses, assim o morto pode identificar-se com *Rá*, *Tmu*, *Seb*, *Horus* ou outras divindades. Se o espírito, a alma de *Ostris* brilha no ceu em Órion, a alma do defunto pode brilhar numa estrêla.

O cadáver na sepultura é como a semente na terra fértil; ambos esperam nas trevas misteriosas, em silêncio, os raios vivificadores do sol que lhes ponha em movimento a seiva. O túmulo é para o Egiptio antigo o berço da nova vida; a terra é para ele, nela sepulto, mãe divina.

Em todas estas concepções não vemos nada semelhante à metempsicose de Pitágoras; vemos, sim, ideas e frases repetidas por S. Paulo. Se o Egiptio conhecesse e seguisse a doutrina pitagórica, não lhe seria necessário o cuidado do embalsamamento. Mas a múmia espera o seu

próprio espírito, íntegra, perfeita, para ouvir com os seus ouvidos, ver com os seus olhos, quando o sôpro divino tornar à vida o corpo inerte, quando o homem, triunfante, tiver vindo as brevas, como *Av* — o sol considerado *carne, matéria animal*, e tipo das evoluções misteriosas da substância orgânica entre a morte e o regresso à vida.

5. — Nesta série de concepções em que se considera o dia imagem da vida, e a noite imagem da morte; em que o pôr do sol é o protótipo do termo da existência terrestre, e o levantar do sol o emblema e eslemunho de novo nascimento; ha grande analogia com a série de concepções védicas da lula da luz com as trevas, e da concepção de *Iama* o juiz dos mortos na região misteriosa e escura, como *Ostris* na *Amenti*. Ha ainda no Egipto a concepção de *Má*, representando o bom principio realizado na ordem universal, como ha na India védica a concepção do bom principio *Ṛta* ou *Arta*, de que depende a ordem moral e a ordem cósmica, semelhante ainda de certo modo ao bom principio do Eran.

Mas estas concepções simétricas, como quadros que fazem *pendant*, não se correspondem todavia

como parece à primeira vista, se definirmos o que se entende por *bom principio, verdade, ordem*, na Índia, no Eran, no Ejipto.

Buscando analogias é preciso investigar também as dissemelhanças. São estas dissemelhanças que vão muitas vezes mostrar-nos a falsidade da analogia.

A primeira cousa que devemos fazer é conhecer até que ponto as doutrinas semelhantes mereçam o mesmo nome. Neste estudo de analogias é perigosissima a influencia do nome. Por isto daremos : à doutrina de Pitágoras, exclusivamente, o nome de metempsicose ; à búdica, o de transmigração à ejipeia, o de transformação.

6. — Vejamos agora sucintamente como pode originar-se a confusão, por fórma tal que ainda ha poucos anos grandes ejiptólogos falavam de metempsicose ejipeia, e é hoje comum dar-se como certo ser de origem ejipeia a doutrina de Pitágoras.

Os Ejipeios, como os Gregos, separavam a alma humana em duas partes ou principios : noÿs « inteliência », que é κuu em ejipeio, e ψυχή « alma material dos sentidos e dos órgãos », que é βα em ejipeio.

Morto o indivíduo, o corpo repousa no seu túmulo, dentro do seu caixão, envolto nas tiras que o apertam múmia; a parte mais etérea, subtil, menos tanjível se não immaterial, *KHU*, liberta-se; a parte menos subtil, de certo modo material, *BA*, agente responsável dos actos condenáveis do morto, vai passar pelas provas e lutas enumeradas e descriptas no *Livro dos Mortos*.

Segundo êste *Livro* é a alma intelijente, *KHU*, que fala a *Ostris* e confessa as acções da alma sensível, *BA*.

Ao ehamamento dos mortos, no dia de juízo, quando *BA* tiver de comparecer perante *Ostris*, o coração baterá de novo e a alma achará o seu eaminho (capítulos xxvi a xxix). Mas antes de ver a faee de Deus passará por múltiplas provações de que só poderá eescapar a alma do justo (capítulos xxx a liii).

Se a alma fica absolvida, se *BA* resistiu a toda provação, e não morreu na divina rejião inferior, se *BA* é *MEKHU* « perfeita », pode reunir-se à alma intelijente *KHU* (capítulo c) e entrar no corpo, que é o seu *corpo próprio*, ou *noutro*, como ela quiser, e passar por novas existências, ao que o *Livro dos Mortos* chama « transformações volun-

tárias ». Pode então tomar a fôrma de diferentes animais, que são representação da divindade na mitologia egípcia.

Estas transformações, pois, não são mais do que a representação da natureza divina da alma por um símbolo pelo qual se representa a divindade.

Se a alma, BA, é condenável, se é ímpia, rebelde, torna-se *cousa immóvel* durante milhões de anos (capítulo xciii), morre segunda vez, para não voltar mais a ver os vivos. É a *segunda morte*, como dizem alguns textos e a Apocalipse (1).

Mas antes desta segunda morte, a alma intelligente encarregada de amparar a alma sensível, e de lhe comunicar a sentença, entra nela. Recorda-lhe os conselhos que lhe deu e ela desprezou, fustiga-a com os seus pecados, e atira-a à tempestade dos elementos revoltos de indignação. Batida entre o ceu e a terra, a BA, acoi-ta-se dentro de um corpo humano, a que tortura, flajela e atormenta com doenças e males morais.

(1) Por ex. : XX, 6. O livro da Apocalipse é um repositório de quasi todas as fórmulas das crenças religiosas anteriores, da humanidade.

O corpo possesso é um doido ou um assassino. Rebelde sofre depois a segunda morte.

7. — A diferença entre a doutrina pitagórica da metempsicose, e a doutrina ejípeia das transformações é pois ovidente. Não encontrarmos no Egipto a doutrina hindu, mostra-nos que, apesar das antigas relações dos Fenícios com o Egipto pagando a Tutmósis III tributos que tiravam da Índia já no XVII século antes da nossa era, a teoria da transmigração se propagou por outra via. Esta via não podia ser seuão a Ásia Menor: Troia era a terra da travessia. A Arménia foi povoada desde o século VIII antes de Cristo por gente árica do ramo erânio. Os Citas do Ponto Euxino eram Arias erânios. Séculos antes do esplendor intelectual da Grécia, os habitantes de Mileto e de Éfeso, empreendendo lonjinquas viágens, realizavam transacções comerciais, conheciam os costumes e familiarizavam-se com o modo de pensar dos povos mais ao interior. Foi na Ásia Menor que, por este contacto com estrangeiros, a colónia jónica chegou ao auge da opulência, acendrou o seu talento artístico e realizou na vida material os mais apurados requintes do luxo.

Lange, que assim o diz, acrescenta que foi no seio da aristoeracia rica, independente, instruída, das colónias gregas, livres das ambiciosas famílias sacerdotais, que nasceu a filosofia a cujos progressos correspondeu entre os Jónios, em relação frequente com a Fenícia, com a Pérsia, com o Egipto, o desenvolvimento das matemáticas e das ciências naturais.

A todos estes argumentos vem dar fôrça o que hoje se sabe a respeito de Demócrito, tão caluniado, quanto merecedor de respeito pelo seu saber, pela sua modéstia, pelo seu desprendimento das cousas do mundo e pela sua moral.

Demócrito era da colónia jónica da Trácia, de Abdera; seu pai era um dos mais ricos cidadãos. Em Abdera esteve Xerxes acompanhado dos seus Magos. Demócrito, moço, intelijente, entusiasta, colheu então as primeiras luzes da sua instrução.

Longas viagens, em que ele gastou toda a sua fortuna, nos países do oriente, deram-lhe o saber que ele trouxe ao occidente, e de que, parece, tanto se serviu Aristóteles, e tanto recebeu Platão.

8. — A idea de originalidade absoluta para a cultura helénica é cientificamente inadmissível.

Lewes diz : « Os factos levam a crer que a aurora do pensar científico coincide, na Grécia, com um grande movimento religioso no Oriente ».

Êste movimento foi, por certo, o que as Upaixadas revelam preparado já antes do século VI, e base do Budismo.

São os povos errantes e dados ao comércio, que pelo seu trilhar continuo de um ponto para outro, batem no solo as estradas distribuidoras das riquezas das terras e das especulações mentais; são eles que pelo seu curioso instinto e pelo seu espirito communicativo, recolhem, formam em parte, e transmitem as lendas que precedem o de certo modo substituem a história. São eles que estabelecem a comunicação entre civilizações que, sem esse plasma dos glóbulos sangüineos, sem esses reóforos da electricidade, ficariam anémicas, isoladas, o por condensadas estéreis. Tais povos encontramos desde o século XIV até o século II antes da nossa era nos *Teucros* ou *Tucaras*, nomeadamente; e sem época determinada em todos os povos do ramo erânico sem integração política como os Citas do Ponto, e todos mais ou menos em contacto com as grandes civilizações do Egipto, da Ásia

Menor, da Assíria e da Índia. É ainda jente eránica dispersa a que introduz em Roma, doutrina e lendas, que mais tarde se tornaran a parte verdadeiramente popular do Cristianismo.

Quantas ideas de importação estranha, diz Lange, se filiam míticamente em um nome célebre, sem que a posteridade possa jamais ter conhecimento do verdadeiro introdutor!

NOTA COMPLEMENTAR

a páginas 77-78

SÔBRE OS CINCO MODOS DE SE RECITAREM OS VEDAS.

Os cinco modos de recitar o Rigveda foram desde tempos remotissimos, e tem sido até hoje, o melhor meio de conservação dos textos védicos. Graças a essa prática assombrosa de que mal se pôde fazer idea, não se perdeu um verso, nem uma palavra, nem um acento; conservou-se a enunciação rigorosissima até hoje.

Para brevidade e clareza vamos exemplificar tomando um sueta (hino) qualquer.

Seja II, 3, 1.

Transcreva-se a primeira parte da *riche* em caracteres europeus da seguinte maneira :

SAMĪDDHO AGNIR NIHĪTAH PṚTHIVJĀM PRĀTJAY VIŚVĀNI
BHUVĀNĀNJ ASTHĀT.

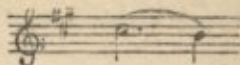
O metro é *trixtup* (TRISṬUP). Compõe-se de quatro *padas* (como se transcreve só metade da *riche* temos aqui só dois *padas*), de onze sílabas cada um. Na leitura faz-se a primeira pausa na sílaba *vja(m)* e assim no fim de cada *pada*.

A recitação dos Védas não é uma simples leitura. Ha uma entoação melódica ou melhor *acentuação melódica* característica. Nos textos, esta acentuação é marcada por dois sinais : um horizontal (-) e sub-posto, outro vertical (†) e sobreposto à sílaba respectiva, como se vê na transcrição. Estes sinais de-

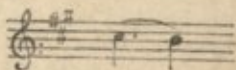
nominam-se respectivamente : SVARITA, ANUDĀTTATARA,
e correspondem em notação musical europea :

SVARITA :

em sílaba longa, a

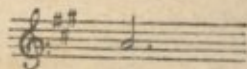


em sílaba breve, a

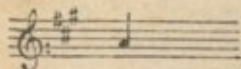


ANUDĀTTATARA :

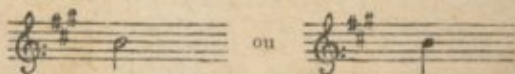
em sílaba longa, a



em sílaba breve, a

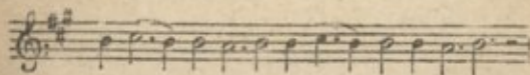


As outras sílabas, que não são marcadas na escrita,
são recitadas com o som

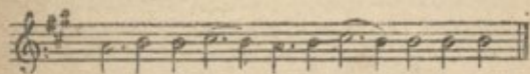


conforme forem respectivamente longas ou breves.

Assim os dois padas, cuja transcrição precede, devem ser lidos do seguinte modo (pronunciando-se todas as consoantes e aspirando o *h*).



sâ - mi - ddhô a - gni - rni - hi - tâha pri - thi - viâm



pra - riãg vi - xuâ - ni bhū - va - nâ-niâ - sthât.

Este modo de dizer os Vedas, *ligando-se* as palavras, segundo leis fonéticas especiais (como se escrevessemos em português A-zâ-rma-zi-o-jba-rõe-za-ci-na-lâ-dos), chama-se SĀHITĀ-PĀṬHA « recitação com ligação » (1).

Se as palavras se separam da frase, e se pronuncia cada uma delas separadamente, este modo chama-se PADA-PĀṬHA (*recitação das palavras* de per si, cada uma, e independentemente da precedente ou da seguinte na frase).

O texto retro transcrito seria lido segundo o *pada-pāṭha*.

SAM - ; IDDHĀḤ ; AGNIH ; NI - ; HITĀḤ ; PŪTHIVJĀM ;
PRATJAY ; VISVĀNI ; BHUVANĀNI ; ASTHĀT.

A sua recitação melódica também seria diferente, que é diferente em cada um dos cinco modos.

(1) *Samhitā* é também o nome da « colecção, do corpo dum Veda » e propriamente escrita naquela forma.

Os tres que restam para explicar são : KRAMA, GATĀ e GHANA.

Designaremos por números as palavras, seguindo a sua ordem na ríche, na fôrma *pada-pāṭha* : 1 ; 2 ; 3 ; 4 ; 5 ; 6 ; 7 ; 8 ; 9 ; 10.

Aquelas mesmas palavras na fôrma *crama* seguiriam esta ordem : 1 2 ; 2 3 ; 3 4 ; 4 5 ; 5 6 ; 6 7 ; 7 8 ; 8 9 ; 9 10 ; 10 ití 10.

Este ití designa que 10 é a ultima palavra, e portanto repete-se consigo mesma. As regras fonolójicas applicam-se com rigor a cada grupo de duas palavras. Ex. : 1 2 = SAMIDDHAH ; mas 2 3 = IDDO AGNIH ; 3 4 = AGNIRNI, etc.

Na fôrma *jatā* as mesmas palavras darão :

1 2 2 1 1 2 ; 2 3 3 2 2 3 ; 3 4 4 3 3 4 ; 4 5 5 4 4 5 ; 5 6 6 5 5 6 ; 6 7 7 6 6 7 ; 7 8 8 7 7 8 ; 8 9 9 8 8 9 ; 9 10 10 9 9 10 ; 10 ití 10.

Na fôrma *gana* as mesmas palavras serão dispostas na seguinte ordem.

1	2	2	1	1	2	3	3	2	1	1	2	3 ;
2	3	3	2	2	3	4	4	3	2	2	3	4 ;
3	4	4	3	3	4	5	5	4	3	3	4	5 ;
4	5	5	4	4	5	6	6	5	4	4	5	6 ;
5	6	6	5	5	6	7	7	6	5	5	6	7 ;
6	7	7	6	6	7	8	8	7	6	6	7	8 ;
7	8	8	7	7	8	9	9	8	7	7	8	9 ;
8	9	9	8	8	9	10	10	9	8	8	9	10 ;
9	10	10	9	9	10 ;							
10 ití 10.												

Esta fôrma é composta da *jatā* a que se junta a 3.ª palavra, e em seguida esta, a sua precedente e a anteprecedente, e estas na ordem conversã de 1 a 3.

A esta primeira parte junta-se a segunda, começando com a 2.ª palavra, o formando, com a 3.ª, *jatá* em seguida ao qual modo vem a 4.ª palavra, a sua precedente e anteprecedente, e estas tres palavras na ordem conversa de 2 a 4. A esta segunda parte junta-se a terceira, começando com a 3.ª palavra que com a 4.ª fórma *jatá* a que segue a 5.ª palavra, e esta, a sua precedente e anteprecedente, e as mesmas tres na ordem conversa de 3 a 5; etc.

Em todos estes modos de ler, sempre que ha duas ou mais palavras em contacto, êsto é regulado rigorosamente pelas leis fonolójicas.

A alguém pode parecer, porque assim o pensou um dos maiores orientalistas (*Colebrooke*, páj. 18 do 1.º vol. dos «*Essays*»), que estes modos de recitar são ridiculamente supersticiosos. Quer supersticiosos, quer não, a eles devemos a exactidão dos textos como não existe em nenhuma outra literatura transmitida por cópia de MSS ou oralmente.

O grande orientalista francês, Adolfo Regnier, fazendo a análise dos capítulos X e XI do *Pratixáquia do Ríveda*, diz que o *crama-pātha* é «*très-efficace pour la conservation du texte sacré dans toute sa pureté, et très propre à appeler l'attention, par un rapprochement immédiat, sur tous les faits remarquables de phonétique, de quantité, d'accentuation*» («*Études sur la Grammaire védique*» in *Journal Asiatique*, 1857).

Uma das grandes vantagens do *crama* é obstar a que a *riche* so altere pela fórma *pada-pātha* no caso de *tmese*. Ex. : *Rgv.* V. 2, 7.

A pronúncia e a acentuação melódica das palavras, consideradas *per se*, diferem da pronúncia e acentuação melódica *frásicas*, e portanto : a *fórma pada* não conserva nem preserva a pronúncia e a acentuação melódica próprias da *riche* (em simples leitura — não preserva a enunciação frásica), como também não

preserva a enunciação do vocábulo a *fôrma samhítá*. Mas porque a *fôrma crama* é a combinação das duas *samhítá* e *pada* (por ligação e por palavra), tem ela a grande vantagem, ainda, de preservar absolutamente a enunciação do vocábulo e a frásica.

A leitura ou recitação (*pāṭha*) na *fôrma crama* é pois a crítica por excelência da exactidão do texto.

NOTA COMPLEMENTAR

do n.º 14 páj. 67 e n.º 5 páj. 85.

INDICAÇÕES BIBLIOGRÁFICAS ACERCA DA LENDA DOS SANTOS BARLAÂM E JOSAFAT.

A literatura hindu teve o seu período áureo do século III antes da nossa era até o século I; estagnação durante uns 400 anos depois, sob o domínio na Índia dos povos que aniquilaram o império grego da Ásia Central; e revivescência notabilíssima desde o século III da nossa era até o século VII.

A êste tempo estava a literatura hindu clássica no se auge. A fama da sabedoria dos Índios havia chegado à Pérsia quando ali governava *Cosru* (ou *Cosroas*) *Nuxirvan*. Por ordem dêste monarca traduziu *Barzoi*, médico de sua côrte, o original, hoje perdido, do *Panchatantra* para lingua pélvica (*páhlavi*). Era, portanto, já conhecida a existência da literatura hindu pelos Persas antes de o ser em Bagdad, na côrte

de *Almançor*; podemos, todavia, dizer que os Árabes foram os primeiros povos a ocidente do Hindustão que estudaram a literatura hindu. Não foi só pelo livro de KALILAH UĀ DIMNAH, tradução feita por *Abd-Alah-ibn-al-Mocafu*, da coleção de apólogos indianos dados em língua siríaca segundo versão pélvica feita no VI século, que o Ocidente e principalmente o Ocidente cristão conheceu a literatura da Índia. À côrte do *Almançor* haviam chegado também livros búdicos; e *João de Damasco* a quem a Igreja reconhece por *São João Damasceno*, o qual exercia na côrte do Califa um alto cargo, ali conheceu a lenda de Buda, tal como a dá o *Lálita-Vistara* e o comentário dos *Játacas*.

São João Damasceno verteu para grego essa lenda na segunda metade do século VIII. Tanto ele como os Cristãos do Oriente disseram *Iusaf* e *Iudasaf* pelo árabe BUDASF o BUDASATF, que são o páli BODHISATTĀ e o sâmscrito BODHISATTVA « Bodisátua, futuro Buda ». Disse-se depois *Ióasaf*, *Ioasafat*. A troca de B por I consoante era facílissima, para o que bastaria a diferença de um ponto diaerético. Por êste motivo a lenda de Buda entrou no « Martirológio » com o título de « Vida de São Josafat ».

O texto grego foi publicado a primeira vez por *Boissonade* no 4º volume das suas « Anecdota Græca », Paris, 1832. *Migne* reproduziu o texto no vol. XCVI da série grega, « Patrologia Cursus Completus », com a tradução latina feita por *Billy* no século XVI.

Schubart corrigiu o texto da ed. de *Boissonade* onde fervilham os erros. Serviu-se de seis Mss. existentes em Viena de Áustria. « Wiener Jahrbücher », LXIII.

F. Liebrecht traduziu o texto grego em alemão, « Des heiligen Johannes von Damascus Barlaam und Josaphat. Aus dem Griechischen übertragen von Felix

Liebrecht. Mit einem Vorwort von Ludolph von Beckedorff». Münster, 1847.

Laboulaye no jornal dos «Débats», 21 e 26 de julho, 1859, foi quem primeiro fez notar a relação entre São Josafat e Buda nas lendas búdica e cristã. *Liebrecht*, em 1860, no tomo II, do «Jahrbuch für romanische und englische Literatur», páj. 314 sgs., escreveu um estudo sério e largo acêrca do assunto. Reproduziu êste trabalho in «Zur Volkskunde (1879)», páj. 441-460.

Littré, no «Journal des Savants», 1865, páj. 337, resolveu a questão relativa a autor, assentando que a lenda cristã era obra de São João Damasceno.

Tem-se contestado, todavia, esta opinião, e tem-se negado que *Buda* ou *Jósafat* seja um santo das Egrejas cristãs romana e grega. O facto, porém, é que todos os dados são a favor da opinião de *Littré*, o de que *Josafat* foi canonizado. A êste respeito são para nós irrefutáveis os argumentos últimamente apresentados por *T. W. Rhys Davids*, in «Buddhist Birth Stories: or Játaka Tales», vol. I, intr. xxxvi sgs.

No «Martyrologium Romanum, Gregorii XIII. Pont. Max. jussu editum, et Clementis PP. X. auctoritate recognitum» impresso em Antuérpia em 1701, lê-se a pájinas 332: «Quinto Kal. Decembris..... Apud Indos Persis finitimos sanctôrum Bárlaam et Jósaphat, quorum actus mirândos sanctus Joânes Damascênus conscripsit. »

A primeira versão do texto grego foi *siriaca*. A segunda foi em *árabe* (século XI?). A terceira em *latim*: ignora-se a data e o autor. Ha Mss. do século XII.

Foi a versão latina abreviada, e dada em epitome por *Vicente de Beauvais*, ou *Vicentino Bellovi-*

ceusis, no séc. XIII, no «*Speculum Historiale*», cuja 1.^a ed. é de Estrasburgo em 1473. Outro dominico e contemporâneo do Belovicense, *Jacobus a Voragine*, escreveu também um epítome latino que se lê na «*Legenda Aurea*». A edição antiga mais estimada é a de Paris, em 1475.

Na primeira metade do século XIII *Guy de Cambray* deu em francês a lenda de Barlaâm e Jósafat. A edição crítica é a feita por *Zotenberg*¹ e *Paulo Meyer*, in «*Bibliothek des Literarischen Vereins*», Stuttgart, vol. LXXV, 1864, com o título: *Barlaam und Josaphat französisches Gedicht der dreizehnten Jahrhunderts von Guy de Cambray nebst Auszügen aus mehreren romanischen Versionen*. Segundo e comunicação feita por *Miller* a *P. Meyer*, existe no convento de *Iveron*, no monte *Atos*, um Ms. original do séc. XI em grego com tradução marginal em francês do séc. XIII.

Ha outros textos francezes antigos da famosa lenda. Não os podemos aqui mencionar todos, nem os de que temos noticia em italiano, sueco, holandês, alemão, polaco, bohémio; mencionamos por ser notável o facto, que em *Manilha* se publicou, em 1692, uma versão no dialecto hispanhol das Filipinas. Em *Madride* havia já em 1607 apparecido uma versão hispanhola.

Para terminar esta nota, diremos que em Portugal conhecemos dois textos. Um em latim na Biblioteca da cidade do Porto; é o códice n.^o 45 do respectivo catálogo; é do século XV-XVI. Pertenceu ao Mosteiro de Santa Cruz de Coimbra. O outro é em portuguez; é um códice do séc. XV-XVI que pertenceu ao Mosteiro de Alcobaça, e está na Torre do Tombo, em Lisboa; tem o n.^o 266.

¹ O snr. *Zotenberg* acaba de publicar no «*Journal Asiatique*» (maio-junho 1885) um notável artigo acerca do livro de Barlaâm e Jósafat.

O códice de Santa Cruz abre assim :

« Incipit liber gestorum barlaam et iosaphat sermr. dei. editus greco sermone a iohanne damasceno uiro sc̃o. et emerito.

Cvm cepissent monasteria construi. ac monachor. congregari multitudines. . . . »

O códice de Alcobaça abre assim :

« Aqui se começa auida do honrrado Iffante Josaphat filho de ElRey Auenir.

Em o começo q̃ os mosteiros começarõ a seer fectos e os monges começarõ a suir anoso seuhor em terra dindia. . . . »

NOTA COMPLEMENTAR

do § 6º, páj. 112-115

SÔBNE O INTERESSE DO ESTUDO DO SÂMSCRITO.

Já depois dêste volume pajinado lêmos o livro do snr. *Max Müller* « India : What can it teach us ? » Londres 1883.

Em estilo vigoroso que reflecte o calor e a luz dum talento esplêndido e dum espírito entusiasta, o ensinamento do livro deve entrar no ánimo de quem faça aquella pergunta, e confundir os ignorantes cujo despejo moral não se haja ainda completado.

Aconselhamos a leitura a alguns homens que se julgam doutos em Portugal o desdenham dos estudos de sâmscrito.

As páginas 88-89, diz o snr. *Max Müller* :

« Mas a maior parte desta última literatura (a do 2.º período, ou clássica) é artificial ou escolástica (confronte-se o que fica por nós dito n.º 7 páj. 61, n.º 8 páj. 63); tem muitas composições interessantes a que

não falta nem originalidade, nem por vezes beleza. Todavia o seu valor é de mera curiosidade (confronte-se o que deixamos dito, n.º 7 páj. 94) para o historiador e para o filósofo, cuja simpatia pelas cousas propriamente humanas, não tem ali o estímulo que impele o escolar orientalista. (Isto é absolutamente exacto se considerarmos, como alguns autores consideram, a *Bagavadgítá*, e a filosofia de que ella é uma expressão, anteriores ao I século precedente à era cristã; no caso contrário devemos exceptuar aquelle notabilissimo poema flosófico, e a doutrina sânquia e a vedanta).

Diferente é, porém, o caso pelo que respeita à litteratura em que predominam as religiões védica e búdica. Essa abre deante de nós um capítulo no *Ensino do Género Humano*, tão notável, que em parte nenhuma tem paralelo. — Quem quiser investigar o desenvolvimento histórico da linguaagem, isto é dos nossos pensamentos; — quem quiser iustificar o primeiro desabrochar apreciável da mitologia e da religião; — quem quiser investigar as origens do que posteriormente se tornou ciência e tem o nome de astronomia, metronomia, gramática, etimologia; — quem quiser investigar o primeiro despontar do pensamento flosófico, e as tentativas primeiras de regularização da vida familiar, da de comunidades, da civil, baseada na religião, nas ceremonias e ritos, na tradição, e no contrato (*SAMAJA*); — ha de, para futuro, dar à litteratura do período védico a mesma importância que dá às litteraturas da Grécia, de Roma e da Jermânia.

P I M.

Paris. — Tip. Guillard, Aillaud e C.º. 1885.



NB



EF0000366753

H.G